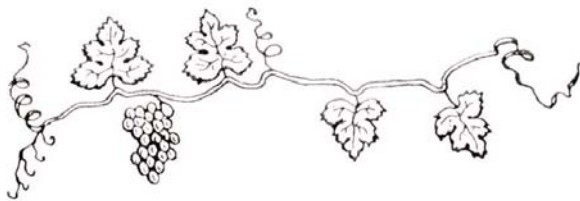


I ENCONTRO NACIONAL SOBRE A DOUTRINA SOCIAL ESPÍRITA



**Santos
1985**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	2
PREFÁCIO	6
I - VALORES DOCTRINÁRIOS	
n Introdução ao Estudo da Reforma Íntima (Almir Del Prette)	7
II - COMUNICAÇÃO	
n Contribuição para um Esboço de uma Teoria Social Espírita (Jaci Regis)	15
n Comunicação (Heloísa Pires)	35
III - ATUAÇÃO POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS	
n Propostas da Doutrina Espírita (Aylton G.C. Paiva)	40
n Ação dos Espíritas (Cláudio Antônio de Mauro)	60
IV - EDUCAÇÃO	
n Doutrina Social Espírita (Maria Eny Rossetini Paiva)	81
n Filosofia de uma Vida Renovada - Viver um Novo Paradigma (Octávio Melchíades Ullysséa)	113

APRESENTAÇÃO

O I Encontro Nacional Sobre a Doutrina Social Espírita significou um grande momento para o processo de construção do pensamento social espírita e um importante marco histórico nos anais do espiritismo brasileiro. Realizado em Santos-SP, nos dias 16, 17 e 18 de fevereiro de 1985, durante o carnaval, o evento reuniu cerca de 100 estudiosos do espiritismo. Estiveram presentes espíritas de várias regiões do País, todos preocupados com os rumos da sociedade brasileira. Esta preocupação se objetivou, tanto no temário como na tentativa de se buscar, nos intensos e calorosos debates, novos rumos para a construção de uma sociedade justa, livre e igualitária, inspirada nos princípios filosóficos e éticos do espiritismo.

O encontro só foi possível devido ao idealismo de um grupo de jovens espíritas universitários de Santa Catarina e a sensibilidade do jornalista José Rodrigues e do psicólogo e escritor Jaci Regis, que ofereceram as dependências da Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda, a divulgação através do periódico *Espiritismo & Unificação* e toda a logística necessária à sua realização.

A energia inesgotável daquele grupo de jovens aliada à experiência santista na organização de eventos espíritas, inovadores e pioneiros como este, resultou num dos momentos mais emblemáticos da história do espiritismo brasileiro.

O idealismo dos jovens espíritas universitários catarinenses se somou também à ânsia da juventude espírita da Baixada Santista e da capital paulistana em debater a filosofia espírita, então sob um enfoque mais sociológico, em um momento muito peculiar da sociedade brasileira.

Era uma fase de transição no campo político e social. Os anos de 1980 foram uma década marcada pela abertura democrática

e a retomada do engajamento político da sociedade brasileira, da articulação de partidos de caráter progressista como o então recém-fundado Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Humanista (PH), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e a articulação dos comunistas no PMDB, numa frente ampla e democrática. O crescimento dos movimentos populares, as comunidades eclesiais de base, as lideranças comunitárias no campo e na cidade, o renascimento do movimento estudantil e o crescimento do movimento sindical constituíram o pano de fundo para a retomada das lutas democráticas, reprimidas durante tantos anos pela ditadura militar.

Pensadores espíritas de mentalidade progressista como Humberto Mariotti, Manuel S. Porteiro, Cosme Mariño, Léon Denis, Eusínio Lavigne e o Movimento Universitário Espírita (MUE), dos anos 60, foram lembrados, citados e ressurgiram nesse evento, profundamente marcado pela alteridade, pela convivência fraterna e a necessidade de se oferecer à sociedade brasileira todo o potencial filosófico do espiritismo no trato das questões sociais.

O encontro teve ampla repercussão no movimento espírita, principalmente nos setores mais conservadores, que o acusaram injustamente de esquerdista e de fazer apologia das teses marxistas. Jornais de grande circulação como o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, capital e *A Tribuna*, de Santos, noticiaram o evento, que aprovou moção a favor da convocação da Assembléia Nacional Constituinte e formulou uma proposta dirigida à comissão organizadora do IX Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas (Combrajee), para a inclusão em seu temário de questões relacionadas ao pensamento social espírita.

Em 1987, realizou-se em São Paulo, capital, o segundo encontro, então com outro nome: *II Encontro Sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita* (II Ensasde). A última edição foi em 1989, em Salvador-BA.



Cerca de 100 pessoas de várias regiões do País participaram do I Encontro Nacional Sobre a Doutrina Social Espírita, realizado em Santos, no Lar Veneranda, em 1985: um dos momentos mais emblemáticos do movimento espírita brasileiro.

A comissão organizadora, formada por jovens espíritas universitários de Santa Catarina, se integrou aos espíritas santistas na realização do encontro, com ampla repercussão na imprensa espírita.



PENSE - Pensamento Social Espírita

Este registro histórico do encontro, que o **Pense** publica com exclusividade, em formato digital, serviu de base aos debates em grupo e na plenária. São textos de diversos autores sobre os temas mais variados, todos relacionados diretamente ao pensamento social espírita. Segundo as próprias palavras da comissão organizadora do evento, "o material contido nesta apostila é riquíssimo em conceitos, posicionamentos e propostas. Quem penetrar a fundo nos textos perceberá que as propostas dos expositores, ora se fundem, ora convergem, ora divergem, e isto nos parece ser um ponto positivo, pois acreditamos que seja dos pontos de vista limitados de cada um, discutidos à luz da razão, que poderemos chegar ao conhecimento da verdade."

Boa leitura!

Eugenio Lara

PENSE - Pensamento Social Espírita.

<http://www.viasantos.com/pense>

Março de 2010.

PREFÁCIO

Após quase um ano de preparação, caminhamos para a reta final que nos leva ao **I Encontro Nacional Sobre a Doutrina Social Espírita**.

O caminho percorrido até aqui não tem sido fácil, a escassez de recursos aliada aos mais diversos contratemplos foram constantes que nos acompanharam a todo momento, dificultando nosso trabalho.

Por outro lado, as cartas recebidas de diversas partes do País, apoiando a iniciativa do encontro, nos incentivaram a ir em frente e não desistir. Com a apostila que está sendo entregue cumprimos mais uma etapa desta caminhada.

Até aqui a responsabilidade pelo pleno êxito do encontro recaía sobre nós, os organizadores. Agora, de posse desta apostila, você se torna "construtor" deste êxito. O material contido nesta apostila é riquíssimo em conceitos, posicionamentos e propostas. Cabe a cada um de nós ler atentamente o que cada expositor propõe, anotando críticas, dúvidas, sugestões etc. Isto fará enriquecer os debates e, conseqüentemente, o encontro. Por isso, um bom estudo individual dos textos é *fundamental*.

Quem penetrar a fundo nos textos perceberá que as propostas dos expositores, ora se fundem, ora convergem, ora divergem, e isto nos parece ser um ponto positivo, pois acreditamos que seja dos pontos de vista limitados de cada um, discutidos à luz da razão, que poderemos chegar ao conhecimento da verdade.

Queremos agradecer aos expositores, aos companheiros de ideal espírita, aos simpatizantes, aos amigos, aos datilógrafos, operadores de máquinas copiadoras, técnicos gráficos enfim, a todos aqueles que nos auxiliaram na elaboração desta apostila e na organização deste encontro.

Por último, queremos deixar como recado uma frase de Allan Kardec, que esteve sempre a nortear nosso trabalho:

"... sua aspiração por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficazes" (*Obras Póstumas, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pág. 237, FEB, 1978*).

Fraternamente
A Comissão Organizadora

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA REFORMA ÍNTIMA

Almir Del Prette

*O espírita somente pode ser reconhecido
pela sua transformação moral.
Allan Kardec*

O estudo da **reforma íntima** pode ser empreendido sob vários aspectos. Assim, esse tema pode ser visto em seu aspecto psicológico, enfatizando-se motivações, comportamentos, determinantes ambientais ou pode ser objeto de análise filosófica da existência, da moral, da subjetividade ou ainda, situá-lo no contexto social da política e da economia.

No estudo ora proposto, o tema será abordado como uma introdução geral, sob uma ótica psicossocial. Dado o seu caráter introdutório, parece ser inevitável, em alguns momentos, a colocação de questões mais genéricas. Além disso, o leitor verificará o adiamento no aprofundamento de alguns problemas, cuja pertinência não se coloca neste trabalho. Apesar desse caráter introdutório, este estudo se reveste de muitas dificuldades, em particular, pelo cunho de ensaio, do ponto de vista do autor, no trato dessas questões e, também, pela escassez de "literatura especializada".

Dessa forma, pretende-se aqui apresentar uma breve discussão sobre o termo **reforma íntima** e seu significado, analisar seu discurso nos aspectos de alienação e transformação e propor alternativas, objetivando uma incorporação permanente da prática transformativa.

REFORMA ÍNTIMA: SEU SIGNIFICADO

A palavra **reforma** tem o significado, conforme os dicionários, de dar forma nova, de corrigir, transformar. A palavra **íntima**

significa interior, âmago, eu. Desta forma, o termo pode ser compreendido como "transformar o interior". Vale a pena esclarecer que interior tem igualmente o significado de essência, aquilo que permanece, o verdadeiro, transcendente. Nesse sentido, o termo adquire o significado de transformação do espírito. No movimento espírita, essa denominação é encarada como sinônimo de "renovação espiritual" ou de "elevação espiritual".

Em uma rápida revisão das obras de Allan Kardec (LAKE), não pudemos nelas identificar essa terminologia. Em *O Livro dos Espíritos* (da Perfeição Moral, pág. 365), Kardec analisa "os caracteres do homem de bem". A afirmação que resume esses caracteres é a de que "O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, de amor e de caridade, na sua mais completa pureza".

Ao que parece, a popularização do termo reforma íntima deveu-se, principalmente, ao desenvolvimento da literatura mediúnica, à sua ênfase ao chamado aspecto religioso da doutrina espírita. Concomitante a sua divulgação pelos livros e mensagens, o termo passou a ser utilizado nas palestras e comunicações psicofônicas. Em geral, as obras mediúnicas associam ao termo a descrição de experiências pessoais¹, onde a luta pela renovação espiritual é enfatizada.

A QUESTÃO DO DISCURSO

Pode-se verificar que a idéia central do movimento espírita no Brasil, como ele se apresenta, é o da reforma íntima. Parece haver um esforço consciente e deliberado de que é preciso promover a elevação espiritual do homem. A maioria das evangelizações infantis, das escolas do evangelho, cursos de médiuns, mocidades espíritas, foi criada e segue a orientação do discurso da "reforma íntima". Pode-se afirmar também que a

¹ Muitos exemplos podem ser citados como os romances *Renúncia e Libertação*, psicografados por Francisco Cândido Xavier e *Memórias de Um Suicida*, pela psicografia de Ivone A. Pereira.

grande totalidade dos livros impressos (psicografados ou não) se dedica ou é produzido sob essa orientação.

Por outro lado, ao longo desses anos, não se tem buscado nenhuma avaliação desse "empreendimento educativo". Embora não seja do escopo deste estudo efetuar tal avaliação, vale a pena ressaltar que a ênfase na experiência negativa², especialmente na literatura infantil, se constitui de trabalho bastante crítico ao nível das orientações psicopedagógicas.

Um dos riscos, inerente ao discurso da reforma íntima, enquanto se apresentando na dicotomia bem e mal, é levar o indivíduo a se sentir preso a um jogo de forças contrárias. Embora na realidade ocorra³ a influência espiritual (Kardec, 1857), ela se dá pela própria força de atração que a pessoa **exerce** sobre o mundo dos espíritos, da mesma maneira que atrai ou repele pessoas de seu círculo de relacionamento. Essa visão é completamente distinta daquela que coloca a pessoa como joguete de formas contrárias. Quando o indivíduo se sente entre essas forças o seu poder é diminuído e ele não se percebe mais como senhor de seus atos, tornando-se passivo em relação às entidades. Dessa forma sobrevivem o medo crônico e para livrar-se do mal e sentir-se seguro, o indivíduo busca a proteção superior através de uma autoanulação. A pessoa assume sua fraqueza e desamparo e o comportamento ritualístico tende a aumentar, sendo facilmente moldado pela variedade de acontecimentos, cuja relação com esses comportamentos é meramente acidental e não causal.

Essa autonegação é observada nas orações públicas, onde as pessoas fazem afirmação do tipo: "Eu que nada sou"; "Buscamos a proteção espiritual, pois nada somos"; "Entregamos nossas mentes aos espíritos que nos protegem".

² Relato de experiências fracassadas que são pormenorizadamente descritas na maioria da literatura.

³ Perguntas 659, 465 e 465b de *O Livro dos Espíritos*, cap. IX - Intervenção dos Espíritos na Vida Corpórea.

O ritual não se encontra necessariamente no ato repetitivo, mas essencialmente no conteúdo de elementos expressivos e simbólicos (Radcliffe-Brow, 1973). Assim, muito da prática espírita pode ser entendida como ritualística. Aspectos do ambiente que se prestam a determinadas expressividades, por exemplo, toalha branca igual a pureza; gestos no passe que emprestam caráter de afetividade; tocar a testa do "paciente" com o polegar direito: mera ação de urbanidade com valorização maximizada; por exemplo, dar uma orientação, sendo referida como uma caridade.

Se de fato esses exemplos (da autonegação) são reproduzíveis pelo discurso da reforma íntima, esta traz em seu bojo dois aspectos opostos, o da alienação e o da transformação.

O CARÁTER ALIENANTE DO DISCURSO DA REFORMA ÍNTIMA

Entende-se neste estudo a alienação como a renúncia do ser pleno e responsável. O significado estende-se à atribuição de valores inerentes ao indivíduo, enquanto indivíduo, a forças estranhas a ele. É o desfazer-se da plenitude da vida (amor), para o cumprimento de tarefas (dever), de ser agente da história (sua e da coletividade) para o sujeito de um destino inexorável, depositando **fora de si** suas mais caras esperanças.

No dizer de Fromm (1979), a alienação tem o mesmo sentido e significado da idolatria. O ídolo, construído pelo homem, fica fora do homem, não **lhe pertence** e, além disso, transforma-se em seu senhor ao qual cumpre submeter-se de todas as formas. Para agradar ao seu deus (ídolo), o homem procede de várias formas. Coloca-o em posição superior (altar), entrega-lhe oferendas (flores, incensos), oferece-lhe sacrifícios (autoflagelo). Essa relação do homem com o ídolo (coisa), chamada idolatria, pode ocorrer entre indivíduos.

Podemos também idolatrar médiuns, espíritos, oradores etc. Quando se observa no movimento espírita pessoas solicitando permissão aos espíritos para "atividades rotineiras como viajar, ir ao dentista ou recusando-se a examinar a produção mediúnica porque pro-

vem de determinado médium ou espírita, estamos diante do processo de idolatria e, conseqüentemente, da alienação.

Esses comportamentos são, de certa forma, facilmente assimiláveis em seu sentido imitativo. Ora, se tais comportamentos são considerados como paradigmáticos e generalizados no meio espírita, então eles impedem julgamentos objetivos e o desenvolvimento de outros comportamentos incompatíveis com estes. Isso desenvolve uma situação francamente desfavorável para uma assimilação de um discurso de transformação.

O risco da alienação existe em todo movimento social-religioso. A raiz da alienação encontra-se no aspecto mercantilizado das relações humanas, funcionamento social e conjuntos de crenças desenvolvidas pela ideologização dos sistemas sociais.

Dessa forma, entendemos que o discurso da reforma íntima pode se tornar alienante quando, principalmente, não contém em sua estruturação, qualquer proposta ou indicação de uma revisão do atual processo educativo-evangelizante. Por outro, achamos um equívoco culpar os praticantes⁴ do espiritismo por essa alienação. Esse tipo de análise algumas vezes empreendida, geralmente faz referência ao fato do espírita ter tido uma outra história religiosa antes de entrar para o espiritismo, ou simplesmente refere-se ao atual estágio evolutivo das pessoas. Quando as lideranças espíritas fazem tal análise, elas primeiramente bloqueiam tentativas de avaliação do processo; em segundo lugar, criam uma separação entre elas e os demais e, finalmente, muitas vezes correm o risco de desenvolver sentimentos de culpa, aumentando ainda mais a alienação.

REFORMA ÍNTIMA COMO TRANSFORMAÇÃO

Há centenas de anos conversavam, em uma praça pública de Atenas, dois homens. Seus nomes: Sócrates e Menon. Parte desse diálogo, idealizado por Platão, reproduzimos aqui:

⁴ Parte dos espíritas que não possuem grandes responsabilidades na condução do processo da reforma íntima.

MENON – Estarías disposto a dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou se pode ser adquirida pelo exercício? Ou, quem sabe, se não é nem ensinável nem adquirível pela prática, mas recebida de nossa própria natureza? Ou, talvez, de outra qualquer maneira?

SÓCRATES – A questão não é outra a não ser esta: a virtude é uma coisa que se ensina? Não está claro para todos que nada além do saber pode ser ensinado a um homem?

MENON – É o que eu penso.

SÓCRATES – Ora, supondo que a virtude seja um certo saber ela seria, está claro, alguma coisa que pode ser ensinada (...) Como os homens bons não são bons por natureza, será que eles se tornam bons através do estudo?

Embora Sócrates tenha expressado sua conclusão de que a virtude não seria ensinável, Menon, não satisfeito, aponta com bastante propriedade sua inquietação:

MENON – Esta conclusão⁵, todavia, caro Sócrates, me perturba um pouco e chego mesmo a perguntar se de fato há homens bons e, se os há, de que modo conseguem sê-lo? (PLATÃO, Menon, 70 ss)

Há cerca de pouco mais de 100 anos, o Espírito da Verdade afirmou: "Espíritas! Amai-vos, este o primeiro mandamento; Instruí-vos, este o segundo".

Das dúvidas de Menon à afirmativa do Espírito da Verdade, a questão do saber e do amor receberam tratamentos diversos. Pode-se afirmar, no entanto, que todos os movimentos religiosos trataram o problema da virtude. A maioria das religiões enfatizou a **conversão** como uma resolução à questão entre o bem e o mal. E, apesar do caráter messiânico da conversão, todas essas religiões distribuíram preceitos, bulas, orientações que continham exercícios para o crente praticar. Assim o crente, embora recebesse a graça, deveria também

⁵ De que a virtude não seria ensinável.

fazer alguma coisa para merecê-la. As religiões modernas enfatizam mais a atividade do crente e minimizam a conversão messiânica.

Essa atividade preconizada indica o pressuposto democrático de que **todos** (sem exceção) podem alcançar a virtude. Apesar disso, essas religiões não abandonaram o aspecto esotérico e mágico, mesclando-se em suas orientações métodos de psicologia como relaxamento, autocondicionamento, sugestão e numerologia, ritualismo oriental, sinais cabalísticos, teosofia. Entretanto, apesar do ato de teose (divinização) ser considerado como assumido pelo indivíduo, **ainda** se verifica o processo de intermediação. O sacerdote, o mestre ou iniciado doa ao neófito, se não a virtude, as **condições** para chegar a ela.

No discurso da reforma íntima os aspectos mágicos e a intermediação são abolidos, mas o processo da ação, no sentido da transformação, não é claramente apreendido. No dizer de Ortega (Marias, 1973), "nem toda atividade é um fazer". Muitas das atividades, interpretando esse filósofo, se realiza por si mesma, como um mecanismo. O fazer seria um ato próprio, que realizo **porque quero** e no qual e pelo qual estou plenamente consciente.

Dessa forma há na prática do que chamamos de bem, esses dois aspectos distinguíveis. Aquele que realizo, seguindo preceitos ou conselhos, como um mecanismo, procurando evitar consequências nocivas em uma vida futura e outro, que realizo plenamente consciente. Esse diz respeito à minha história no mundo, com o sentimento do eu que "nasce da experiência que a criatura tem de si como sujeito de sua experiência" (Fromm, 1979).

A primeira atividade quando predominante, pode ser classificada de alienante, enquanto que a segunda, traz a força da transformação, independente da magnitude da ação. Assim, uma prece, uma orientação, um passe pode ser sentido como uma experiência vívida e gratificante, dinâmica e, portanto, amarável, quando nesse ato aparece a decisão consciente. Nessa atividade,

ocorre o encontro entre pessoas iguais em direitos e essência, diversificados apenas em sua historicidade.

O caráter da transformação íntima no espiritismo poderia ser traduzido, na sua prática, em termos de:

a) Reconhecer a prática ritualística observável no relacionamento entre os elementos dinâmicos essenciais do movimento espírita, por exemplo, médium-espíritos, dirigente-frequentedor ou entre as pessoas e os elementos físicos componentes, por exemplo, uso da água fluida, significado da "mesa de oração" etc.

b) Analisar, utilizando referencial interno, como por exemplo, a obra kardequiana ou referencial externo; a exemplo: pressupostos filosóficos e científicos e toda obra situada no movimento espírita, seja a produção literária até as atividades denominadas de sociais.

c) Participar ativamente em grupo na construção do processo de reforma íntima, opinando quanto ao seu conteúdo e prática, com base em princípios como mensagens, livros etc.

Esses aspectos não são excludentes e se completam como proposta neste estudo, embora entendemos que possam ser reformulados com outras propostas, decorrentes da reflexão do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

Kardec, A. *O Livro dos Espíritos* - São Paulo: LAKE, 1975.

Marias, J. *História da Filosofia* - Porto: Edições Souza & Almeida Ltda., 1961.

Radcliffe-Brow, in Castro Cavalcanti, M.L.V., *O Mundo Invisível* - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

Almir Del Prette é psicólogo e professor universitário.

CONTRIBUIÇÃO PARA UM ESBOÇO DE UMA TEORIA SOCIAL ESPÍRITA

Jaci Régis

Na análise de uma possível doutrina social espírita, deveremos ter em mente que o espiritismo possui uma visão específica do homem e do mundo e é baseado nessa perspectiva que se tem desenvolvido o esforço para caracterizá-la. Em outras palavras, a doutrina espírita está firmemente voltada para a realidade existencial humana, corpórea, enquanto analisa e compreende a angústia do homem para solucionar as questões sociais, mas também, de igual maneira, essencialmente baseada na sua dimensão espiritual.

A contribuição que o espiritismo poderá dar ao aperfeiçoamento social, não pode estar desvinculada dessa essencialidade espiritual. Do contrário elaboraríamos uma tese apenas semelhante às existentes, ou tenderíamos a construir fantasias e soluções ideais, sustentadas sobre premissas alienadas da verdade.

É preciso, além disso, superar a polarização entre o indivíduo e o coletivo. Supõe-se que o indivíduo se opõe ao social e que possa evoluir distanciado dele. Pressupõe-se, numa colocação idealizada, que é preciso primeiro consertar a pessoa e esta, consertada, consertaria o mundo. Essa é uma posição ingênua.

Na visão espírita, a evolução só se processa pelo conflito do eu com o meio. Por isso, o espírito, segundo a teoria espírita, é criado simples e ignorante e deve crescer, desenvolvendo suas potencialidades, pelo atrito com a realidade externa e, no plano hominal, pela relação com o outro. Essa inter-relação elimina a dúvida sobre a prevalência de uma posição sobre a outra. O que há é conjugação.

O social engloba o indivíduo, mas não o elimina ou impotencializa. A evolução supõe, simultânea e conseqüentemente, um ato solitário - o da decisão pessoal, que é o exercício do livre-arbítrio - e uma ação solidária para a concretização do processo no real.

Allan Kardec, ao discursar perante os espíritas de Bordeaux e Lion, em 1862, abordou a questão social. Diz ele: "Quando se considera o estado atual da sociedade, é-se tentado a olhar sua transformação como um milagre. Pois muito bem. Este é o milagre que o espiritismo deve e pode realizar, pois estão nos desígnios de Deus e isto com o auxílio de uma divisa: Fora da Caridade não há salvação (...) E acrescentava: "toda a questão será fazer esse lema aceito".

Segundo o Codificador, "A Caridade é a antítese do egoísmo". Este é "a exaltação da personalidade, aquela é a sublimação da personalidade. O egoísmo faz com que o interesse pessoal prevaleça acima de tudo. Cada pessoa arrebatada o que pode para si, o semelhante é visto apenas com um antagonista, um rival pode se intrometer em nosso caminho, que podemos explorar ou que pode nos explorar. A vitória pertencerá ao mais sagaz e a sociedade - coisa triste de dizer - consagra comumente essa vitória, o que faz com que ela se divida em duas áreas principais: os explorados e os exploradores."

Para Allan Kardec, utopia não são as propostas de moralização do indivíduo. Utopia são as pretensões de mudar a sociedade sem mudar o espírito, isto é, sem uma nova visão espiritual da vida. E afirma: "o homem é eminentemente perfectível (...) negar esse fato será negar o progresso, que é uma lei da natureza. A caridade é a base, a pedra angular de todo o edifício social".

Analisando as teses socialistas, Kardec é bastante cético: "alguns homens bem intencionados, tocados pelo sofrimento de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal

em certas doutrinas de reforma social. Com pequenas diferenças, os princípios são mais ou menos os mesmos em todas essas concepções, qualquer que seja o nome que se lhes dê. Vida comunitária, por ser a menos onerosa; comunidade de bens para que todos tenham a sua parte; nada de riquezas, mas, também, nada de miséria."

Tudo isso é muito sedutor para aquele que, não tendo nada, vê antecipadamente a bolsa do rico passar ao fundo comunal, sem "cogitar que a totalidade das riquezas, postas em comum, criaria uma miséria geral, em vez de uma miséria parcial; que a igualdade estabelecida hoje seria rompida amanhã pela mobilidade da população e a diferença entre aptidões; que a igualdade permanente de bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho" (...) "Os organizadores, autores fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não visaram senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. A finalidade é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se nesse edifício não falta a base, que só ela poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável". E adiante: "... Antes de fazer a coisa para os homens é preciso formar os homens para as coisas, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir é preciso que nos certifiquemos da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e abnegação. Sob o egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vazias. Assim sendo, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação em sentido tão amplo que tenha por princípio essencial a solidariedade de todos para cada um e de cada um para com todos? "Sem a caridade não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença. Aplicai-vos, pois, a desenvolver sentimentos que, em se afirmando, destruirão o egoísmo que vos destrói. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na

religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas."

Kardec baseia-se no fato moral. Ele afirma – e quem poderá desmenti-lo – que somente o crescimento moral dará base concreta a qualquer tentativa de reformulação real da sociedade. Mas é inevitável pensar que sua análise, neste caso, é restrita. Ele repetirá seus argumentos em 1864, no capítulo XVI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: "Não podeis amar Deus e a Mamom". A leitura nos sugere uma visão mercantilista da economia, centralizada na riqueza amoedada, no ouro, na bolsa do rico, que se caracteriza no argumento pouco convincente de que a divisão aritmética da riqueza (amoedada) daria muito pouco para todos. Defendeu a acumulação da riqueza nas mãos de uns poucos e não comentou os prejuízos de seu mau uso para as massas e dos que dela dependem, ficando numa análise muito pessoal sobre as consequências que o depositário, o rico teria, seu sofrimento futuro. Justificou a desigualdade de riqueza pela diferença do empenho, da capacidade de produzir, isto é, pelas diferenças individuais, o que pode ser correto até certo ponto, mas esquece quanto pesa, para a maioria, a questão da oportunidade de trabalho, da remuneração e da justiça. Não criticou o sistema que impõe restrições ao homem.

Finalmente, acreditava que o instituto da reencarnação faria justiça, pois no rodízio palingenésico, haveria a oportunidade de todos serem ricos e pobres, o que não poderia ser realizado na prática e que, se fosse possível, consagraria a permanência de uma sociedade doente.

Em *A Gênese*, Kardec afirma no capítulo XVIII que a humanidade, como o homem, é suscetível de progredir, como um todo. Que o espiritismo contribuirá com seu poder moralizador para consolidar a transformação social, que será realizada pelo amadurecimento e pela força das circunstâncias. E afirma mais que "tornada adulta... (a humanidade) tem novas necessidades, aspirações mais vastas".

Mas, como podemos definir esse "poder moralizador"? Seria infantilidade supor-se que a palavra moral tivesse um sentido restrito ou sugerisse uma atitude de expectativa diante da realidade existencial. A aspiração de crescimento moral é uma condição natural para tornar possível qualquer tentativa de implantar uma nova sociedade, mas não pode ser confundida com fuga ou transferência para o além ou para um futuro idealizado e que precisa ser construído aqui e agora. A moralidade, no plano coletivo, não é incompatível com a mudança de comportamento. O poder moralizador do espiritismo repousa nas suas propostas filosóficas, nas bases de sua aspiração científica. Enfim, de sua visão do homem e do mundo.

Embora reconhecido que uma série de temas ficaram por ser analisados nas ponderações de Kardec, não cometeríamos o engano de julgá-lo ingênuo. Centrou-se no essencial. O conceito de caridade, por exemplo, não está no discurso kardecista, restrito ao assistencialismo e à relação pejorativa entre explorados e exploradores. É colocado dinamicamente, daí seu conceito de "caridade benemerente", muito apreciada e "caridade benevolente", muito desconhecida.

Além disso, é de se notar que o conceito de economia, naqueles tempos, transitava numa visão microeconômica, dentro do esquema "laissez-faire", não admitindo a interferência do Estado na economia. A visão capitalista era absoluta e a proposta socialista parecia mesmo uma sombra negra, contrapondo-se à ideia de Deus, de religião e da moral cristã. A Igreja, por exemplo, reagiu às teses marxistas com a encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII, em 1891, afirmando que a propriedade era um direito natural e rejeitando a "comunidade de bens".

O que Kardec não concordava era com a superação das dificuldades humanas, através de revoluções ou leis, sem que houvesse um processo educativo, que não significava a doutrinação das massas, mas na sua participação.

Uma doutrina social deve ser uma forma crítica e uma tentativa de operacionalizar conceitos filosóficos no campo político. A obra maior de Karl Marx, *O Capital*, é considerada, por exemplo, não apenas como um livro de economia política, mas, para muitos, tendente a dar uma explicação última das coisas, resolver definitivamente os grandes problemas do ser, da vida, da origem e do destino do homem. "O marxismo é toda uma concepção de mundo", segundo Plekhanov.

Assim, uma doutrina social espírita deve ser objetiva, eliminando, tanto quanto seja possível, ambiguidades. Naturalmente, ao contrário da tese do materialismo histórico, verá o homem como um espírito em crescimento, através de segmentos reencarnatórios. Mas isto, alterando embora substancialmente o ponto de apoio da análise, não descartará o reconhecimento da realidade construída pelo homem ao longo de seu caminho pela Terra. Isto é, o espiritismo utilizará a verdade reencarnacionista como uma janela para ver o homem além da barreira do nascimento, trazendo para a realidade existencial, para o aqui e o agora e não como uma fuga para o passado.

Os pontos dessa doutrina social espírita coincidirão com os de várias opções políticas e filosóficas, ora superando-os, ora aceitando-os, ora reformulando-as ou rejeitando-as. O que, contudo, estabelecerá que a análise social seja "espírita" será o enfoque, a maneira como cada um desses aspectos é encarado. Isto é, o que diferenciará a doutrina social espírita será sua ótica específica.

O espiritismo engloba, integra uma concepção do universo em que coexistem como uma realidade, tanto o que se chama plano físico, como o chamado espiritual. Não vê uma contradição irreconciliável entre eles, embora um não se reduza ao outro. São partes de uma mesma realidade. Sua visão do homem é, sobretudo, de um indivíduo auto-construído no tempo e no espaço, vivendo um momento específico no continuum existencial-reencarnacionista. Embora enfatizando sua natureza espiritual, esse homem é compreendido numa relação profunda

com seu corpo e com sua integração no meio ambiente familiar, social e humano em que se inscreve.

Esse *background* nos mostra um espírito se projetando na existência física, integrando-se nela, como instrumento de sua própria necessidade de crescimento. Daí a diversidade inquestionável dos caracteres, a existência de condições inatas, constitucionais, que não pode ser creditada à filogênese. Ao contrário, a transcende, porque é uma ontogênese que precede a vida terrena.

Essa diferenciação de caracteres, que no momento só importa reconhecer como um fato incontestado, forjou a sociedade humana, submetida, como o próprio homem, à mutação permanente, devido à inconfirmação das massas ou grupos à dominação de sistemas e instituições minoritárias, que através de mecanismos de força como de dominação sutil pela crença e imposição psicológicas, estruturaram a relação social, apelando, não raro, para o poder divino. Essa relação, por si mesma, é precária, o que impõe rupturas periódicas nas estruturas estabelecidas.

Fixando-nos na condição do espírito enquanto encarnado, isto é, como uma pessoa participante da sociedade humana, vemos que a doutrina espírita considera que esse homem tem, sobretudo, o direito de viver. E define esse direito de viver, não apenas na sua condição de vida, como tal, no interior de cada um ou na expressão da imortalidade. Define-a, enquanto vida terrena, como um estado de bem-estar físico e espiritual, que lhe é devido pela sociedade e para o qual, naturalmente, tem que contribuir.

Esse homem é igual. Nenhuma estrutura social, por mais necessária, deve contrapor-se a essa igualdade fundamental, que não se desmerece, nem desmente pela divisão de papéis na escala produtiva ou pela diferenciação pelo mérito, aqui definido como o resultado do crescimento alcançado pelo indivíduo, no tempo e no espaço.

Essa igualdade compreende o homem e a mulher que são, sobretudo, espíritos em corpos feminino e masculino, embora com funções diferenciadas, o que não significa, para o espiritismo, restrições no campo profissional e produtivo. O espiritismo não poderia dizer, simplesmente, que são iguais, sem entender as diferenças que caracterizam a condição biológica e psicológica de cada um, não apenas no que tange aos condicionamentos culturais e as imposições do modelo social masculino. Mas, transcendendo tudo isso. Em outras palavras, a igualdade que o espiritismo postula para o homem e a mulher não os descaracteriza, mas os mantém identificados nas suas funções.

Allan Kardec admitia que seria inevitável a constituição de uma elite dirigente, que chamou de "aristocracia intelecto-moral", uma projeção das teses de Platão, na República. Mesmo aí, todavia, não se vislumbra uma sociedade dividida em classes. Pode-se dizer que a tese espírita é de uma sociedade sem classes, o que é compatível com sua visão da igualdade essencial dos espíritos.

Essa sociedade sem classes não será, contudo, a ditadura do proletariado. A concepção de trabalho para o espiritismo é abrangente. Nem poderia reduzir-se a uma classe operária, no sentido estrito e cada vez menos claro, pois a projeção para o labor físico do homem, no futuro, chegando a um trabalho robotizado, o que muda todo o conceito atual. O que importa para o espiritismo não é uma relação econômica que se exaure em si mesma, definindo o contrato social. O que importa é uma relação espírito a espírito, matizada de condições de recíproco respeito e baseada na imortalidade dinâmica.

Seguramente, essa imortalidade dinâmica compreende tanto a reencarnação quanto a comunicabilidade dos espíritos, ampliando as noções de existência e vida. O próprio sentido de sociedade econômica muda para se compreender o princípio de uma felicidade possível ou bem-estar que, segundo *O Livro dos Espíritos*, poderia ser equacionada da seguinte forma: "para a vida material é a posse do

necessário, para a vida moral é a consciência tranquila e a fé no futuro" (922). O termo "necessário", não se restringe, como poderia erroneamente ser compreendido, ao limite do indispensável para a sobrevivência, mas daquelas condições de conforto e bem-estar que permitem o desenvolvimento das potencialidades do espírito, enquanto encarnado. Incluem-se não apenas a alimentação, a habitação, o saneamento básico, o transporte, mas também o lazer, a educação, a participação política, o crescimento como pessoa e a utilização de todos os recursos da tecnologia.

O espiritismo não condena o homem ao estado natural, mas pretende ajudá-lo a seguir a lei natural. Isso quer dizer que o bem-estar não será alcançado pela exploração do homem pelo homem, nem pela sua exaustão pessoal e moral.

A mudança substancial na relação interpessoal e transpessoal, constituindo a sociedade como um todo, reflete-se nas perspectivas da propriedade. É fora de dúvida que o trabalho, gerando recursos econômicos, capacita o homem a possuir bens, para seu uso, para suas necessidades e bem-estar. Tais bens são pré-condição para o exercício pleno da vida, como forma de crescimento.

A acumulação de bens, todavia, tem que ter um fim social, não egoísta, pessoal. Numa sociedade dirigida no sentido de atender as necessidades do homem, cada um deve participar com sua cota de esforço e criatividade, mas, igualmente, dos frutos desse labor. Não se pode privilegiar uns em detrimento de outros.

A sociedade não pode ser constituída, definitivamente dicotomizada, com alguns ainda que sejam bilhões – tendo o necessário e outros mesmo que sejam a minoria – recebendo uma parte insuficiente para garantir-lhes condições de usufruir dos benefícios da civilização. Daí a revisão que o espiritismo procede no instituto da propriedade.

Em lato senso, toda propriedade é precária, dada a transitoriedade da vida terrena. Todavia, nem por isso a sociedade po-

de renunciar à sua estrutura econômica e, como tal, proceder de forma a desenvolver os recursos da natureza, de maneira produtiva e distributiva. O que importa é atingir a meta, na qual, a qualidade de ser uma pessoa seja o parâmetro para sua participação na economia.

Não se pode concordar, sob nenhuma hipótese, que a sociedade se estratifique entre os que vivem na miséria, na pobreza, na opulência. Que uns possam pressupor que tenham o direito ao desperdício, enquanto outros não alcançam o necessário. Esse é um princípio moral que precisa ser operacionalizado através de uma estrutura social que estabeleça o pleno emprego, a justa participação no produto e que impeça a acumulação improdutiva e pessoal de bens. Logo, segundo o espiritismo, qualquer que seja o regime social, este tem que, necessariamente, se basear nesse princípio básico.

Embora a tendência dessa filosofia social nos leve à tese socialista, a doutrina espírita repele qualquer tipo de ditadura e se fixa, inarredavelmente, na democracia. Não seria condenável um capitalista socializado se fosse possível, uma vez que a doutrina se importa, sobretudo, com o conteúdo das metas e objetivos socialmente definidos, tendo em vista sua filosofia e seus princípios básicos.

O que é indispensável é que seja reconhecido e definido que a propriedade deve ser legítima, isto é, que não seja fruto de roubo, espoliação, nem de sistemas capazes de, com apoio legal, lesar, ainda que sutilmente, o direito inalienável de participação adequada e justa no produto por todos os que dele participarem.

A doutrina se fixa, como vimos, num regime de participação social definida e garantida, tanto no plano econômico quanto no político, uma vez que é de seus princípios, a garantia da liberdade de pensamento e de ação. Não há condições para garantir um verdadeiro sentido de vida sem liberdade. A liberdade pressupõe o direito de dispor do seu pensamento e de autodirigir-se e o direito po-

lítico de intervir nas decisões, ter acesso às informações e às deliberações de grupos dirigentes.

Até onde podemos alcançar, não vislumbramos, na doutrina espírita, um sentido anarquista, isto é, uma proposta contra a organização da nação em Estado, nem a projeção de uma única nação mundial. Compreendendo as variedades culturais estratificadas, não se pode, em nome de uma visão otimista, "supor que num tempo presumível possam ser derrubadas as barreiras linguísticas, regionais e climáticas que compõem um dos pilares da cultura e de outros, as crenças religiosas, as tradições étnicas e antropológicas de cada povo.

Assim, o espiritismo continua postulando a existência do Estado, mas projeta sua doutrina como forma de mudança conceitual quanto ao exercício do poder, que reconhece como forma criadora e condição inerente ao espírito, mas que deve, pode e precisa ser canalizado dentro da moralidade real, como um processo de servir. Aqui se consubstancia o que Jesus de Nazaré propôs: quem quiser ser o maior, que seja o servidor de todos.

Um outro aspecto é a reformulação do conceito de trabalho. Definido como "toda a atividade útil", o trabalho, sob o ponto de vista espírita, abrange todo o esforço criativo, produtivo pelo qual o espírito canaliza seus potenciais.

Assim, nesse amplo conceito incluímos não apenas o trabalho terminal, que transforma o esforço em produtos economicamente desejáveis, como utilidades, mas toda a ciência, todo o filosofar, toda a ideia, toda a pesquisa, toda administração, toda a atenção à saúde física e mental do indivíduo, todo o governo político.

A sociedade, por isso, orientará naturalmente esse esforço, esse trabalho, na busca de soluções que harmonizem as aspirações e realidades sociais e humanas, com o projeto de bem-estar da humanidade. Com isso se evitará a perda de energias, sejam essas energias conhecidas como capital, inteligência,

força física para a fabricação de armas, projetos de morte e destruição. alcançando-se a tão almejada otimização dos recursos escassos, indispensável para atender às necessidades humanas, sem exaustão moral e física do homem.

A valorização do sentido da vida que o espiritismo propõe, mudará também o trabalho de uma posição nivelada apenas a responder às necessidades econômicas propriamente ditas, mas numa necessidade vital, para tornar criativa, construtiva, à vida. Essa satisfação no labor, em condições de dignificação humana, que atualmente é perseguida através de estímulos monetários e de "status", será conseguida espontaneamente e isso refletirá na produtividade e na redução das horas de trabalho terminal, reprodutivo, mecanizado, para que se abram espaços para outras formas de atividade criativa.

Essa reformulação progressiva dos objetos existenciais propiciará novos enfoques nas artes em geral, permitindo-se esperar que o lazer da sociedade futura envolva para formas compatíveis e não se mantenha no nível atual, que significa fuga, exploração alucinatória das emoções, a viciação e o domínio de forças meramente instintivas no campo sexual. O lazer abrangerá áreas pessoais até agora pouco exploradas ou totalmente negligenciadas, devido aos apelos constantes ao nível de excitações periféricas.

Não se trata, diga-se logo, de uma projeção elitista no pior sentido desse termo. As artes "clássica" e "popular" representam partes de um mesmo sentido de busca e podem, como já acontece, fundir-se, dialeticamente, pois não se reduz a tocar, por exemplo, o samba numa orquestra sinfônica e executar uma peça de música de câmara para uma população não integrada nessa proposta. Mas fundir a mesma aspiração do belo, a ânsia de exprimir anseios e criações, através de instrumentos adequados e canais diversificados.

A proposta espírita não se comportará negligenciando a realidade, não tentará cobrir o comportamento humano como verniz de

sublimações conseguidas pela negação do Ser. Ao contrário, pelo desabrochamento, o que equivale dizer, compreender sua natureza instintiva, em processo de crescimento. Influenciará nos conceitos de vida e, portanto, na concepção de sexualidade, de família, de sociedade, isto é, forçará a reestruturação cultural.

REFLEXÕES SOBRE OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E HUMANA APLICADAS AO ESPIRITISMO

"A ciência espírita deve ter seu vocabulário como todas as outras ciências. Para compreender uma ciência é preciso, em primeiro lugar, compreender-lhe a terminologia; eis a primeira coisa que recomendamos àqueles que desejam realizar um estudo sério do espiritismo" (Allan Kardec - *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas* - tradução de Wallace Leal V. Rodrigues - in *Iniciação Espírita* - Edicel, pág. 175).

Abrimos nossos comentários com essa transcrição de Kardec porque ele teve a sensibilidade, para não dizer a genialidade, de perceber que sua primeira tarefa seria estabelecer um espaço específico para o espiritismo exprimir sua proposta. Para isso era mister identificar a nova doutrina, o que só se pode fazer dando-lhe nomes.

As primeiras linhas da introdução de *O Livro dos Espíritos* são dedicadas, justamente, a essa necessidade de exprimir com clareza possível suas ideias. "Para coisas novas são necessárias palavras novas" disse Kardec. No livro *O que é o Espiritismo*, ele analisa a questão. No diálogo número dois (O cético, pág. 49 a seguintes, EDICEL, in *Iniciação Espírita*). Pergunta o visitante: "que necessidade haveria de criar as palavras novas espírita, espiritismo, para substituir as de espiritualismo, espiritualista, que se encontram na linguagem vulgar e são usadas em todo o mundo? A resposta: "O termo espiritualista possui desde há muito uma acepção bem determinada (...) aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao

materialismo. Todas as religiões estão necessariamente fundadas no espiritualismo. Quem acredita que existe em nós algo além da matéria é espiritualista, que não implica na crença dos espíritos e em suas manifestações. Como distingui-lo do que neles acredita? Necessário se torna empregar uma perífrase e dizer "É um espiritualista que crê ou não nos espíritos". Para coisas novas, novos nomes são precisos, se quisermos evitar equívocos."

Verifica-se que o Codificador pretendeu estabelecer um caminho específico para a nova doutrina, de modo que elas não se confundissem com a genérica designação espiritualista. É sintomático que enfatizasse que o termo espiritualista tem uma significação bem determinada e que se insurgisse contra o uso de variações, volteios e adjetivações. Por isso criou os termos **espírita**, **espiritismo**, **espiritista**, de maneira a definir, sem mais adições, o que significava a nova doutrina.

Não foi o que se fez no Brasil.

Embora Kardec houvesse dito que "o objetivo essencial do espiritismo é melhorar o homem, no que concerne ao seu progresso moral e intelectual" (*O Espiritismo na sua mais simples expressão*, pág. 31, in *Iniciação Espírita*, Edicel) entre nós essa meta foi obscurecida pela visão puramente moralista e, conseqüentemente, pela absorção de termos, palavras e discursos que margeiam, se assemelham, mas não exprimem, exatamente, o que o espiritismo tem a dizer.

A própria palavra **espírita** foi, em nossos meios, por mais curioso que isso seja adjetivada. Ora propõe-se o termo "cristão". Ou chega-se a eliminar "espírita", como designativo do adepto para chamá-lo, simplesmente, de "cristão", o que seria o mesmo que dizê-lo "espiritualista".

Essa definição e mesmo a rejeição da terminologia tipicamente espírita é significativa e perturba a divulgação cor

reta da ideia doutrinária. Palavras como "karma" ou "carma", por exemplo, são usadas vulgarmente. Todavia, etimologicamente são incompatíveis com a proposta espírita, porque representam uma posição claramente fatalista, impositiva onde a vontade do indivíduo se dilui, sujeita à misteriosa ação das forças do destino.

A incorporação de processos ideológicos estranhos à doutrina, decorrente dessa contaminação de posições, se reflete pela absorção da nomenclatura alienada da compreensão espírita e contribui para a descaracterização do espiritismo. O caso da reencarnação é típico. Sendo um princípio muito geral, tem no espiritismo, contudo, um sentido muito específico, o que já é um trabalho de conceituação sobre uma palavra existente. Se é preciso opô-lo à metempsicose é preciso caracterizá-lo sem contaminação com resíduos ideológicos do princípio da queda e da punição divina, tão ao gosto das teologias.

A formulação de ideias acerca do objetivo da existência terrena, por outro lado, exige a criação de palavras que ganhem um significado adequado à visão espírita. São, pois, inadequadas à veiculação do pensamento doutrinário, ideias e palavras que expressem um sentido pejorativo em relação à vida corpórea, como "vale de lágrimas", "hospital" etc. Em outros termos, queremos enfatizar a necessidade de criarmos ou pelo menos conceituarmos de maneira precisa uma terminologia espírita, de modo a evitar meras transposições de palavras que têm um curso marcado na opinião pública ou na cultura em geral, para designar propostas espíritas.

Nesse sentido, organizamos um quadro explicativo para mostrar a diferença de conceito que uma palavra tem para o espiritismo e para concepções religiosas, em geral. Fixamo-nos nas concepções religiosas porque são as mais populares e as que ocorrem com grande espontaneidade. O quadro é apenas uma amostra, daí ser, necessariamente, reduzido.

QUADRO DEMONSTRATIVO

TERMO	CONCEPÇÃO NÃO-ESPÍRITA	CONCEITO ESPÍRITA
Deus	Antropomórfico, uma pessoa, criador do Céu e da Terra.	Causa primária, inteligência suprema.
Jesus	Cristianismo em geral – Filho unigênito. Messias. O Cristo. Parte da Santíssima Trindade. Sem ele o homem não se salva. Roustainguismo – Espírito que jamais pecou. Não reencarnou, mas materializou-se. Seu corpo foi aparente. Sem ele não há salvação.	Espírito de elevada categoria, reencarnado como emissário de Deus para estabelecer conceitos morais definitivos. Não pôde dizer tudo.
Carma	Termo sânscrito. Representa o destino, o sofrimento como forma de pagamento e condição necessária ao nirvana futuro.	Não há termo correspondente.
Causa e Efeito		Processo dinâmico em que o espírito está inserido no seu crescimento. Instrumento indispensável ao seu progresso.
Encarnação	Cristianismo – Condição necessária para a criação da alma. Só se encarna uma vez. Roustainguismo – Punição aos espíritos que no estado fluídico “caíram”. A encarnação inicial pode ser feita em animais (criptógamos carnudos).	Processo natural, inerente ao projeto evolutivo, pelo qual o espírito realiza uma etapa primordial de seu progresso.
Reencarnação	Cristianismo – Não admite Roustainguismo - Processo de purificação dos que tenham caído na necessidade de encarnar. Orientalismo – Relacionada com o carma; pode ser em animais (metempsicose).	Segmento cíclico inerente ao processo de crescimento do espírito e indispensável ao seu desenvolvimento moral e intelectual.

Toda comunicação humana é, em essência, verbal. Mas a transmissão oral é precária. Daí surgiu a escrita para tentar sedimentar o conhecimento. O livro é consequência dessa necessidade. A imprensa é uma forma de comunicação ágil, móvel, escrita e pictórica. O rádio é a transmissão oral à distância e a televisão une palavra e imagem. Enquanto o livro sedimenta, o jornal e a revista subsidiam a construção de uma ideia, a formação da opinião pública; o rádio e a televisão massificam a informação.

O Livro dos Espíritos é a unidade básica do espiritismo. A *Revista Espírita*, surgida em janeiro de 1858, criada, redigida e dirigida por Allan Kardec até sua desencarnação, é o protótipo da imprensa espírita.

No Brasil, a imprensa espírita nasceu com o jornal baiano "Echo d'Além Túmulo", por Luiz Olímpio Teles de Menezes, em 1869. Nasceu sob forte pressão religiosa. A mais antiga publicação com o nome espírita, atualmente em circulação no Brasil, é a revista *Reformador*, lançada em 19 de janeiro de 1883, por um grupo fortemente místico.

Talvez o mais importante comunicador espírita brasileiro neste século tenha sido Caírbar Schutel, que na pequena cidade paulista de Matão irradiou sua obstinada capacidade, criando o jornal *O Clarim*, em 1905, a *Revista Internacional de Espiritismo* e o primeiro programa radiofônico espírita, ambos em 1925.

A linha editorial é específica no caso da *Reformador*, autoconceituada como mensário de espiritismo religioso baseado nas teorias de João Baptista Roustaing ou difusa como a maioria dos milhares de tablóides, páginas mimeografadas, revistas e jornais que circulam em todo o País. A maioria, principalmente a partir de 1950, com a ascensão do médium Francisco Cândido Xavier e seu guia Emmanuel à posição de

condutores do movimento espírita brasileiro, no campo ideológico, dedica-se ou à divulgação de mensagens mediúnicas ou de trabalhos que rendem a interpretação exaustiva dos textos evangélicos e bíblicos ou à doutrinação moralista.

Só nos últimos anos é que se nota uma reação tendente a reduzir essa posição alienante e voltar-se para uma difusão mais dinâmica do espiritismo, dificultada, todavia, pela falta de uma linguagem específica e pelo envolvimento de uma atmosfera mística que inibe a busca e a investigação. Pensa-se que a imprensa espírita deva ser "positiva", isto é, mostrar aspectos positivos, harmoniosos, imagens que tendem a criar otimismo e esperança. Para isso se faz uma divisão profunda entre o espiritual, tomado como o que fica além da morte, num plano praticamente sobrenatural e o material, visto pejorativamente como campo de todos os males de onde o crente deve fugir.

Um conceito de caridade benemerente domina a maior parte que supõe que esse é o caminho da redenção, sintetizado na frase "uma gota de ação num oceano de palavras". Toda a intelectualização é depreciada, valorizando-se o sentimento. A educação da criança e do jovem é encarada sob um ponto de vista redentor, de fortalecimento contra a tentação, como se a vida fosse um corredor polonês, que cabe atravessar sem vivenciar, a não ser o indispensável.

Essa visão é perpassada para a imprensa que a reflete, daí para que não sejam abordados temas que pareçam polêmicos, ou que ultrapassem o limite de um moralismo convencional. Dá-se muita importância à ocorrência de fenômenos mais ou menos espetaculares ou divulga-se com certo orgulho o fato de algum artista, político ou pessoa conhecida na sociedade declarar-se espírita.

Listamos a seguir alguns pontos sobre nossa compreensão sobre o papel da imprensa espírita:

A - Seu compromisso é com a verdade espírita

Compreendermos que a visão espírita é específica e definida e para nós a que melhor contribuiu para uma adequada compreensão do homem e do mundo. Por ser específica, deve ter uma linguagem própria e analisar todas as circunstâncias dentro dessa sua visão doutrinária, independentemente de instituições e pessoas.

B - Tem que ser crítica

A imprensa espírita não pode contentar-se ou transformar-se em simples panfleto de propaganda, mas incorporar dinamicamente as necessidades do homem e exercer seu papel crítico de formadores de opinião.

C - Precisa ser bem apresentada

Os recursos gráficos e os avanços das técnicas de redação, diagramação e editoração exigem atualização e disposição, para tornar os veículos impressos atraentes e objetivos.

D - Necessita definir seu próprio estilo

Mesmo quando destinada ao público externo, a imprensa espírita necessita encontrar seu estilo, fugindo tanto do sensacionalismo que banalizaria sua mensagem quanto do hermetismo, que reduziria seu alcance como veículo de comunicação. É imprescindível que a proposta espírita compreenda uma reavaliação filosófica do homem e do mundo, baseada num esforço de investigação científica e se projetando como um desafio de moralidade. Nesse sentido é que o estilo da imprensa espírita servirá, também quando alcançado, de paradigma para o bom entendimento do espiritismo.

A arte é uma forma de comunicação. Ela em geral toca as formas mais primitivas, afetivas das pessoas, por ser lúdica, apelando para a fantasia, para o símbolo.

Questionamos a existência de uma "arte espírita". Mesmo a chamada "arte com mensagem espírita" tem se limitado a proje-

ções meramente "espirituais", entendidas como representações de cenas de espíritos desencarnados, projeções de ambientes mais ou menos desestruturados. Todavia, a temática espírita não pode, em si mesma, descartar o mundo corpóreo. Aí também pode o artista encontrar motivos para exprimir-se.

Quanto à arte mediúnica, a encaramos:

- a) Como prova da imortalidade;
- b) Como expressão de artistas desencarnados e, como tal, sujeitos à crítica, como os encarnados;
- c) Como uma contribuição ao estabelecimento de uma mentalidade menos mórbida em relação ao plano espiritual. Está claro que estamos considerando a arte mediúnica genuína e não as expressões anímicas tão comuns.

Jaci Regis é economista e jornalista.

COMUNICAÇÃO

Heloísa Pires

O ser, segundo Jean Paul Sartre, veio à terra da necessidade de comunicação. A comunicação é indispensável ao desenvolvimento do indivíduo. Todos os seres inferiores se comunicam, todos possuem uma linguagem especial. As formigas e abelhas possuem meios próprios para entrarem em contato.

No homem, a comunicação atinge formas mais aprimoradas. É através do relacionamento com o seu próximo que o indivíduo se aprimora. Sartre diz que "o outro é o inferno". Nós, espíritas, dizemos que o outro é a oportunidade de crescimento. É nos relacionamentos, muitas vezes difíceis com os outros seres, que nos desenvolvemos.

O homem utiliza a comunicação para induzir o outro a pensar como ele, para dominar as massas, para educar e para deseducar. A comunicação continua a existir quando o ser deixa a dimensão do mundo material e penetra no mundo da antimatéria, no mundo espiritual.

Mentes físicas e extrafísicas continuam a se comunicar. Diz o russo Vassiliev que nada detém o pensamento; ele estabelece ligação entre todos os seres do Universo. Uns agem sobre os outros através das ligações mentais, "enriquecem ou empobrecem" o próximo pela emissão de pensamentos melhores ou piores. Só o homem possui a capacidade de induzir, de educar, de levar o outro a fazer o que ele deseja.

No século 20 o homem entra na era da computação e a comunicação passa a ser cada vez mais sofisticada.

A máquina publicitária esmaga o homem, exerce uma pressão terrível levando o ser a desejar apenas ter; o homem perdeu de vista o Ser Espiritual que é; vive apenas o "aqui e o agora", angustiado por não poder ter; e quer sempre mais. Os meios de comunicação devem ser melhor utilizados para auxiliarem o homem

em seu crescimento espiritual. A doutrina espírita, cuja finalidade é a educação das massas, deve aproveitar os meios de comunicação para realizar a sua tarefa de elevação dos seres.

Analisando os meios de comunicação vemos que:

1) Jornais Espíritas

A maioria não corresponde às necessidades dos seres. Não encontraram seus próprios caminhos e, para se imporem, imitam o sensacionalismo dos piores jornais leigos, o que os torna ineficazes. É preciso que os jornais espíritas sejam agradáveis, atuais, mas não apelativos, com manchetes exageradas, que nem sempre correspondem à verdade. Através do jornal sério, bem feito, o espírita vai conseguir atingir um maior número de cidadãos despertando-os para a conscientização de seus direitos e deveres; vai atuar no meio social modificando-o para melhor.

2) Revistas Espíritas:

Pouco eficientes, pouco interessantes em sua maioria. Existem exceções. Deveriam ser agradáveis de ler, apresentando contos e reportagens numa forma atual.

O espírita deveria fazer revistas atraentes e coloridas para as crianças, com estórias que desenvolvem a fraternidade, o amor. Os seres que "vestem a roupagem da inocência" seriam suavemente induzidos ao crescimento espiritual.

3) Televisão

Os espíritas deveriam estudar um modo de utilizar a televisão para a educação das massas. Os espíritas não iriam "salvar" ou criticar essa ou aquela doutrina espiritualista. Iriam, através de programas bem feitos, convocar o homem ao crescimento para o qual esta apto.

4) Livro

O livro espírita precisa evoluir. Com honrosas exceções, apresenta mensagens adocicadas ou assustadoras que não encontram mais lugar no século 20.

O homem deve ser conscientizado de sua responsabilidade através de um chamamento que faça um apelo à razão. Não é mais hora de mensagens que nada dizem, ou que apelam para o medo do umbral que, no espiritismo, substituiu o inferno. O homem está na adolescência e não pode ser tratado como criança. Ele deve compreender que lhe convém ser virtuoso independente de prêmio ou de castigo. Cabe ao livro espírita auxiliar nessa tarefa.

5) Rádio

Existem, no rádio, alguns programas bons. O espírita pode e deve utilizar o rádio para a transmissão de sua filosofia, através de debates, entrevistas etc.

6) Palestras, Seminários, Aulas

A maioria é utilizada com o mesmo espírito igrejeiro do passado. É necessário assumir o aspecto dinâmico que o espiritismo possui, ou "atrasaremos, por séculos, a marcha do espiritismo", como bem diz Herculano Pires em *Ciência Espírita*. Os expositores, oradores, devem crescer na compreensão da doutrina espírita para poderem auxiliar o próximo. Espiritismo é libertação do ranço do passado, dos preconceitos inúteis, da ideia do Deus cruel e vingativo.

É necessário conhecermos "O Grande Desconhecido", como diz Herculano Pires: é preciso que compreendamos que "se para formar um médico são utilizados anos de estudo para formar um espírita é preciso muito estudo e pesquisa", como bem explica Kardec.

7) Comunicação Entre os Dois Planos

A mediunidade possibilita a comunicação entre encanados e desencarnados, mentes físicas e extrafísicas entram em contato normalmente em todos os instantes de suas existências. A mediunidade permite a conscientização desse fato, fazendo com que se realize com responsabilidade e aproveitamento. As mentes dos dois planos ligam-se pelo pensamento e há a troca de experiências necessárias ao crescimento dos indivíduos.

Luísa Rhine e Joseph Rhine, cientistas nao-espíritas, falam sobre o intercâmbio que se realiza entre os dois Universos: material e espiritual.

Mediunidade é apenas comunicação e auxilia o desenvolvimento dos seres.

8) Telepatia

Comunicação que se realiza independente das distâncias. Ligação mente a mente, que transmite todo um estado do indivíduo. Reconhecida em sua importância por russos e soviéticos, que a utilizam em suas experiências. No fenômeno mediúnico há a ligação telepática. É a linguagem do futuro, a comunicação sem barreiras que unirá todos os mundos; será utilizada pelo homem cósmico.

Importância da Comunicação:

União dos seres.

Troca de experiências.

Diminuir distâncias fazendo com que as conquistas espirituais ou materiais cheguem a todos. O conhecimento atinge todas as regiões da Terra. Cada indivíduo que cresce pode induzir outros ao crescimento.

Conclusão

A finalidade da existência é a transcendência. A reencarnação não visa o pagamento de dívidas, mas o desenvolvimento das perfectibilidades.

Os seres só conseguem o desenvolvimento através do processo de relação através da ligação com outros seres.

A autoeducação que a doutrina espírita proporciona vai permitir ao ser transformar-se numa peça útil na engrenagem social.

Através dos meios de comunicação, da linguagem oral e escrita, da emanção de seus pensamentos, o indivíduo agirá como um indutor ao progresso. Ninguém caminha só; o organicismo de Herbert Spencer é uma realidade.

A informática vem intensificar a comunicação e um mundo novo surgirá.

A doutrina espírita auxiliará para que seja um mundo melhor...

Heloisa Pires é professora e oradora espírita.

PROPOSTAS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Aylton G. C. Paiva

1. A PROPOSTA ESPÍRITA NA ECONOMIA

Para iniciarmos um relativo entendimento sobre a correlação entre o espiritismo e a economia, sem a fixação e delimitação em definições, colhamos no verbete do mestre Aurélio: Economia - "Ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo dos bens materiais." (1).

Na mesma obra poderemos tomar uma espécie do gênero, que também será útil à nossa análise - Economia Política: "Ciência que estuda, sob diversos aspectos e em vários graus de extensão, a riqueza, como um meio de produção, distribuição e consumo, em função dos interesses e das necessidades humanas, e visando ao melhor aproveitamento e rendimento máximo dela, dentro da ordem legal e moral".

Observamos, então, que o "modo de produção" tem um significado muito importante, pois fundamenta o sistema social. Ele condiciona o Estado, as instituições políticas os valores, as ideias, as formas de relacionamento humano.

A estrada da economia, hoje, bifurca-se: O **capitalismo** (com sua diversidade de manifestação) e o **socialismo** (também em sua diversidade teórica e prática).

Maurice Dobb (2) conceitua: o capitalismo como um sistema em que os utensílios e as ferramentas, edifícios e matéria-prima com que é obtida a produção (capital) são predominantemente de propriedade privada ou individual. Karl Marx definiu o capitalismo como um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade.

No socialismo o fundamento é a propriedade social dos meios de produção, portanto, os meios de produção, distribuição e consumo não estão em mãos do capitalista (propriedade privada).

É evidente que o espiritismo enquanto doutrina social tangencia, também, a propriedade dos meios de produção, distribuição e consumo dos bens; inclusive, em seus aspectos filosóficos, apresenta valores na análise destas causas e seus profundos reflexos na sociedade e sua organização.

No sistema capitalista o lucro é a aspiração máxima, principalmente a acumulação desse lucro que produzirá a riqueza. Allan Kardec indagou: "A desigualdade das riquezas não se origina na das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais meios de adquirir bens do que os outros? Responderam os espíritos: "Sim e não. Da velhacaria e do roubo, que dizes?" (3) Mais adiante questiona-se sobre a riqueza herdada, a qual não seria fruto de paixões más. No entanto, os espíritos responderam: "Que sabes a esse respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verá que nem sempre é pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? Mesmo, porém, sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a **cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida**, os desejos secretos de possui-la o mais depressa possível, sejam sentimentos louváveis? Isso o que julga Deus e eu te asseguro que o seu juízo é mais severo que o dos homens".

Depreende-se que a análise que a doutrina espírita faz da riqueza é realista e busca não só o que ela é no momento, mas aprofunda-se em sua origem, tida quase sempre como espúria, na forte expressão: "Da velhacaria e do roubo". E entende que a riqueza tem um significado mais profundo se é para corrigir uma injustiça: "...fica sabendo que muitas vezes a riqueza só vem ter as mãos de um homem para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça." (4)

A **doutrina social espírita**, consubstanciada em *O Livro dos Espíritos*, parte Terceira - Das Leis Morais, não trata de modo individualista, ou seja, em função da pessoa, os estados de riqueza e pobreza. Dá-lhes o enfoque social: "Há pessoas que, por culpa sua, caem na miséria. Nenhuma responsabilidade caberá disso à sociedade? Mas, certamente, já dissemos que a sociedade é, muitas vezes, a principal culpada de semelhante coisa. Ademais, não tem ela que velar pela educação moral dos seus membros? Quase sempre é a má educação que lhe falseia o critério, ao invés de sufocar-lhe as tendências perniciosas." (5)

Acreditamos, fique bem claro, que para o espiritismo os meios de produção, distribuição e consumo de bens, que propiciam a riqueza, devem estar em função do bem-estar dos membros da sociedade.

Ademais, é bem clara a afirmação: "Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome" e mais, com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e solidariedade e ele próprio também será melhor." (6)

Por outro lado, a **doutrina social espírita** não é tão simplista ao ponto de admitir a igualdade absoluta das riquezas, pois: "a isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres". (7)

No entanto, na mesma esteira de reflexões encontramos que por não ser possível a igualdade das riquezas, o mesmo não se dá com o bem-estar; "o bem-estar é relativo e todos poderiam dele gozar, se se entendessem convenientemente, por que o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer". (8)

A ótica espírita é profunda com relação ao bem-estar social, chegando até ao ponto de o trabalho atender às condições de vocação e aptidão do ser humano. Isto é, o trabalho deve ser fonte de gozo e não instrumento de alienação e forma de domínio e exploração do trabalhador. O trabalho é considerado um instrumento de aperfeiçoamento do ser.

Arremata Allan Kardec no comentário à questão nº 816 de *O Livro dos Espíritos*: "A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: "Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo da agulha do que entrar um rico no reino dos céus".

A economia deve prover as necessidades do ser humano: "Verdadeiramente infeliz o homem só o é quando sofre falta do necessário à vida e à saúde do corpo". (9)

É evidente que a falta do necessário à vida e à saúde implica na falta de habitação, alimentação, vestuário, educação, lazer. Não é o simples sobreviver.

Portanto, a economia, na visão espírita, deve regular de maneira justa a produção, a distribuição e os bens em função do bem-estar individual e coletivo.

Não se limita tampouco aos limites de um país, mas encontra no mesmo sentido a solidariedade entre os povos e a troca harmônica e justa entre as nações.

A acumulação de bens deve satisfazer as necessidades básicas, pois assim é entendido o direito de acumular bens: "O direito de viver dá ao homem o de acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais trabalhar? Resposta: "Dá, mas ele deve **fazê-lo em família**, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não como egoísta. Há mesmo animais que lhe dão o exemplo de previdência." (10}

Embora admitindo como natural o desejo de possuir, o espiritismo ensina que “quando o homem deseja possuir apenas para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo”. (11)

Por outro lado, conceitua a legítima propriedade: “Propriedade legítima só é a que foi **adquirida sem prejuízo de outrem.**” (12)

Relativamente ao direito de propriedade elucida: “... a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprovava. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreende a justiça. O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.” (13)

2. A PROPOSTA ESPÍRITA NO PODER

A consideração sobre a proposta espírita relativamente ao poder deve ser considerada inicialmente à luz da lei da igualdade, no capítulo IX - Parte 3, de *O Livro dos Espíritos*.

Estabelece ela a igualdade entre todos os homens, pois “todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos”. (14)

No tocante ao poder social, esclarecem os espíritos a indagação: “Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio oprimir os fracos? – Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros”. (15)

Observamos que o poder, como forma de oprimir merece, no Espiritismo, o anátema, a execração, a condenação.

O poder na doutrina espírita está intimamente ligado à solidariedade, liberdade e fraternidade em qualquer nível social em que se manifeste: no lar, no trabalho, nos grupos sociais e na própria organização social.

Destaca a questão 779 da obra já citada: "O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se, então, que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros por meio do contato social".

Obviamente observamos um relacionamento de poder entre os que têm maior progresso e os outros menos adiantados. No entanto, o contato social deve propiciar ao que está mais adiantado a possibilidade e até mesmo o dever de auxiliar o outro.

Jamais, então, esse poder poderá ser exercido no sentido da opressão, do domínio e da exploração do semelhante.

Allan Kardec aprofundou a visão espírita do poder na tese desenvolvida em *Obras Póstumas*: "Aristocracia vem do grego *aristos*, o melhor, e *kratos*, poder. Aristocracia, pois, em sua acepção literal, significa "poder dos melhores".

"Em nenhum tempo, nem no seio de nenhum povo, os homens, em sociedade, hão podido prescindir de chefes; com estes depa-ramos nas tribos mais selvagens. Decorre isto de que, em razão da diversidade das aptidões e dos caracteres inerentes à espécie humana, há por toda parte homens incapazes, que precisam ser dirigidos, homens fracos que reclamam proteção, paixões que exigem repressão" {16}

A seguir analisa, através dos tempos, as várias formas do exercício político:

1º - Aristocracia Patriarcal – O poder estava com os mais velhos;

2º - Aristocracia da Força Bruta - Surge o poder dos chefes militares, que tem atravessado o tempo e convivido com as outras várias formas de poder.

Na questão nº 742 de *O Livro dos Espíritos*, encontramos: "No estado de barbárie, os povos um só direito conhecem, o do

mais forte. Por isso é que para tais povos, o estado de guerra é um estado normal".

Todavia, deparamo-nos na mesma obra com a advertência:

"Deus a uns deu força para protegerem o fraco e não para o escravizarem" (sob todos os aspectos).

3º - Aristocracia do Nascimento - "... Veio assim a divisão da sociedade em duas classes; a dos superiores e a dos inferiores, a dos que mandam e a dos que obedecem. Estabeleceu-se de tal modo a aristocracia do nascimento." (17)

4º - Aristocracia da Riqueza - "Elevou-se então uma nova potência, a do dinheiro, porque com dinheiro se dispõe dos homens e das coisas" (13) Os ricos "eram tidos como eleitos de Deus e sobre eles estava a sua bênção.

As consequências foram: "O individualismo tomou conta de tudo. As disputas de riquezas, mercados e posicionamento social, alastrou o espírito competitivo". (19)

5º - Aristocracia da Inteligência - "Logo, porém, se aperceberam de que, para conseguir a riqueza, certa dose de inteligência era necessária, não sendo muita para herdá-la, de que os descendentes são quase sempre mais hábeis em a consumir do que em ganhá-la, de os próprios meios de enriquecimento nem sempre são irreprocháveis, donde resultou ir o dinheiro perdendo, pouco a pouco, seu prestígio moral e tendendo essa potência a ser substituída por outra, por uma aristocracia mais justa: a da inteligência, diante da qual todas podem curvar-se, sem envelhecerem, porque ela pertence tanto ao pobre quanto ao rico".

6º - Aristocracia Intelecto-Moral - "Será essa a última aristocracia, que se apresentará como consequência ou antes, como sinal do advento do reinado do bem na Terra. Ela se erguerá muito naturalmente pela força mesma das coisas. Quando os homens

de tal categoria forem bastante numerosos para firmarem uma maioria imponente, a massa lhes confiará seus interesses". (21)

No entanto, a questão do poder envolve uma "práxis".

A ação no exercício do poder "intelecto-moral" preconizado pelo espiritismo tem como desafio: "Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome." (22) Ao que comenta Allan Kardec: "Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por sua culpa pode faltar o necessário. Porém suas próprias faltas são frequentemente resultados do meio onde se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor".

Portanto, nesse aspecto, ou na ação do poder, sob os fundamentos do espiritismo, propõe-se uma participação efetiva na transformação da sociedade. Daí reiterarmos "Sob o aspecto filosófico, o espiritismo tem a ver e muito com a política, já que esta deve ser a arte de administrar a sociedade de forma justa." (23)

Há, pois, uma inequívoca contribuição política sob o aspecto filosófico que o espiritismo oferece à sociedade humana, a fim de que ela se estruture, se organize e funcione em termos de verdade, amor e justiça.

Disseram os espíritos: "Quando bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais". (24)

Para essa ação alerta Allan Kardec: "Digamos, antes de tudo, que os bons, na Terra, não são absolutamente tão raros como se julga; os maus são numerosos, é infelizmente verdade; o que, porém, faz ela pareçam ainda mais numerosos é que têm mais audácia e sentem que essa audácia lhes é indispensável ao bom êxito. De tal modo, entretanto, compreendem a preponderância do bem que, não podendo praticá-lo, com ele se mascaram. Os bons,

no entanto, não fazem alarde das suas qualidades, não se põem em evidência, donde parecerem tão pouco numerosos". (25)

Quanto à forma de ação vale assinalar a indagação de Allan Kardec: "Porque, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons? A resposta foi precisa e franca: "Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.

Reiteramos: "o espírita tem que participar e influenciar na sociedade em que vive, procurando levar às instituições que a estruturam os valores e normas do espiritismo. Isso é uma participação. Não pode preocupar-se com a reforma íntima, isolando-se em um "oásis de indiferentismo" pela sociedade em que vive. É verdade que essa ação política conflitará com os interesses dos egoístas e orgulhosos, individualmente ou em grupos.

Assim, essa ação política deve objetivar o bem comum. Aqueles que pretendem o bem não podem se omitir e essa participação liga-se profundamente com a caridade, pois amar é querer o bem. Destarte, a expressão *política do amor* é querer fazer o bem de todos. (26)

3. PROPOSTA DA DOCTRINA ESPÍRITA NO DESENVOLVIMENTO DE VALORES

Entendendo-se **valores** como aqueles conceitos atribuí dos à motivação fundamental da ação humana, é óbvio que encontramos no espiritismo, como filosofia moral, categorias bem definidas.

Basicamente, os conceitos de tais valores estão lançados na parte terceira de *O Livro dos Espíritos - Das Leis Morais*.

Na análise desses valores, no relacionamento do homem com Deus, consigo próprio, com o semelhante e com o próprio mundo, Allan Kardec na questão 648 do citado livro, didaticamente, dividiu a lei natural em dez partes, nas leis de adoração, trabalho, reprodu-

ção, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a da justiça, amor e caridade.

Então, o espírita, para ter a **visão espírita** de si e do mundo, necessariamente precisa conhecer os valores propostos, sob pena de, em nome do espiritismo, ter enfoques e ações pessoais totalmente desvinculadas da filosofia espírita.

Ela nos diz: "A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo **faz pelo bem de todos**, porque então cumpre a lei de Deus". (27)

A base, então, para distinguir o bem do mal é o conhecimento e a aplicação da lei de Deus. Cumprir a lei de Deus é agir para o bem de todos.

No estabelecimento das categorias de valores há o fulcro gerador dos sistemas filosóficos e econômicos a que elas se vinculam: materialismo, espiritualismo, socialismo utópico, socialismo científico, marxismo etc. Assim, o espiritismo estabelece suas categorias de valores.

Ao se começar, numa breve análise, pela teoria e prática no relacionamento da criatura com o Criador: "Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade **fazendo o bem e evitando o mal**, aos que o julgam honrá-lo com cerimônia que não os tornam melhores para com os seus semelhantes." (28)

Para se fazer o bem e evitar o mal é necessário que o homem seja participante da sociedade em que vive, através de ações que preservem os próprios direitos naturais, como também, dentro de suas possibilidades, defenda os direitos naturais do seu semelhante.

Obviamente de nada vale a adoração exterior, manifesta em rituais e posturas falsas, se o comportamento da pessoa motiva-se pelo egoísmo, orgulho, vaidade e prepotência.

Trabalho - O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos". Assim orientam os espíritos na questão nº 647 de *O Livro dos Espíritos*. Advertem os espíritos ainda, na questão seguinte, da mesma obra que: "...O espírito trabalha, assim como o corpo". "Toda ocupação útil é trabalho". Esclarecem também que o trabalho é expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento de sua inteligência. Então o trabalho não pode ser uma forma de exploração do homem pelo homem.

Sexo - O relacionamento sexual no ser humano não é mero instrumento de satisfação de um instinto, nem pura justificativa do meio de reprodução. É acima de tudo elevada forma de exteriorização do amor em que, além da troca de sensações físicas, desdobram-se elevadas permutas de energia psíquica.

As implicações do sexo e reprodução estão analisadas na lei de reprodução da obra já citada.

Conservação - "Todos os seres vivos possuem o instinto de conservação qualquer que seja o grau de inteligência, pois a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Por isso a Terra produz de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é". (29)

Na mesma obra na questão nº 771, encontramos: "O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens. Esse direito é consequente da necessidade de viver".

Destruição - "Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus". (30)

Sociedade - "O homem tem que progredir; insulado não lhe é isto possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola". (31) Adita Allan Kardec: "Homem nenhum possui facul-

dades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso e que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados”.

Progresso - “De que maneira pode o espiritismo contribuir para o progresso? Destruindo o materialismo, uma das chagas da sociedade, ele faz com que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses.

Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos”. (32)

Igualdade - “Perante Deus, são iguais todos os homens? Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos”. (33)

Mais adiante na mesma obra, questão nº 806, deparamos: “É lei da natureza a desigualdade das condições sociais? Não, é obra do homem e não de Deus”.

Relativamente aos que se excedem, perquiriu Allan Kardec na questão seguinte: “Que se deve pensar dos que abusam da superioridade dessas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos? Merecem anátema! Ai deles! **Serão** a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros”.

Liberdade - “A liberdade pressupõe confiança mútua. Ora, não pode haver confiança entre pessoas dominadas pelo sentimento exclusivista da personalidade. Não podendo cada uma satisfazer-se a si própria senão à custa de outrem todas estarão constantemente em guarda uma com as outras. Sempre receosas de perderem o que chamam seus direitos, a dominação constitui a condição mesma da existência de todas pelo que armarão continuamente ciladas à liberdade e a coarctarão quando puderem”. (34)

Justiça - Na necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais? Certo; e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seu semelhante. Aquele que respeitar esses direitos procedera sempre com justiça. Em vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei da justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa das perturbações e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga direitos e impõe deveres recíprocos." (35)

Caridade - "Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. "Na mesma obra, questão nº 886.

Amor - "O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fosse feito". Kardec, comentário à questão anterior.

Dessa forma, os valores retirados de *O Livro dos Espíritos* e outras obras básicas deverão constituir o parâmetro para análise, diagnóstico e atuação em uma sociedade materialista e consumista como a que vivemos.

4. PROPOSTA DA DOCTRINA ESPÍRITA NA ORGANIZAÇÃO E ATUAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS

É evidente que, ao pensarmos na organização e atuação dos grupos sociais, como espíritas, é preciso ter em mente a conceituação do espiritismo sobre a economia, poder e as suas categorias de valores.

Justamente em tal área concretizamos a chamada **ação social espírita** e a inegável participação política do espírita na sociedade.

Já dizíamos que há uma inequívoca contribuição política, sob o aspecto filosófico, que o espiritismo oferece à sociedade humana, a fim de que ela se estruture, organize e funcione em termos de verdade, justiça e amor.

Em *A Gênese*, também, de Allan Kardec, encontramos no capítulo XVIII, itens 24 a 25:

"A nova geração marchará, pois para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno.

Aos homens progressistas se deparará nas ideias espíritas poderosa alavanca e o espiritismo achará, nos novos homens, espíritos dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, que poderão fazer os que entendam de opor-se-lhe?

O espiritismo não cria a renovação social; a madureza da humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o espiritismo é mais apto do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso é ele contemporâneo desse movimento.

Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados".

Temos nesse trecho um vasto programa de participação ativa e consciente do espírita na organização de grupos sociais que se estruturam em bases de justiça e amor.

"Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuxa a dos bons? Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão." (36)

Ao lado de *outros bons* os espíritas devem exercer influências que sobrepuje as dos maus.

Questão fundamental é a proposta do espiritismo para o próprio centro espírita.

A primeira delas é justamente o estudo metódico e sistematizado de *O Livro dos Espíritos*. Há muitos centros apenas com o rótulo de "espíritas". Centro onde a única prática é o mediunismo. Outros são orientados por "mensagens volantes" ou "romances mediúnicos" e até mesmo opiniões e modismos pessoais".

O que deve ser destacado na organização e funcionamento do centro espírita é o conhecimento e aplicação dos conceitos e valores propostos em *O Livro dos Espíritos* e refletidos e analisados nas demais obras complementares de Allan Kardec.

Nesse sentido, deve também participar o espírita em outros grupos sociais, clubes, entidades de classes, sindicatos, grupos culturais e mesmo obras sociais ou educativas espíritas.

Há necessidade de muito estudo e reflexão espírita para a autêntica "práxis" espírita.

5. PROPOSTA ESPÍRITA NA DIVULGAÇÃO

Nesse sentido, há que se considerar que o objetivo principal do espiritismo é ajudar o homem a ampliar ao máximo sua capacidade de ser feliz.

Por isso, na avaliação da divulgação através dos vários meios de comunicação e expressão deve-se ter em vista os conceitos relativos a valores expostos no item específico relativos ao desenvolvimento de valores pelo prisma espírita.

Portanto, não tem sentido espírita uma propaganda voltada a enfatizar a felicidade como resultado de reflexões materialistas em que se coloca o **ter** acima do **ser**. Em que se acena ao homem com uma

felicidade "consumista". A título de lucro, através de refinadas técnicas psicológicas induz-se à satisfação do supérfluo.

As artes: literatura, pintura, escultura, cinema, teatro, folclore devem revelar a beleza da essencialidade do ser humano, do espírito humano. Devem cultivar as manifestações de amor, fraternidade entre pessoas, grupos e nações.

A dignidade humana deve ser exaltada. Todas as formas de dominação e opressão desse direito humano devem ter em tais veículos de expressão meios justos e adequados de denúncia e condenação.

No momento atual, diz o espiritismo que se deve estar atento pois, conforme anteriormente já citado: "Os maus são intrigantes e audaciosos".

A crítica como indispensável instrumento do exercício da razão deve ser exercitada. O espiritismo não é uma doutrina de pieguismo, tanto quanto não o é de maledicentes.

Relativamente à crítica, diz Kardec: "O reproche lançado à conduta de outrem pode obedecer a dois móveis: **reprimir** o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Não tem escusa nunca este último porquanto, no caso então, só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá daí resultar, e porque, a não ser assim, jamais, na sociedade, se reprimirá o mal. Não cumpre, aliás, ao homem auxiliar o progresso do seu semelhante?" (37)

Então, os meios de comunicação e as artes devem estar voltados ao desenvolvimento e progresso do ser humano e ao aprimoramento da sociedade derrubando as barreiras que impedem a felicidade individual e coletiva.

6. PROPOSTA DA DOCTRINA ESPÍRITA NA EDUCAÇÃO

"A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, basta o conhecimento da ciência... Faça-se com a moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos." (38)

Não há dúvida que o fim último da educação é conduzir o homem de forma individual e coletiva à felicidade que lhe seja possível usufruir.

Por isso vale a pena citar o conceito de progresso expendido pelo espiritismo: "De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho, onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostram os preconceitos de casta e de nascimento, por isso tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagram e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário". (39)

Não há dúvida que no trecho acima está definido o programa ideal de educação do homem e, conseqüentemente, os pressupostos de uma sociedade justa.

Essa é a proposta educativa do espiritismo, tanto para a educação no sentido amplo, como para aquela que se focalize no âmbito do movimento espírita.

Portanto, a educação em sua fundamentação espírita toca dois termos: caráter e progresso moral. É indispensável para sua boa compreensão entender o significado básico de ambos: caráter – conjunto de qualidades (boas ou más) de uma pessoa, ou de um povo; moral – (filosoficamente/ética) conjunto de regras de conduta consideradas válidas.

O roteiro para atuação no caráter e na moral está delineado nas citações feitas anteriormente (38 e 39).

O instrumento inicial de educação que o espiritismo propõe é o diálogo, já anteriormente usado por Platão ao retratar a maiêutica socrática e utilizado por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*.

Então, é uma educação democrática, conseqüentemente humanista. Não há diálogo em processos "educacionais" autoritários ou autocráticos, apenas "monólogo" do dominador com o dominado, do opressor com o oprimido, do "santo" com o pecador, do "espírito superior" com o espírito inferior imperfeito.

O processo realmente é dialógico, porque Kardec indaga, os espíritos superiores respondem e, muitas vezes, ele usa a réplica e mesmo complementa, após com sua própria reflexão. Há, pois a problematização dos assuntos tratados.

Daí a postura crítica, proposta desde o início pelo espiritismo, na teorização e na "práxis".

Através do diálogo o ser se conscientiza, isto é, toma conhecimento de si, de suas potencialidades; do outro como ser de relacionamento afetivo, intelectual, emocional e do mundo: estrutura e organização que lhe sustenta a vida.

A proposta do espiritismo à educação não é elitista nem acadêmica. Não é o somatório de conhecimentos teóricos desvinculados de uma prática psicossocial.

Por isso a educação, sob o enfoque do espiritismo, tem uma prática política, pois ela prevê uma atuação consciente dentro da sociedade e do mundo, viabilizando cada vez mais a felicidade.

BIBLIOGRAFIA

1. **Novo Dicionário Aurélio** - *Holanda Ferreira*, Aurélio Buarque;
2. **O que é o Capitalismo** - *Catani*, Afrânio Mendes - Editora Brasiliense, 14ª Edição, pág. 19;
3. **O Livro dos Espíritos** - *Kardec*, Allan - Editora FEB, 29ª Edição, questão nº 808;
4. *Idem, ibidem* - questão nº 809;
5. *Idem, ibidem* - questão nº 813;
6. *Idem, ibidem* - questão nº 930;
7. *Idem, ibidem* - questão nº 811;
8. *Idem, ibidem* - questão nº 812;
9. *Idem, ibidem* - questão nº 927;
10. *Idem, ibidem* - questão nº 881;
11. *Idem, ibidem* - questão nº 883;
12. *Idem, ibidem* - questão nº 884;
13. *Idem, ibidem* - questão nº 885;
14. *Idem, ibidem* - questão nº 804;
15. *Idem, ibidem* - questão nº 807;
16. **Obras Póstumas** - *As Aristocracias* - *Kardec*, Allan, 12ª Edição FEB, pág. 217;
17. *Idem, ibidem* - pág. 218;
18. *Idem, ibidem* - pág. 219;

19. **As Aristocracias** - *Loosli*, Constantina de Mauro e *Paiva*, Maria Eny Rossetini - 1ª Edição;
20. **Obras Póstumas**, idem - pág. 219;
21. Idem, ibidem - pág. 219;
22. **O Livro dos Espíritos** - Idem, questão nº 930;
23. **Espiritismo e Política** - *Paiva*, Aylton Guido Coimbra, 1ª Edição DICESP, pág. 17;
24. **O Livro dos Espíritos**, idem - questão nº 917;
25. **Obras Póstumas**, idem - pág. 221;
25. **Espiritismo e Política**, idem pág. 94;
26. **O Livro dos Espíritos**, idem - questão nº 629;
27. Idem - questão nº 554;
28. Idem - questão nº 704;
29. Idem - questão nº 735;
30. Idem - questão nº 735;
31. Idem - questão nº 768;
32. Idem - questão nº 799;
33. Idem - questão nº 303;
34. **Obras Póstumas**, Liberdade, Igualdade e Fraternidade - pág. 213;
35. **O Livro dos Espíritos**, idem - questão nº 877;
36. Idem, questão nº 932;
37. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** - *Kardec*, Allan - 52ª Edição - FEB, pág. 165;
38. **O Livro dos Espíritos**, idem - Comentário à questão nº 917;
39. Idem - Comentário à questão nº 793.

Aylton Paiva é bacharel em direito, escritor e orador espírita.

A AÇÃO DOS ESPÍRITAS

Cláudio Antônio de Mauro

Quem está em crise? O Homem? A sociedade? O Brasil? O mundo?

De acordo com o dicionário Lello Universal, a crise é uma situação anormal e grave, uma conjuntura perigosa. É uma situação difícil caracterizada por deficiência ou falta. Pelo que se vê, pode identificar crises, tanto de caráter individual, como de um grupo social, de um pensamento, de uma economia, de uma ideologia, enfim, de uma cultura.

Geralmente as crises coletivas ou as crises de uma cultura influenciam em todas as atividades que funcionam na coletividade e acabam por alimentar as crises individuais.

A crise se configura como consequência de todo um conjunto de fatores e não deve ser entendida apenas como um momento. Ela faz parte do processo de evolução e dela o homem retira experiências e aprendizados que permitem o amadurecimento da humanidade.

Para muitos, o século 20 é um período de crise para o pensamento individual e liberal. No liberalismo, a "liberdade" dos indivíduos legitimou a concorrência e alimentou, de certa forma, a exploração de um homem por outro, a submissão do fraco ao forte.

A "igualdade" diante da lei se constitui em um engodo, no qual os proprietários confinam seus assalariados a uma vida de sacrifícios e em muitos casos, de miséria.

É possível admitir-se que um eleitor miserável tenha o mesmo nível de influência (igualdade) sobre o decurso político de seu país, de seu Estado, de sua cidade, que um bilionário ou um "bicheiro"?

Os meios de comunicação representam, quase sempre, o pensamento dos grupos dominantes. E eles são muito fortes na influência sobre o processo político.

Quando os grupos dominados se organizam e pretendem diminuir ou reverter a tendência de privilégios dos grupos dominantes, surgem os golpes militares, o fascismo, o nazismo, como formas de expressão dos grupos economicamente favorecidos.

À medida em que a humanidade percebe que a liberdade e a igualdade no liberalismo se constituem em engodo, acrescido à consciência sobre as injustiças sociais, decorrentes desse sistema, surgem os protestos de transformação das relações entre os homens.

De acordo com nossa visão reencarnacionista, espírita, há indivíduos e falanges organizadas na espiritualidade para quem interessa a manutenção dos grupos privilegiados e dos privilégios. O desejo de submeter pessoas e povos nos guilhões da escravidão, mantêm acesas as chamas das falanges e de forças espirituais que refletem a organização social no plano físico.

Um exemplo elucidador destas afirmações é oferecido por André Luiz em seu *Ação e Reação*, página 181:.

"Darão porque tanto sangue em seu caminho?

Terão muitos chorando, em torno de sua marcha?

Notei, perfeitamente, que ele não recolherá a interrogação com os tímpanos comuns, mas a apreenderá em forma de ideia, formulada de si para consigo, devolvendo-nos a seguinte ponderação pelos fios mentais, era que comungávamos um com o outro, sem que me identificasse por seu interlocutor invisível:

Sangue e lágrima, sim!... Precisei de grande dose de semelhante material em meus empreendimentos."

Que triunfador do mundo não terá sangue e lágrima na base das pirâmides da fortuna ou da dominação política em que todos eles se apóiam?

A vida é um sistema de luta, no qual a humanidade se divide em dois campos opostos - aqueles que conquistam e aqueles que

são conquistados... sou um nobre... não guardo a vocação de perder... Que importa a aflição dos fracos, se a morte para eles significa descanso e mercê?

Essa é a estrutura de pensamentos e vibrações que se formam nesses espíritos que acreditam que as pessoas existem para serem dominadas, tangidas como gado. Julgam-se capazes de decidirem e erigirem submissão em benefício de seus privilégios.

Como sabemos, as criaturas que vibram no mesmo padrão, se atraem, se aproximam e acabam por se unirem.

É certo que são espíritos doentios, enlouquecidos, entretanto, muitas vezes, lúcidos e organizados que sabem com clareza programarem suas atividades em busca dos objetivos de dominação como no caso do Barão, são capazes de tudo, não respeitam os meios para alcançarem seus intentos.

Em suma, o homem não pode ser livre e igual na sociedade? Pode e precisa, e as leis morais, em *O Livro dos Espíritos* demonstram essa necessidade. Entretanto, é indispensável que através da ação coletiva sejam criadas as condições para que se desenvolva uma sociedade com esferas mentais, capazes de envolver essas forças do mal que dificultam a marcha da evolução da humanidade.

As trevas agem em conjunto, organizadas. Esta também não deve ser a maneira de agir das forças do bem?

Somente a organização das comunidades do bem, colocada em princípios de valorização do homem, poderá vencer os males que afligem a humanidade.

"Orai e Vigiai!" Para que as forças do mal não nos sejam envolventes.

"Orai e Vigiai". Para que saibamos com clareza buscar a compreensão e o caminho que deve ser trilhado para que sejamos capazes de implantar o Reino aqui na Terra.

A fundamentação desse caminho parece estar no estudo.

O estudo foi uma preocupação constante de Kardec.

Assim é que André Moreil, na pág. 163, cita o mestre lionês que afirmou: "trabalhamos para compreender, para alargar nossa inteligência e o nosso coração. Façamos com que o amor ao próximo, inscrito em nossa bandeira seja o nosso lema, que a procura da verdade, de onde quer que venha, seja nosso único objetivo".

Kardec incentivou os estudos, recomendando a busca da verdade, de onde quer que ela proceda. O espírito científico, que caracterizou a personalidade do codificador, exigia o aprofundamento nas questões que afligiam sua razão.

Inspirado na visão e na personalidade de Kardec, o presente trabalho pretende oferecer subsídios para que os espíritas discutam os problemas sociais e econômicos que nos afligem. Somente com estudo, amor, razão e determinação teremos o instrumental necessário para colaborarmos na organização das comunidades, como caminho principal nesta importante etapa de evolução da humanidade.

1) CONDIÇÕES PARA HAVER DEMOCRACIA

Desde seus primórdios o homem viveu em coletividades, assim como os animais. Os animais irracionais quando vivem livres, na natureza, aglutinam-se em grupos semelhantes e se organizam, a exemplo das formigas e das abelhas.

Esta visão de homem gerou a afirmação sociológica de que "o homem é um animal social".

Em outras palavras, o homem pela sua própria natureza foi impelido a viver coletivamente e pretendendo sua organização.

No capítulo VII de *O Livro dos Espíritos*, após a resposta à questão 768, os espíritos afirmam "nenhum homem possui faculdades completas.

Mediante a união social é que elas, umas às outras se completam, para lhes assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que precisamos uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não isolados." (Tradução de Guillon Ribeiro - FEB).

A autoridade surgiu pelo fato de que os homens vivem coletivamente. Mesmo as sociedades mais primitivas, obedecendo seus padrões culturais, são regidas pelas autoridades.

Às vezes a autoridade é desempenhada pelos mais velhos e mais experientes; outras vezes pelos mais fortes fisicamente; às vezes pelos mais inteligentes e hábeis (Vide as *Aristocracias*, de Roosli, CA. de Paiva, M.E.R.). Segundo narram André Luiz e Emmanuel, nos planos espirituais mais elevados a autoridade é exercida pelos mais evoluídos, ou seja, pelos espíritos puros (Vide *Nosso Lar*).

Nas sociedades onde a estrutura do poder é autoritária, a autoridade é imposta, ou seja, o grupo que manda geralmente é o mais forte; esta força pode ser exercida de várias formas: pela força física, pela inteligência e pelo capital, entre outras e escolhe seus representantes que garantem a manutenção do poder.

Nem sempre o autoritarismo está vinculado às sociedades mais primitivas. Tanto é assim que alguns povos que possuem uma estrutura social mais livre, eventualmente são submetidos à ditaduras e opressões. Veja-se, por exemplo, o período de sombras em que tem vivido o Brasil, após o golpe militar de 1964.

Direitos políticos e de cidadania foram cassados, brasileiros foram exilados e muitos de nossos irmãos foram presos e torturados. De acordo com os ensinamentos da doutrina espírita não houve retrocesso no processo de evolução dos homens individualmente ou coletivamente.

É uma fase em que afloram ativamente os males inerentes do estágio de evolução em que se encontra este povo.

Deve-se considerar também que em muitos casos, alguns homens conseguem aprisionar e escravizar uma população, ainda que seu estágio de evolução permitisse obras mais edificantes.

As organizações autoritárias, por exemplo, as ditaduras, são extremamente egoístas. Elas estão alicerçadas na ideia de que o homem é impotente e por consequência deve estar submisso. Elas obstruem a crítica construtiva à sociedade e impedem sua transformação.

Nas organizações democráticas idealizadas, a autoridade tem a função de impedir que alguns não respeitem os direitos dos outros. Adotado esse método de vida coletiva, há necessidade de uma organização administrativa, ou seja, de um Estado que, segundo Huisman e Verger. "... não tem outro fim senão realizar e garantir (bem longe de destruir) a liberdade e a igualdade as quais o indivíduo tem naturalmente direito".

Em verdade, essas seriam as funções ideais do estudo em uma sociedade democrática. Na prática, o Estado representa uma parcela da população, correspondente aos grupos sociais dominantes.

No mundo ocidental a democracia ficou mais ligada aos países capitalistas onde a liberdade se resume na liberdade de produção. Ainda assim, nem todos podem produzir. A mercadoria resulta dos modos de produção e dos meios de produção.

Os modos de produção, segundo a visão de Souza, J. C. (1980), incluem as forças produtivas e as relações de produção.

Os meios de produção são os equipamentos, a terra, a indústria. Esses meios de produção estão nas mãos dos capitalistas.

Se os capitalistas controlam os meios de produção, somente eles têm liberdade de escolher o que produzir. Ao proletário resta a possibilidade de vender sua força, seu trabalho, em troca do salário.

Deve-se considerar que, nas democracias capitalistas, nem mesmo os capitalistas são livres para produzir. Eles estão presos ao mercado de consumo e competem entre si, geralmente dizendo uns aos outros. Os mais poderosos economicamente, através da propaganda podem mesmo formar uma sociedade de consumo para absorver suas mercadorias.

Ocorre que numa sociedade capitalista, o lucro tem muita importância. Os possuidores de capital, os capitalistas, precisam ampliar seu dinheiro e para isso, devem ter um retorno que seja maior do que o valor que aplicaram. Por esse motivo, ou seja, pelo lucro os capitalistas revendem seus produtos por um preço superior ao que custaram para serem produzidos.

Deve-se ter em vista que a única maneira de haver produção de riquezas e valores é através do trabalho. Por isso, os capitalistas contratam pessoas para trabalharem e, portanto, produzirem. Entretanto, a produção, resultado do trabalho, pertence ao proprietário dos meios de produção.

Por esse motivo é que se afirma que o empresário usurpa a riqueza de seu empregado.

Pelo que se vê, fica difícil admitir-se que num país de economia capitalista haja a democracia idealizada. Para que exista uma sociedade democrática os homens precisam ser iguais e capazes de definirem a vontade coletiva.

Isto quer dizer que os indivíduos querem ser felizes e por isso, apesar de suas diferenças individuais, seus interesses são comuns e por isso, as decisões podem ser coletivas. No dizer de Rousseau em seu *Contrato Social*, segundo Huisman e Vergez "...é a carta magna de toda democracia", "Retirai as vontades particulares os mais e os menos que se destroem mutuamente e restará, na soma das diferenças, a vontade geral".

Isto implica na formação dos compromissos de responsabilidade, com base nas decisões coletivas. Exige maturidade de seus membros. Esta maturidade é adquirida com treino e, portanto, com aprendizagem.

Para que a organização seja democrática, no sentido idealizado há necessidade de que o interesse comum esteja acima de tudo. Precisa que as pessoas se disponham a repartir seus bens espirituais, psicológicos e materiais, para que se caracterize a liberdade e a igualdade. Caso contrário haverá privilégios e por tanto, não existirá igualdade e liberdade, propostas básicas para que haja democracia.

2) O CAPITALISMO À LUZ DA DOUTRINA ESPÍRITA

Pelo que foi exposto é possível verificar-se que no Brasil, como exemplo de um país onde a estrutura é capitalista, a economia se constitui na base da superestrutura política que condiciona a organização social. A economia capitalista se sustenta numa base composta de:

1. Propriedade privada e liberdade de produção;
2. Lucro ou mais-valia (exploração do trabalho);

Ótica Espírita Sobre a Propriedade Privada

As críticas à propriedade privada veem desde Platão, que admitia a necessidade de um comunismo em que uma parte dos bens seria coletiva e outra parte maior teria proprietários.

Foi na *Utopia* de Thomas Morus que as críticas à propriedade e às heranças tiveram outro grande impulso. Morus, em pleno século 16, dizia: "...são os grandes proprietários que vivem em luxo supérfluo, indiferentes à miséria que os cerca".

"Apesar da grande quantidade de terra ainda em floresta e parques de recreio, os nobres, e mesmo certos abades, de indu-

bitável santidade, não mais se contentam com os lucros e rendas anuais, que de suas terras tiveram os seus antepassados e antecessores, não mais se contentam em viver no ócio e no prazer, seu proveito, antes com dano para o bem público, e agora nenhuma terra deixam para o cultivo. Fecham-na toda em pastos, derrubam casas, destróem cidades e nada deixam de pé, exceto a igreja, para servir de estábulo." (Citado por Mauro Lopes Brandão, no prefácio de Thomas Morus em *A Utopia*).

Em 1874, Adam Smith prepara sua *Riqueza das Nações*, que veio fundamentar o liberalismo econômico. Segundo sua visão, o proprietário trataria de produzir sempre mais e alcançar maior mercado, visto seu objetivo de propriedade.

E nisto Adam Smith não se enganou. Entretanto, ele se enganou ao acreditar que a tendência seria de haver um equilíbrio no mercado, controlado pela lei da oferta e procura, gerando emprego e progresso para todos. Na prática, o liberalismo econômico alimentou e incentivou a exploração do trabalho assalariado.

Com a possibilidade de possuir, o homem procurou acumular capital e o trabalho ficou na posição de mercadoria.

Os espíritos, na resposta 816 em *O Livro dos Espíritos* dizem que o rico dispõe de maiores meios para fazer o bem e que entretanto... "É justamente o que sempre não faz. Ele se torna egoísta, orgulhoso e insaciável.

Suas necessidades aumentam com sua fartura e crê não haver jamais o bastante só para ele".

No capitalismo, o capital compra o poder que é o principal meio para que o indivíduo tenha prestígio e alimente seu orgulho, sua vaidade e seu egoísmo.

Na questão 884, Kardec indaga: "Qual é o caráter da propriedade legítima?"; e recebe a seguinte resposta: "não há propriedade legítima senão aquela que foi adquirida sem pre-

juízo para outrem". Os espíritos ainda acrescentam o seguinte comentário: "A lei de amor e de justiça proíbe que se faça a outrem o que não queremos que nos seja feito, e condena por esse mesmo princípio, todo meio de adquirir que o contrarie".

De acordo com a visão da doutrina espírita, os objetivos e a conduta do homem na Terra devem ser orientados pela vida de Jesus Cristo; ele é o nosso modelo. Conforme comentam os espíritos na questão 625 de *O Livro dos Espíritos*: "Jesus... para o homem é o modelo de perfeição moral que a humanidade pode pretender sobre a Terra. Deus nê-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele enviou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que apareceu sobre a Terra."

Qual era a propriedade privada de Jesus? Suas vestes, sua sabedoria, sua evolução espiritual, seu amor, enfim, a Lei de Deus. Ele convidou os apóstolos a abandonarem seus bens materiais para segui-lo, no maior exemplo da ideia cristã sobre a propriedade privada.

Embora reconhecendo as diferenças de aptidões e de inteligência entre os homens, isto não serve para justificar que haja exploração de uns pelos outros.

As propriedades do homem, como indivíduo, devem restringir-se ao necessário para sua vida. O conjunto de riquezas acumuladas (já que isso é realizado coletivamente) deve pertencer à coletividade para servir a todos, de acordo com as necessidades específicas de cada uma das vidas.

A construção da riqueza é um processo social e ela deve ser usufruída por todos, sem exceção.

Críticas Espíritas à Exploração do Trabalho

Uma sociedade capitalista é sustentada na busca da riqueza. Quem maneja o capital tem sempre um objetivo explícito que é

o de ficar rico. Para que o indivíduo possa ficar rico, ele precisa se apropriar de um excedente. Ou seja, ele deve produzir mais produtos do que necessita para a sua sobrevivência.

Aquilo que é produzido a mais poderá ser vendido e aumentará seu capital. Em seguida, há necessidade de poupar aquilo que excede. Eventualmente o excedente é alcançado, individualmente, pelo artesão.

Na sociedade contemporânea, a acumulação pelo artesanato é cada vez mais excepcional. A regra se configura no acúmulo de riquezas através de empresas e cartéis. É o capitalismo corporativo.

Quase sempre o excedente é resultado do trabalho coletivo.

Conforme Dowbor, Ladislau (1982) "... a luta pelo excedente é anterior à economia monetária..."

Segundo o mesmo autor, a apropriação do excedente encontra um bom exemplo no sistema de escravidão. Segundo o autor, "o dono vive numa casa construída por escravos, come a comida produzida e cozinhada por escravos, anda carregado por escravos ou por um cavalo cuidado por escravos. É óbvio que se os escravos só produzissem o mínimo para a própria sobrevivência, não poderiam sustentar o seu dono. E o fato de atingirem uma produtividade mais elevada que permite que haja excedente e, em consequência, a riqueza do dono".

Em uma sociedade capitalista, o excedente é resultado do trabalho coletivo, dos empregados, que permite ao capitalista comprar suas máquinas, ampliar seus negócios e, portanto, acumular riquezas.

Por esse motivo, ou seja, pelo lucro, os capitalistas vendem os produtos produzidos por seus empregados por um preço superior ao que custaram para serem produzidos.

Mesmo assim, para garantir a venda, os produtos precisam ter preços reduzidos. O preço baixo, favorecendo a venda rápida das mercadorias, é a base da vitória na competição.

Se diversos capitalistas produzem um mesmo tipo de mercadoria, aquele que oferecer o produto em melhor apresentação, maior durabilidade e por menor preço, tem mais chance de vender rapidamente, obtendo sucesso.

Ainda assim, a durabilidade dos produtos não pode ser muito grande. Produtos duráveis esgotam o mercado de consumidores.

Com a revolução industrial e, portanto, com a produção em série, o mercado de consumo precisa estar constantemente aberto. Caso contrário, as mercadorias ficariam encalhadas nas prateleiras, gerando o retrocesso e, portanto, uma crise. (Marx, 1982). Por esse motivo, os produtos oferecidos possuem uma vida útil curta para que sejam constantemente substituídos por um outro, novo. Essa técnica, além de garantir o sistema como um todo, assegura expansão das empresas, ampliando o mercado de trabalho, assegura também a constância do lucro.

A expressão mais-valia foi criada para denominar o lucro obtido pelo patrão, através do pagamento do salário inferior ao que o empregado merece. Em outras palavras, na visão de Karl Marx, o operário assalariado vende sua força de trabalho ao proprietário da terra, da fábrica ou dos instrumentos de trabalho. Uma parte da jornada o operário emprega para cobrir o custo do sustento seu e de sua família (salário); durante a outra parte da jornada, trabalha de graça, criando para o capitalista a mais-valia: essa é a grande fonte de riqueza dos capitalistas.

De acordo com a visão de Dowbor (1982), somente a partir de Marx é que a origem da remuneração capitalista tornou-se clara. "A força de trabalho tem a particularidade de poder produzir mais valor do que o necessário para a sua reprodução. Ao pagar ao operário o mínimo que lhe é necessário, ao se apropri-

ar da totalidade do produto que resulta da intervenção do trabalhador no processo produtivo, o capitalista realiza um lucro, chamado de mais-valia, ou seja, o valor do produto que ultrapassa o valor pago ao trabalhador.”

Em outros termos, a subvalorização da força de trabalho empregada permite fazer aparecer o lucro com o qual o capitalista compra as máquinas; aparece como justificativa para o lucro capitalista, definindo então como remuneração do capital.

Esta forma de apropriação do “excedente” do trabalho, geralmente muito acima daquilo que poderia ser considerado como excedente, não difere de outras maneiras de apropriação, a exemplo da escravagista ou do regime feudal.

Sem se utilizar da terminologia adotada por Marx ou pelos economistas Kardec, bem como os espíritos, nas obras da codificação, se manifestaram sobre essas questões de trabalho e a apropriação da força do trabalho de outrem. Tanto é assim que nas questões 684, em *O Livro dos Espíritos*, Kardec indaga aos espíritos: – “Que pensar daqueles que abusam de sua autoridade para impor aos seus inferiores um excesso de trabalho?” a resposta é, “É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de comandar, é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus semelhantes, porque ele transgredir a Lei de Deus”.

Em *Obras Póstumas* (páginas 175 e 176), são elucidativas as afirmações de Kardec: “Não há dúvida de que há famílias, cidades, nações, raças culpadas. Dominadas pelo orgulho, pelo egoísmo, pela ambição, pela cobiça, seguem por mau caminho fazendo em comum o que faz um indivíduo isoladamente.

Uma família enriquece à custa de outra, um povo domina outro, levando-lhe a ruína e a isolamento, uma raça procura destruir outra. Eis porque há famílias, povos e raças sobre as quais pesa a pena de talião”.

Mais a fonte na página 192, é o mesmo Kardec quem afirma: "Vós todos, que sonhais com esta Idade de Ouro para a Humanidade, trabalhai sobretudo nos alicerces do edifício, antes de querer completar o telhado. Dai-lhe por sustentáculo a fraternidade em sua mais pura expressão. Para isso, porém, não basta decretá-la e inscreve-la como dístico. É preciso tê-la no coração. Não se transforma o coração dos homens com decretos.

Assim como para fazer uma terra produzir é preciso prepará-la, tirando-lhe as pedras e o mato, assim também deveis trabalhar sem descanso para extirpar o vírus do orgulho e o egoísmo, que são fonte de todo mal, o verdadeiro obstáculo ao reino dos Céus.

Destruí nas leis, instituições, nas religiões, na educação os derradeiros vestígios dos tempos da barbárie e dos privilégios, bem como todas as causas que alimentam e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, defeitos que se criam em nós desde a mais tenra idade e que aspiramos por todos os poros da atmosfera social".

Estas afirmações de Kardec colocam a ação espírita como essencialmente política. Reiteram a necessidade do espírita atuar sobre si mesmo e no meio social.

3) A AÇÃO POLÍTICA DOS ESPÍRITAS

A doutrina espírita demonstra, através das obras básicas de sua codificação, um compromisso assumido com o homem, incentivando-o ao autoconhecimento e à reforma íntima como instrumentos de transformação da sociedade.

Na resposta à questão 913, em *O Livro dos Espíritos*, diz-se que do egoísmo derivam-se todos os males... "Estudai todos os males e vereis que no fundo de todos existe egoísmo...".

O homem moderno vive entre duas forças contrárias expressas pelos modos de produção e pelas religiões em geral (como instrumentos dos modos de produção).

De um lado a religião considera o egoísmo a causa de todos os males sobre a terra; em determinadas situações os capitalistas também consideram o egoísmo negativo e incentivam o homem a extirpá-lo de sua vida. Para a religião, o egoísmo faz com que o homem seja ambicioso e disposto a vencer a qualquer custo sem respeitar princípios. Para o capitalismo, às vezes não interessa o homem egoísta. Os capitalistas pregam a humildade para os outros com o fim de não correrem o risco de terem que repartir seus bens.

De outro, os modos de produção e em especial a propagação, diz que "deve-se levar vantagem em tudo".

"A única coisa vergonhosa para um competidor é a derrota".

"Numa disputa vale tudo", assim por diante. O homem egoísta beneficia certos padrões a exemplo dos empregados que vendem seus produtos de má qualidade para beneficiarem a empresa.

Se de um lado a visão mostrada pela sociedade, amplia as crises do homem e da sociedade alimentando o egoísmo, de outro a visão do egoísmo, por parte de muitas religiões gera um homem complexado e medroso.

Em seu *Análise do Homem*, Erich Fromm mostra a importância que tem o calvinismo na formação da ideia de egoísmo. Citado por Fromm, Calvino afirma: "Nós não nos pertencemos. Por isso nem nossa razão nem nossa virtude devem predominar em nossas deliberações ou ações"... "não nos pertencemos; portanto, tanto quanto possível, esqueçamo-nos de nós e de tudo o que é nosso".

De acordo com essas ideias, gostar da gente é algo de pecaminoso e indesejável. Entretanto, como podemos acreditar que alguém ame o seu próximo, se não for capaz de amar a si próprio?

A mensagem do Cristo, que nos chama ao amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nos mesmos, demonstra a importância de nos amarmos.

Portanto, é importante para o homem o trabalho em duas frentes:

- 1º) Sobre si mesmo (como indivíduo).
- 2º) No meio social (como cidadão).

A codificação afirma que os espíritos são o princípio inteligente do universo (questão 23) e que se hierarquizam em diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que se tenham chegado. Portanto, o homem vive em busca da perfeição que lhe fará feliz.

Devemos começar pelo autoconhecimento, travando lutas para uma gradual e acelerada transformação moral. Tudo isso embasado em estudo dedicado. Na introdução de *O Livro dos Espíritos*, Kardec acentua que "a verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dos espíritos e os conhecimentos que seus ensinamentos encerram são muito sérios para serem adquiridos por outro modo que não por um estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento (tradução de J. Herculano Pires).

Em discussões nas reuniões de estudos da doutrina espírita, temos acumulado experiências com confrades que denunciavam a ausência de conhecimentos entre os espíritas por falta de estudo das obras básicas da codificação. Isto, sem falar da falta de informações a respeito de textos importantes vindos de Dellane, Flammarion, Bozzano, Denis, Crookes, entre outros.

Dessa falta de estudos, aliada à origem e às imposições exercidas sobre o povo brasileiro e sua cultura, surgiram as interpretações distorcidas dos conceitos originais da codificação. Decorreu que o conformismo e as ideias conservadoras se

generalizam. Os espíritas como pessoas, em muitos casos se negavam a participar dos processos políticos do País causando a alienação e, por conseguinte, uma omissão que, no fundo, tem um elevado grau de participação.

Outro fato que deve ser considerado é a falta de seleção dos textos que têm sido publicados pelas editoras espíritas brasileiras – mesmo reconhecendo o serviço prestado pelas editoras na tradução e publicação de algumas boas obras. A repetitividade dos temas e o enfoque paternalista com a exigência de atitudes que em nada representam o pensamento da codificação e até distorcendo as ideias de Kardec e dos espíritos, se constituindo num desserviço de lançar ao prelo uma enxurrada de livros, onde raramente se depara com originalidade.

A par da multiplicidade de livros, principalmente mediúnicos há revistas e jornais espíritas, em grande parte, sem uma linha editorial definida nas bases da codificação.

Tudo isso precisa ser revisto e o espiritismo tem que ser encarado com mais seriedade.

Kardec e os espíritos que ditaram os ensinamentos da doutrina confiaram em nossa capacidade de ação, com base em seus preceitos. Portanto, aos espíritas cabe a responsabilidade de viverem o espiritismo.

Este trabalho deve iniciar com uma transformação do homem juntamente com a ação em nossa família e na comunidade.

Á transformação moral do homem somente poderá ser reconhecida no momento em que dela surgirem bons frutos.

Portanto, o espírita transformado é competente para, se amando, servir seu próximo com exemplo de seriedade, responsabilidade, alegria, desprendimento, firmeza, de amor e de luta na direção da implantação do Reino na Terra.

O Reino somente será implantado quando no relacionamento entre os homens houver a justiça social. Todos seremos livres, independentes, comprometidos com o coletivo, responsáveis por nós mesmos e pelo nosso próximo.

Em *A Gênese*, Kardec afirma que ao homem é indispensável o conhecimento de que nosso presente está vinculado ao nosso passado, e que nosso futuro estará vinculado ao nosso presente.

Diz Kardec em *Obras Póstumas*, pág. 186: "A reencarnação, provando que os espíritos podem nascer em diferentes condições sociais, seja como prova, ensina que aquele que tratamos com desprezo pode ter sido, em outra existência, nosso superior, ou nosso igual, amigo ou parente. Se o soubéssemos, trata-lo-íamos com consideração..."

Entretanto, como reconhece Kardec, o conhecimento sobre a reencarnação não é suficiente para a transformação do homem. Um bom exemplo disso é dado nos personalismos, autoritarismos e agressividades que caracterizam a ação de muitos espíritas, até mesmo dentro do movimento espírita.

Aliás, no movimento espírita é preciso "arrumar a casa". Neste caso, a ação política deve levar à estruturação e organização das escolas de espiritismo para a infância, das mocidades espíritas, como instrumentos de preparo dos jovens para o hoje e para o amanhã, de modo a adquirirem noção sólida de seu papel como cristãos.

A ação política dos espíritas deve favorecer a implantação do Reino. E isto tem que ser conseguido com trabalhos de base que sustentem os avanços obtidos. O espírita deve se engajar nas lutas pela justiça social, cooperando e incentivando a organização das comunidades.

No momento, o capital é mais forte e poderoso. Hoje mais vale o indivíduo possuir do que ser. O capital pode e-

xigir que o homem rasteje aos pés dos poderosos. A única saída é a organização dos explorados, baseada no estudo que exige a razão e o amor. E é por amor a nós mesmos e aos homens que lutamos.

Em uma análise feita por Engels, em 1881, o autor afirma que "se até agora a verdadeira razão e a verdadeira justiça não governaram o mundo, foi simplesmente porque ninguém pôde nelas penetrar... Faltava o *homem gênio*, que agora se levanta perante a humanidade com a verdade por fim descoberta". O homem referido por Engels não é uma pessoa em especial, ele se referia à humanidade que habitava a Terra no século 19.

Essa é uma visão otimista e de caráter dialético, ou seja, a organização social como existia, desejosa de conservar os privilégios, acabou por gerar em seu âmago um *homem gênio* que assumiu o papel de confronto (ou antítese). Este *homem gênio* é claramente referido por Kardec e pelos espíritos na questão 783 de *O Livro dos Espíritos*: O aperfeiçoamento da humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta? Resposta: "Há o progresso regular e lento que resulta das forças das coisas mas, quando um povo não avança muito depressa, Deus lhe suscita, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma".

E os espíritos comentam:

"O homem não pode ficar perpetuamente na ignorância, porque ele deve atingir o fim marcado pela Providência: ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas ideias a germinam durante os séculos: de repente estouram e fazem ruir o edifício carcomido do passado que não está mais em harmonia com as necessidades novas e as novas aspirações.

O homem não percebe frequentemente, nessas comoções, senão a desordem e a confusão momentânea que o atingem nos

seus interesses materiais. Aquele que eleva seu pensamento acima da personalidade, admira os desígnios da providência que do mal faz surgir o bem. A tempestade e o tumulto semeiam a atmosfera depois de a terem perturbado”.

É claro que estas afirmações estão apresentadas em linguagem figurada. O que os espíritos afirmam é que a obra de aperfeiçoamento das sociedades não é exclusivamente dos desencarnados ou de responsabilidade divina. Ela é promovida pelos homens. Os homens realizam de maneira lúcida as revoluções, as grandes transformações.

Sem dúvida aí está resumida a grande preocupação política da doutrina espírita, que foi muito bem referida e referendada por Aylton Paiva em seu *Espiritismo e Política*.

O espiritismo é uma doutrina revolucionária, conforme demonstram com clareza Loosli, C.A. de M. e Paiva, M.E.R, no livro *As Aristocracias*, baseando-se nas *Obras Póstumas* de Kardec. O espiritismo, através dos espíritas, deve contribuir para a erradicação das ideologias autoritárias, corporativistas e materialistas. É um instrumento que deve ser utilizado pelos homens na conquista de sua libertação, de si mesmo, de suas imperfeições e das distorções coletivas.

Entretanto, no espiritismo como organização e doutrina não devem ser misturadas as políticas partidárias. A participação política partidária é uma tarefa importante, mas para os espíritas como indivíduos, componentes da sociedade.

Portanto, ao espírita como indivíduo e como cidadão cabe a responsabilidade da ação baseada no estudo, no conhecimento e no amor.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - *André Luiz* (1978) - **Ação e Reação** - Psicografia de Francisco Cândido Xavier - 6ª Edição, FEB - Rio de Janeiro.
- 2 - *Dowbor, L.* (1982) - **O que é Capital** - Coleção Primeiros Passos nº 64 - Editora Brasiliense - São Paulo.
- 3 - *Engels, F.* (1945) - **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico** - Coleção Clássicos do Marxismo - Edições Horizonte Ltda. - Rio de Janeiro.
- 4 - *Huisman, D. E. Vergez, A.* - (1966) - **A Ação - Compêndio Moderno de Filosofia I** - 2ª Edição - Livraria Freitas Bastos S.A. São Paulo.
- 5 - *Kardec, A.* - **A Gênese - Os milagres e as Predições Segundo o Espiritismo** - Tradução de Victor Tollende Pacheco. Livraria Allan Kardec Editora - São Paulo.
- 6 - *Kardec, A.* - **Obras Póstumas** - Tradução de Sylvia Mele Pereira da Silva - Livraria Allan Kardec Editora - São Paulo.
- 7 - *Kardec, A.* - **O Livro dos Espíritos** - Tradução de J. Herculano Pires - Livraria Allan Kardec Editora - São Paulo (1978); Tradução de Salvador Gentile - 4ª Edição - Instituto de Difusão Espírita - Araras-SP
- 8 - *Loosli, C.A. de M. e Paiva, M.E.R.* - **As aristocracias**
- 9 - *Marx, K.*(1982) - **As Crises Econômicas do Capitalismo** - Ched Editorial - São Paulo.
- 10 - *Morus, T.* - **A Utopia** - Coleção Clássicos de Ouro Tecnoprint - Gráfica S.A. - Rio de Janeiro.
- 11 - *Paiva, A.G.C.* (1982) - **Espiritismo e Política** - Série Espiritização - Dicesp - 1ª Edição - Santos-SP.
- 12 - *Rousseau, J.J.* (1972) - **Do Contrato Social** - Coleção Os Pensadores - Editora Abril Cultural S.A. - Vol. 24 - São Paulo.
- 13 - *Smith, A.* (1974) - **Investigações sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações** - Coleção Os Pensadores - 1ª Edição - Editora Abril Cultural S.A. - São Paulo.
- 14 - *Souza, J.C.* (1980) - **Que País é Esse? Formação e Avanço do Capitalismo no Brasil** - Caderno do CEAS nº 65, jan/fev - Salvador-BA.

Cláudio Antonio de Mauro é geógrafo e professor universitário.

DOCTRINA SOCIAL ESPÍRITA

Maria Eny Rossetini Paiva

I - A PROPOSTA ESPÍRITA NO CAMPO DA ECONOMIA

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro que outros e todos são iguais perante Ele. Esses direitos são eternos; os que os homens estabelecem parecem com as suas instituições”. – Resposta à questão nº 878 de *O Livro dos Espíritos*.

A compreensão da proposta econômico-política do espiritismo exige a análise do conceito de propriedade por ele estabelecido. “Não há propriedade legítima senão a que foi adquirida sem prejuízo para os outros” - questão nº 884.

Kardec explica esse conceito dizendo que todo meio de adquirir uma propriedade que nos leve a fazer aos outros o que não queremos nos seja feito, sendo contrário à lei de amor e de justiça é condenável. A questão nº 882 ensina: tudo aquilo que o homem ajunta por um trabalho honesto é legítimo. Acrescenta ser a propriedade resultante desse trabalho honesto um direito natural, tão sagrado como o de trabalhar e o de viver.

Esse conceito aparentemente nada altera em nossa compreensão comum sobre o **que** temos o direito de possuir. É no entanto, mais profundo do que aparenta e de consequências difíceis de prever.

A. Quando Eu Posso Adquirir Alguma Coisa Sem Prejudicar Ninguém?

Vamos a exemplos simples e práticos. Em 1985 eu quero adquirir um bem para meu uso: uma casa.

É preciso que eu tenha um trabalho honesto e que o meu ganho possibilite acumulação de capital para a compra desejada. Ao guardar esse dinheiro, para que a "poupança familiar" não prejudique ninguém (filhos, dependentes, esposa, marido), é necessário que eu lhes garanta comida, teto, agasalho, educação e descanso, com opções de lazer sadio. Se a esposa ou marido prejudicam sua saúde trabalhando em demasia, sem descansar, a aquisição da moradia já estará sendo feita com prejuízo dos direitos naturais dos próprios compradores.

Reduzidos esses direitos ao necessário e à simplicidade, **se sobrar** dinheiro para a construção da casa, precisarei comprar o material com o mínimo dinheiro e devo pagar aos operários construtores **honestamente, o máximo** de salário permitido por meus recursos, prevendo a margem necessária para imprevistos se quiser realmente começar a construção e terminá-la.

Mesmo pagando bem os pedreiros, devo admitir que minha casa estará construída **com prejuízo de outrem** porque por maior salário que eu lhes possa pagar, dentro da atual situação, eles não poderão com ele ter uma vida decente, atender a todos os seus direitos (mesmo com a simplicidade a que reduzi os meus). Mesmo podendo dar-lhes esse mínimo, não poderia dar-lhes tanto, que eles pudessem poupar e guardar para construir uma casa semelhante à minha.

Vejo-me assim em uma situação em que não tenho saída. Ou consigo uma casa, sempre prejudicando os direitos de alguém ou não a construo. Então, é claro que a construirei.

O que está errado então? Dirão que é o meu conceito de prejudicar. Pensando de forma corrente, não reconheceria estar prejudicando um trabalhador se lhe pago o máximo que posso com meu dinheiro honestamente ganho. Ao contrário, estarei auxiliando-o, dando-lhe trabalho e um tratamento mais humano. Faça

até questão de registrar os serventes e pagar INPS aos autônomos. Portanto, não os prejudico. Na verdade, faço até caridade porque poderia comprar uma casa pronta e não dar trabalho aos necessitados, reduzindo-os à mendicância. Acho mesmo que se eu fosse um trabalhador gostaria que fizessem a mim o que faço a eles, portanto, obedeço a lei de amor e justiça.

Vamos, porém, aprofundar mais o tema. No capítulo V - Gozo dos Bens da Terra, a questão 711 de *O Livro dos Espíritos* esclarece: "O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens. Ese direito é consequência da necessidade de viver. Deus não pode impor um dever sem conceder os meios de o cumprir".

A questão 706 define como *Bens da Terra*, "Tudo o que o homem pode gozar nesse mundo", ou seja, tudo o que o **trabalho humano** produz a partir do solo e dos recursos naturais.

O que o homem produz? Casa, roupas, sapatos, carros, computadores, remédios, cultura, arte, livros, fábricas, plataformas submarinas, jogos eletrônicos. Em tudo existe a marca da mão do trabalhador.

Se portanto, alguém que trabalha, varrendo o pó ou carregando caçambas de cimento, movimentando máquinas ou debruçado em mapas astrais, e **recebe por seu trabalho** vencimentos que **não lhe permite** gozar dos bens que são produzidos, **alguma coisa está errada** (E não é o meu conceito de prejudicar os outros).

B. O Gozo dos Bens da Terra é Um Direito de Todos

Se apenas eu posso ter acesso a bens produzidos para melhorar a vida, e os outros não podem, trabalhando o mesmo número de horas e às vezes mais do que eu, seus direitos não estão sendo atendidos. Eles estão sendo prejudicados.

Entendendo isso, fica mais clara a resposta dada pelos espíritos à questão 808 de *O Livro dos Espíritos*.

A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades, que dão a uns mais meios de adquirir o que a outros?'

"Sim e não; e a astúcia (traduzida como velhacaria pela FEB) e o roubo, que dizes deles?"

Essa resposta, sim e não, tem sido erroneamente compreendida como indicativa de que algumas riquezas são produto da desigualdade das faculdades naturais dos homens, enquanto que outras são fruto da maldade (velhacaria e roubo). Nada mais ingênuo. Na realidade, as coisas como são organizadas não possibilitam a ninguém acumular riqueza sem usar a espertallice ou roubar o seu semelhante impedindo-o, pelo menos indiretamente, de exercitar seus direitos naturais à vida, à riqueza e à propriedade. Isso fica bem claro quando os espíritos respondem a Kardec que insiste em indagar se pelo menos a riqueza herdada não seria legítima. Mandam Kardec investigar a origem da herança, se não é produto de expoliação ou injustiça. Adiantando-se a qualquer argumentação (os espíritos), ainda fazem notar que **Deus** julga com um julgamento muito mais severo do que o dos homens a **cobiça dos bens**, mesmo os adquiridos pelo trabalho e os **desejos secretos** de os possuir o mais cedo possível.

Na questão 902, quando indagados sobre se é mau desejar possuir para ajudar os outros, os espíritos respondem com outras indagações, deixando claro que o desejo de ser rico, dificilmente é puro.

Ao dizer na questão nº 880 que "ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer qualquer coisa que possa comprometer a sua existência corpórea", os es-

píritos abrem novamente espaço para uma ampla compreensão do que seja "atentar contra a vida e comprometer a existência de um semelhante". Evidencia-se isso, especialmente, pelo item onde a pergunta está inserida. Direito de propriedade. Roubo. Se se tratasse apenas de direito à vida física, o item estaria inadequado. Quando os espíritos dizem que ninguém tem o direito de "fazer qual quer coisa" que comprometa a existência corpórea de um outro homem, referem-se a seu acesso a todos os bens da terra. E não distinguem aqui os mais inteligentes e astutos, dos previdentes ou os ignorantes dos imprevidentes. Nem mesmo distinguem os que trabalham dos que não trabalham. Todos têm direito à vida e ao acesso aos bens da terra.

A análise do sistema de acumulação de riqueza, seja a adquirida pela astúcia de um cérebro superior, seja a conseguida pela poupança dos previdentes, seja a represada em cofres públicos, evidencia que a riqueza, **tal como a conhecemos**, é sempre fruto da exploração dos menos inteligentes ou mais fracos fisicamente. Alguém sempre faz os trabalhos indesejáveis e pesados e recebe pouco por isso e os que dirigem, (trabalhando às vezes até mais do que o dirigido), se apropriam da riqueza que **ambos** produziram.

Por isso, sim e não quer dizer sempre **sim e não**. Se fosse outra a intenção, a resposta deveria ser às vezes sim, às vezes não ou nem sempre.

Sim, porque só os mais inteligentes, hábeis e trabalhadores são capazes de saber como acumular riquezas. Não porque eles só conseguem acumular essas riquezas, **usando a astúcia e o roubo**. Quando se diz que a riqueza como a conhecemos é produto do roubo e da velhacaria, não estamos dizendo que todos os ricos são **ladrões** no sentido vulgar do termo. O que se constata é que da forma como somos organizados socialmente, da maneira como funciona a nossa economia, todo acúmulo de rique-

za consiste numa apropriação da parte que deveria dar ao semelhante o exercício de seus direitos de viver e gozar dos "frutos da terra".

Meu conforto só é possível, na situação atual, se os menos astutos e inteligentes não tiverem condições de conseguir esse conforto e usar os bens produzidos pelo esforço de todos.

É essa a lei da nossa economia. Assim funciona a **rede do sistema econômico**. Se um empresário não obedece tal lei, estará falido. Se não despede empregados na crise, condenando-os ao sofrimento e à pobreza, se não suborna os subornáveis para aumentar seu lucro, será "engolido" por empresas maiores. Não pode dizer: chega, minha empresa está bem assim, se crescer mais não será mais a mesma. Essa liberdade não existe. É crescer devorando tudo ou ser devorado e falir. O próprio capitalista é também vítima do sistema econômico.

O que propõe o espiritismo? **Um novo conceito de propriedade. Uma nova forma de acumulação de riquezas. Uma nova compreensão de bem-estar e uma forma igualitária de distribuição dos produtos gerados pelo trabalho de todos os homens.** Ou seja, uma economia diversa da atual, um direito de propriedade limitado por essa economia e uma nova política de divisão de bens e aproveitamento de recursos humanos.

Essa a **Doutrina Social Espírita** que iremos ver:

1 – Um Novo Conceito de Propriedade

Segundo a doutrina espírita, "o homem só possui em plena propriedade, aquilo que lhe é dado levar deste mundo", (*O Evangelho Segundo o Espiritismo* - cap. XVI - item 9). O espírito de Pascal esclarece que o homem só possui tudo o que é da alma, a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais das riquezas possui apenas o usufruto. O espírito completa (cap. XV -

item 10): – “Os bens da terra pertencem a Deus que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador, mais ou menos inteligente desses bens”.

Por outro lado, a questão 885 de *O Livro dos Espíritos* esclarece que a justiça humana consagra direitos de propriedade contrários à justiça natural (lei de justiça) e a questão nº 881 estabelece os limites da riqueza e, conseqüentemente, da propriedade.

“O direito de viver confere ao homem o direito de ajuntar o que necessita para viver e repousar, quando não mais puder trabalhar?”

Sim, mas deve fazê-lo em família, como a **abelha**, através de um trabalho honesto, e não ajuntar como um egoísta. Alguns animais mesmo lhe dão o exemplo da previdência.”

Como o egoísta ajunta? A questão 883 estabelece que ajuntam como egoísta as pessoas que desejam as coisas para si e para sua **satisfação pessoal**. É um conceito muito amplo. Atinge mesmo coleções de quadros, livros, obras etc. Se possuímos obras ou coleções raras e impossíveis de serem possuídas por todos, isso só seria legítimo se administrando tais bens, permitirmos a todos os interessados o acesso e usufruto de sua beleza, o acesso às informações que contém etc.

Daí porque os que adquiriram bens e papéis de Kardec, após a 2ª Guerra, e os guardam não permitindo consultas, não fornecendo xerox aos estudiosos, escondendo a título de “prematuras” revelações ou papéis que, segundo seu juízo pessoal, prejudicariam ou não seriam aceitos pelo meio espírita - **ajuntam como o egoísta**. O direito de acesso aos meios de informação e cultura é de todos os interessados ou pelo menos dos habilitados legalmente, como pesquisadores e técnicos.

2. Uma Nova Forma de Acumulação de Riquezas

Colocadas em termos práticos, as duas definições anteriores significam uma nova conceituação de riqueza.

Acumular e possuir bens em família pode ser entendido como a posse de meios de produção, que possam ser geridos e administrados pela família sem utilizar outros elementos estranhos a ela. Estarei assim, com pequenas empresas familiares, juntando coisas necessárias para prevenir minha velhice e o sustento em tempos de escassez.

O fato de se usar a abelha como modelo, permite uma outra compreensão. As abelhas são o exemplo mais perfeito de organização cooperativa tipo familiar. Quando a colméia cresce muito, a rainha mais velha sai e funda uma outra colméia. Há limites para o tamanho da sociedade cooperativa, como deveria haver para as organizações econômicas. Essa comparação pode sugerir um tipo de economia baseada em empresas organizadas cooperativamente, onde todos sejam coproprietários mas, organizados **em unidades não muito grandes que permitam a convivência humana** (familiar-fraternal). A macroempresa não permite a existência desse clima familiar, nem o tratamento individualizado de cada participante. Por isso evidencia-se que grandes organizações estatais ou gigantes multinacionais estariam excluídas do tipo de organização que permitiria o acúmulo de riqueza, consoante entendem e propõem os espíritos.

Quando na questão 863-a, os espíritos esclarecem que devemos ajuntar com o trabalho próprio e com a intenção de auxiliar o nosso semelhante, parece-me ficar claro que tal forma de acúmulo de riqueza só pode existir em organizações cooperativas com tais características.

Sem esse entendimento, tudo o que eu conseguir ajuntar, será **com prejuízo de meu semelhante**, pois quando não o estiver im-

pedindo de ter acesso aos bens produzido, estarei impedindo-o de também **possuir**, de também **administrar**, de também **participar**...

Essa proposta permite o acúmulo relativo de bens e a propriedade familiar ou cooperativa. Na prática, propicia a existência de diferenças de riquezas.

Sem dúvida, a igualdade absoluta de riquezas é colocada pelos espíritos como nunca tendo existido, nem sendo **possível**. (questão nº 811 de O Livro dos Espíritos). "**A diversidade das faculdades e dos caracteres a isso se opõe**". Classificam ainda os que acreditam estar nisso o remédio para os males sociais de sistemáticos ou ambiciosos cheios de inveja. A igualdade absoluta de riquezas é considerada como quimera.

Fica claro assim que os espíritos aceitam a realidade de que a desigualdade das riquezas vem da velhacaria e do roubo, embora os que fiquem ricos sejam também astutos e inteligentes ou trabalhadores e previdentes. Os espíritos consideram o desejo de ser rico como suspeito e mau em si mas, **não aceitam a igualdade absoluta de riquezas como solução para o problema da sociedade injustamente organizada**.

É evidente assim que se pretendemos eliminar um dia a velhacaria e o roubo, não poderemos sem cometer injustiças, igualar sóbrios e previdentes, descuidados e trabalhadores cuidadosos. Os inativos, preguiçosos, imprevidentes, irresponsáveis, não têm direito ao mesmo quinhão dos esforçados, dirigentes e responsáveis. Trabalhando e participando desigualmente na construção da riqueza comum, não é justo que todos tenham apenas o necessário.

Parece-me assim que a proposta dos espíritos limita a posse dos bens de produção a empresas familiares e cooperativas, não propondo, porém, a estatização desses bens de produção. Nessas empresas, que não pertenceriam ao Estado,

(e, portanto, indiretamente aos funcionários estatais), os trabalhadores seriam **trabalhadores-proprietários**. Dentro de cada empresa as retiradas possíveis, (**não há salário uma vez que não há proprietário x empregado**), seriam **proporcionais ao desempenho de cada trabalhador**. É claro que estabelecer esse padrão de avaliação, é uma tarefa complexa que deve estar sempre aberta a melhorias e reflexões mas, nem por isso impossível.

Esse tipo de organização possibilitará diferenças de riqueza e de posse, devidas exclusivamente **ao mérito de cada um no exercício de seu trabalho** ou a sua **previdência e sobriedade nos gastos**.

Uma riqueza maior ou menor será concentrada nesse ou naquele empreendimento, nesse ou naquele indivíduo mas, não será nunca o fruto de um lucro obtido com um pagamento pequeno ao trabalhador. O "trabalhador-proprietário" é também o dono desse lucro, e decidirá em que quantidade o reaplicará na empresa e em que quantidade o dividirá entre os seus iguais, sempre consoante à quota de participação na produção de cada um.

É essa a desigualdade **do mérito** que restará. A desigualdade resultante do mérito de cada um e não a estabelecida por uma sociedade injustamente organizada (Ver questão nº 806 a 806-a).

Com uma organização social assim, torna-se possível entender a proposta do espiritismo. O uso dos bens da Terra é um direito de todos, pois todos devem ter um bem-estar básico e o necessário para viver com dignidade. A diferença de riqueza que existir é a proveniente do mérito do trabalhador. A propriedade dos bens e o acúmulo de riquezas são limitadas à família e a organizações cooperativas. Nem os ociosos devem passar necessidade, pois serão

considerados desajustados por erro de educação. (Ver questões n° 889, 813 e 685}.

3. Um Novo Conceito de Bem-Estar e Uma Nova Política de Aproveitamento dos Recursos Humanos

Numa **sociedade organizada** assim, o bem-estar não consiste no uso ou na posse de bens. Consiste em **empregar o nosso tempo conforme nossa vontade e não em trabalhos pelos quais não sentimos nenhum gosto**, (questão n°812 - *O Livro dos Espíritos*).

O problema é mais profundo do que parece. Se no capitalismo o trabalhador tem que vender seu trabalho ao dono da empresa, pelo preço que ele quer ou pode pagar, nos países que se dizem socialistas a situação é semelhante. O trabalhador tem que trabalhar onde ele é necessário à economia e é permanentemente reciclado para ser reaproveitado em outro serviço, quando a empresa em que trabalha deva fechar ou parar. Há uma diferença no grau de desemprego. Enquanto no sistema capitalista o desemprego é a solução, no socialista a mudança de atividade é a solução. Em ambas as situações, no entanto, o **homem é ainda objeto da economia** e seu trabalho uma mercadoria usada pelo capitalista ou pela organização estatal, consoante às necessidades do mercado. **O homem ainda não pode dizer se quer ou não quer trabalhar**, se gosta ou não gosta de uma atividade.

Essa colocação de bem-estar relacionado com as **aptidões** tem feito com que pessoas erroneamente achem que se eu sou miserável, sem cultura ou um operário "corintiano" feliz, possuo bem-estar. Se conhecermos a discussão básica entre anarquistas e comunistas da época de Kardec, vamos verificar que o sentido não é absolutamente esse. Está relacionado ao problema acima citado, alvo de constantes polêmicas, exatamente quando veio à luz *O Livro dos Espíritos*.

Os espíritos mostram que como "cada um tem aptidões (no plural) diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer". O equilíbrio existe em tudo, e é "o homem quem o perturba". **Respeitar essas aptidões**, (não se trata de uma profissão, mas aptidões), será a solução para que o homem deixe de ser um objeto de sistema econômico. Para isso ele tem que se organizar e a sociedade ter condições de aproveitá-lo sem **impor-lhe trabalhos pelos quais nenhum gosto sente**. Essa imposição, bem entendido, não se aplica hoje só às classes operárias. O jovem que faz direito por que ser mecânico não lhe permitiria ter um bom padrão de vida, também **não possui bem-estar...** (questões 928 e 92S-a)

Poderia haver um Governo que tivesse condições de atender sua necessidade econômica e ao mesmo tempo atendesse as aptidões de seus membros, sem gerar o caos? Os espíritos afirmam que "Os homens se entenderão quando praticarem a lei da justiça". (812-a)

O conceito de bem-estar do espiritismo, exigindo que se respeitem as aptidões naturais dos homens, ao aproveitar seu trabalho, impede a utilização destes pela empresa ou pela economia estatal, deixando a eles a escolha **dos campos** em que desejem trabalhar.

A lei da justiça tornaria isso possível, porque possibilitaria a todos ganhar o suficiente em qualquer serviço independentemente ser ele braçal ou intelectual, possibilitando a posse da riqueza a qualquer trabalhador, dependendo apenas de seu empenho no trabalho de sua previdência e sobriedade. A própria justiça fará com que os trabalhos mais difíceis e penosos permitam um rendimento maior ao trabalhador... A diversidade das aptidões fará o resto.

Impossível? Claro que sim para os que não conseguem enxergar um mundo sem pobres trabalhando para ricos, para os que

acham que no mundo sempre haverá os que gozam e os que sofrem trabalhando e servindo aos outros. Para os que se acham dignos de privilégios... Para os que consideram que sua inteligência superior adquirida em outras vidas, dão-lhe o direito de ganhar mais mesmo trabalhando menos. Para os que aceitam a existência de ocupações nobres e vulgares, importantes e "humildes". Para os que consideram justo usar o fraco e o sem inteligência, fazendo-o trabalhar e não lhe dando o direito de usar as coisas que produz. Os pedreiros e carpinteiros que labutem, organizando e levantando edifícios onde nunca poderão sequer sonhar em morar, embora trabalhem de sol a sol. As costureiras que curvam suas costas e deem brilho e beleza a panos que transformam em roupas que nunca poderão sequer alugar. Os mineiros que morram soterrados ou com os pulmões corroídos, para retirar carvão que movimenta indústrias de artefatos e artigos que às vezes nem sabem que existem. O mundo é dos mais inteligentes e fortes e ao pobre compete a **prova da paciência e da resignação**. Ao rico, a **prova da caridade e da abnegação**, (*O Evangelho Segundo o Espiritismo* - cap. XVI - item 8)

Deus, sendo justo, "a cada um prescreve trabalhar a seu turno". Os que não têm a riqueza hoje, a tiveram ou a terão noutra existência. Outros que a têm, talvez não a tenham amanhã. (item acima)

Encaixamos as opiniões de Kardec expressas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* para mostrá-las em um contexto chocante, e nos fazer sentir sua dimensão absurda se isoladas. Por isso esses comentários de Kardec não podem ser estudados isoladamente das demais questões que já analisamos. São opiniões embasadas na realidade de 1860 mas, não devem dar a impressão que dão aos que não conhecem as outras obras. Por esse texto temos a impressão de que:

1º) Sempre existirão ricos e pobres, (Vimos que embora a igualdade absoluta de riquezas nunca venha a existir, um dia não haverá mais pobres)

2º) Os ricos não precisam trabalhar, Essa vantagem é a expressão da vontade de Deus, que prescreve o trabalho para os pobres. (Isso além de contrariar a lei do trabalho somente pode ser compreendido no sentido de que tudo o que ocorre, violência, estupro, guerra, fome, **expressa a vontade de Deus**, caso contrário, seria um contrasenso).

3º) O pobre de hoje foi ou será o rico de amanhã. (Só podemos entender esta afirmativa se compreendermos que a Lei do Progresso pode criar **organizações sociais diferentes**, onde a **maioria** tenha acesso aos bens ou riquezas e onde apenas os doentes e desajustados [minorias] sejam atendidos em suas necessidades básicas).

O Evangelho Segundo o Espiritismo, lido sem o estudo de *O Livro dos Espíritos*, sem a compreensão da lei de progresso, da lei de conservação, da lei de igualdade e liberdade não reflete a posição da doutrina espírita nem a Doutrina Social Espírita.

Em *A Gênese*, Kardec diz: "Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se e os homens que mais opostos lhe são, para ela trabalham, a seu mal grado". No capítulo XVIII, de *A Gênese*, os espíritos de Erasto e Doutor Barry explicam como as coisas se transformam e em *Obras Póstumas* Kardec, comentando sobre as experiências coletivas, fala da crescente mobilização das massas que irão aprender a saber melhor o que querem usando meios mais eficazes para atingir seus fins.

II - A PROPOSTA POLÍTICA DO ESPIRITISMO

Sem dúvida, uma organização social embasada no cooperativismo e na posse particular limitada de bens e riquezas, cor-

responde aos ideais socialistas, vigentes na época de Kardec. Em si mesmo, por colocar a verdadeira causa no egoísmo e no orgulho dos homens e não em fatores econômicos e por considerar a educação a chave do progresso exigindo o respeito a cada um em suas aptidões, a proposta socialista espírita tem dimensões ainda não discutidas. É pioneira e mais avançada de que os demais socialismos.

Na estruturação do tipo de poder que pode conduzir à realização dessa sociedade ideal, não propõe fases ditatoriais por compreender que a violência, embora própria do homem, é fase a ser superada.

O importante na estruturação dessa nova forma de poder é experimentar, testar, descobrir, criar, recriar, aperfeiçoar novas formas de organização social. Assim é que podemos tentar conseguir desde já, iniciar alguma coisa, dentro dessa visão social que o espiritismo nos proporciona, no centro espírita, nas creches, albergues, em nossa família etc.

É importante, porém, conforme o próprio Kardec compreendeu, saber que "ao espiritismo compete **secundar** os movimentos de regeneração social", por isso foi seu contemporâneo. Não se pode entender um espírita que ache que tudo está muito bom aqui ou na China, como não se pode entender um espírita que acredite que diferentes revoluções armadas ou não, mudando governos, irão alterar substancialmente as coisas...

Para poder entender essa proposta política do espiritismo precisamos ter a "visão de totalidade histórica" da época de Kardec, sabendo claramente quais as tendências políticas, quais os movimentos que propunham essa renovação social e quais os meios que julgavam válidos para suas revoluções.

Secundar os Movimentos de Regeneração Social. Por que?

A Filosofia Materialista não pode embasar nenhuma proposta de justiça social. A moralidade que prega a solidariedade fraternal é uma incoerência, se não tem a sustentá-la a crença em Deus e na imortalidade da alma. A doutrina materialista "sanciona" o egoísmo, mostrando que nada existe senão o presente. Kardec pergunta com toda razão na conclusão de *O Livro dos Espíritos*: "Com que direito imporeis um sacrifício àquele mesmo a quem dizeis que com a morte tudo se acabara para ele, e que amanhã talvez nada mais seja do que uma velha máquina desarranjada e atirada fora? Que razão terá ele para se impor alguma privação? "Com a crença materialista", diz Kardec, "uma única máxima é racional: cada um por si. As ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e mesmo de progresso, não são mais do que palavras vãs".

É claro que materialistas se dedicam à causa da renovação social entregando, não raro, suas vidas no afã de mudanças radicais ou necessárias. Mas, possuir ideologia materialista não deve ser confundido com atitude psicológica materialista. Quando tais pessoas realmente amam o povo e não são apenas "sistemáticos" (fanáticos), "ambiciosos e cheios de inveja", simplesmente são incoerentes. Mais do que os que dizem crer em Deus e cometem injustiças, porque a esses as diferentes teologias criam justificativas para aplacar-lhes a consciência e permitir-lhes viver "em paz".

"O progresso da humanidade tem como princípio a aplicação da lei de justiça, amor e caridade, e essa lei se funda sobre a certeza do futuro". (Allan Kardec - item IV - Conclusão de *O Livro dos Espíritos*). É fácil perceber que Kardec propunha que a filosofia espírita, no que tem de universal, servisse de base às reformas sociais desejadas e divulgadas pelos diversos socialismos de sua época.

III - TIPO DE AUTORIDADE PROPOSTA

A justiça para o espiritismo consiste no respeito aos direitos de cada um. A todos os direitos, de cada um dos homens.

Kardec, no comentário à questão 876 diz que "Desde todos os tempos e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O fato de que Kardec tenha escrito "todas as crenças", engloba também as crenças filosóficas, políticas e até filosofias científicas ou teorias científicas (se preferirem).

Estabelece assim a lei de justiça, que mesmo o mais alto governante não possui direitos maiores do que um servente e que o servente tem que ter condições de usufruir os bens produzidos tanto quanto o governante, não se reservando a esses quaisquer vantagens econômicas ou políticas.

É consequente com esse conceito que não devo obedecer ou aceitar nada de alguém que ocupa uma função com maiores poderes do que os meus, se essa obediência lhe permite me dirigir de modo a lhe propiciar privilégios e me usar para seu conforto ou objetivos. É o fim da autoridade instituída, social ou legalmente.

Entendendo a proposta dos espíritos, Kardec manifesta sua preocupação na questão nº 878-a, de que não se podendo impor nada a ninguém, atribuindo-se cada homem os mesmos direitos do seu semelhante, deixaria de haver subordinação aos superiores, o que implicaria na anarquia de todos os poderes (pois Bakunin não andava em Paris com seus anarquistas?).

A resposta dos espíritos propõe o fim da autoridade instituída e o estabelecimento da **deferência** (consideração, acatamento, atenção, respeito, reverência) apenas para os que **merecerem pelo seu saber e sua virtude**. A autoridade só seria reco-

nhecida aos que fossem portadores dessa sabedoria aliada à prática (virtude).

Fugindo dos exageros anarquistas, a autoridade deixaria de ser conferida por lei a governantes e chefes. Ela deveria **fluir da aceitação de todos**, (ou pelo menos da maioria), diante de **fatos objetivos**, que atestam a capacidade daquele chamado a comandar.

Não haveria assim autoridade apenas porque as pessoas:

a. Foram eleitas pela maioria;

b. Ocupam cargos elevados onde ganham bem e podem nos auxiliar financeiramente;

c. Trabalham muito e com boa vontade;

d. Têm idade e possuem muitos anos de serviço;

e. Dedicaram toda sua existência a uma missão ou ideal;

f. Estudam muito um assunto (e a prática).

O poder deve ser **confiado** aos que sabem mais do que a maioria e fazem **bem** o que sabem (virtude). É a exigência da teoria unida à prática. Teremos assim uma liderança democrática e alternativa por que eu posso saber e fazer bem algumas coisas mas não todas e assim poderei comandar ou ser comandado, dependendo da questão.

Esse respeito à autoridade real já **existe** e é a única forma de aceitação da superioridade de alguém. **O resto é produto do medo**. Pais, professores, esposos, filhos, chefes e governantes conseguem obediência ensinando-nos a temer. Em geral, não recebem nossa deferência por suas condições pessoais, senão pelo medo e culpa que nos ensinam a sentir.

IV – EDUCAÇÃO - A PROPOSTA

Dos conceitos políticos e sociais que entendo advindos do estudo das respostas dos espíritos a Kardec, resulta que todas as organizações espíritas, cursos de espiritismo, preleções, aulas, cursos para médiuns, exercícios mediúnicos, obras, deveriam refletir essa filosofia política, econômica e ser gerenciada por esse tipo de autoridade (sabedoria + virtude ou amor).

O espiritismo estimula os seguintes valores, típicos do século 19:

1º) Controle científico através da observação e ou experimentação de todos os fenômenos físicos, sociais e individuais, inclusive as manifestações e revelações dos espíritos quanto ao mundo espiritual e às leis que regem sua interação com o mundo físico.

2º) Busca de consenso e racionalidade em todos os setores de nossa vida e com relação à doutrina, nas revelações que não possam ser experimentalmente controladas de imediato. Colocação de revelações possíveis, mas investigáveis "de quarentena", aguardando-se o tempo para sua ratificação ou retificação.

3º) Abertura total da nova ciência e doutrina filosófica à correções naquilo que o tempo e a ciência mostrarem errôneo e aceitação de novas verdades possíveis de verificação experimental (Cap. I de *A Gênese*).

A. Analisar Cientificamente

Essa postura racional, que seria **guiada por uma mentalidade científica**, (com observação e/ou experimentação controlada), teria que ser o primeiro objeto da educação dos adeptos. Isso porém só poderá ser garantido quando os centros espíritas

puderem mostrar a todos através da **prática** e não do ensino de teorias, como agir com mentalidade científica na análise das coisas. Para isso não é necessário formar universitários espíritas, mas sim, **popularizar** os métodos de investigação e análise científicas mais comuns.

Crianças, adolescentes e adultos simples e ignorantes podem ser iniciados em técnicas científicas simples de **coleta de dados**. Ensinar bem as coisas que se deve observar em uma sessão, em uma palestra, na visita a obras assistenciais, orientando o raciocínio para comparar dados, textos, práticas e tirar conclusões **ouvindo todas as camadas** ou **segmentos envolvidos**, são formas rudimentares de desenvolvimento do raciocínio científico em relação à nossa prática.

Enquanto não **levarmos** ao **povo** a prática do **método indutivo**, enquanto não possibilitarmos a todos a apropriação desse tipo de visão científica, não conseguiremos controlar o **fanatismo**, a postura igrejeira, a adoração de líderes, o endeusamento de opiniões de médiuns e espíritos, o **guiismo** substituirá o espiritismo. O desenvolvimento do raciocínio científico é o único antídoto contra o pensamento mágico e a "aceitação de verdades indiscutíveis".

É claro que os médiuns deveriam ser os primeiros a se apropriar desse método, pois é através deles que o frequentador recebe a postura psicológica que o levará ou não a adquirir uma visão experimental do mundo espiritual.

Difícil para o povo? Não. Difícil para nós, que estaremos nos colocando na posição em que receberíamos análises críticas dos "de baixo". Análise, diga-se de passagem, não menos verdadeiras por serem feitas com o "senso comum", o decantado "bom senso" dos espíritos simples e ignorantes.

Para quem é difícil gravar sessões e analisá-las, ensinando aos médiuns a aceitar críticas e aprender a discernir entre suas produções e as inspiradas ou psicografadas? Quem tem medo de guardar e fichar orientações espirituais, evidências, confrontando-as com a realidade dos "consultantes"? Quem não tem coragem de acompanhar os casos de pessoas que seguem a orientação espiritual ou verificar os resultados do passe? Quem não tem condições de discutir, com os espíritos responsáveis, certas situações ou orientações, anotando, concluindo (pelo menos temporariamente)? Quem insiste em descobrir o mágico e o maravilhoso em fenômenos corriqueiros de diálogo mortos-vivos? Quem gosta de se sentir poderoso e dono de "poderes espirituais" indiscutíveis e dos quais não se pode duvidar? O **povo** ou nós, que nos arvoramos em seus salvadores, desejando consciente ou inconscientemente a devoção popular e não sabemos que amar é auxiliar a desenvolver a inteligência e sentimento do outro ao invés de ampará-lo, criando dependência sufocante?

B. Visão de Totalidade

Kardec ensinou a caminhar dentro de uma visão histórica abrangente em *A Gênese* e *Obras Póstumas*. No capítulo XVIII de *A Gênese*, os espíritos mostram a visão dialética da história segundo o espiritismo. É preciso reler e estudar de novo tais assuntos. Verificar como a visão dinâmica do Universo é dada pelos espíritos e como Kardec a interpreta. É preciso **revisar** esses estudos aproveitando os novos conceitos que a ciência e as filosofias posteriores desenvolveram para enxergar com profundidade o que os espíritos superiores nos indicam como caminho e a dinâmica da visão espírita. A visão mágica religiosista, segundo a qual os espíritos superiores tudo revelaram a Kardec e este foi um instrumento passivo e fiel dessas autoridades superiores, merece retificação. Precisamos

comparar o primeiro *O Livro dos Espíritos* com os outros e tentar entender porque algumas questões foram retiradas e outras estendidas.

É importante que, evitando os extremos, nem julguemos a nossa razão como a última instância do tribunal da verdade, nem endeusemos os espíritos como mensageiros de Deus. A palavra dos espíritos deve ser questionada da mesma forma como a dos encarnados que consideramos "autoridade". Nem mais nem menos. Daí não só entender porque escritos de espíritos valham mais do que os de encarnados, nem porque os escritos de encarnados devam **sucedem** ao dos espíritos que "já têm muito espaço". O problema não é de espaço e de utilização inadequada desse espaço; é o de se colocar mensagens sem comentários ou questões como Kardec fazia. O problema é não se buscar um consenso ouvindo espíritos diversos, por médiuns diferentes que não se conheçam, sobre os mesmos assuntos.

Ora, o método kardequiano, quem o quer?

C. O Método Dialógico

Embora Paulo Freire tenha aprofundado o método dialógico, a base ainda é socrática. Perguntar, responder, contra-argumentar até chegar a respostas que satisfaçam os interlocutores.

Partir do conhecimento do interlocutor: perguntar, ouvir, argumentar, contra-argumentar. Espíritos e encarnados, "ouvintes e expositores", todos. Eis a proposta.

Enquanto não compreendermos e estudarmos a realidade histórica da época de Kardec, não entenderemos a proposta espírita em educação, nem o seu papel (da educação) primordial na construção do novo mundo.

A cibernética e a informática estão mudando a face do planeta e alterando o sistema de produção do mesmo modo que a mecanização levou à revolução industrial. Propostas feitas por teóricos do socialismo, analisando a realidade proletária, vão se debater com a nova forma de **produção: a automação**. Qual teórico será capaz de prever as consequências dessa nova forma de produção nas relações sociais e econômicas e nas formas de **poder e saber** que daí virão? A dialética da história já engendra uma nova fase. Sem dúvida, a educação das massas será ponto principal ou então... quem sabe onde chegaremos?

Quem como Allan Kardec enxergou como os pontos fundamentais a serem combatidos, o egoísmo e o orgulho nos homens e organizações sociais, teve uma visão mais ampla e mais adequada...

D. A Nossa Realidade do Dia-a-Dia

Análise crítica da atuação dos espíritos no campo da educação. Essa parte será feita a partir da análise de textos, programas, objetivos e ideologia contidas em material usado comumente em centros espíritas, aulas de moral cristã, programas de mocidades, estórias contadas a adultos, programações sugeridas por órgãos de unificação.

E. Possibilidade de Trabalho do Movimento Espírita Junto a Instituições e Centros Visando a Educação Popular

O protestantismo, exigindo a leitura da bíblia como condição para seus adeptos, criou em todos os países protestantes escolas para o povo. Alfabetizar para ler a bíblia. Na dialética da história, tal necessidade de alfabetização, unida a forças econômicas como a industrialização e a forças culturais e psicológicas características dos povos dos países que aderiram

ao protestantismo, permitiu-lhes um maior desenvolvimento econômico e tecnológico.

Tendo o espiritismo por função histórica secundar o movimento de regeneração social do qual foi contemporâneo, evidenciava-se que para cumprir essa tarefa deverá favorecer aos seus adeptos:

1. A possibilidade de aquisição de uma compreensão universalista do mundo, conhecendo claramente os direitos humanos e as formas possíveis de defendê-los e estabelecê-los em seus países e organização social.

2. A vivência constante de situações que possibilitem os adeptos do espiritismo à crescente aquisição do método científico através de ensaios práticos e naturais e do estudo de informações que podem ou não merecer confiança dentro de tais critérios.

3. O uso constante do método dialógico.

4. A experiência da participação e da falibilidade da autoridade através da própria dinâmica do método experimental e da crítica.

5. A aquisição dos pré-requisitos culturais de modo popular e simples. O povo deve ser capaz de entender *A Gênese* de Kardec. As verdades científicas podem ser ensinadas ao **povo**. É preciso descobrir como vencer a linguagem hermética, antipovo e elitista do cientista e **tornar** a ciência acessível às mentes mais simples.

O grande segredo para que a popularização do espiritismo atinja os resultados desejados sem que a própria doutrina espírita seja deturpada pelo pensamento mágico e ingênuo, consiste em refazer a estrutura de funcionamento dos trabalhos práticos do centro espírita de modo a permitir:

a.) O diálogo com as entidades num clima de amizade e respeito. Paulatinamente, alterar o clima de reverência à autoridade com que se recebem médiuns e espíritos. Essa é a proposta que permite **minar** pela base a infabilidade mediúnica e o autoritarismo de dirigentes, médiuns e espíritos.

b.) Análise das comunicações psicofônicas e psicografadas, feitas logo após cada reunião. Confrontar as orientações com os ensinamentos de Kardec, anotar os erros e acertos quanto ao conteúdo (desenvolver a humildade do médium).

c.) Divulgação das propostas de controle experimental e consenso contidas nos ensinamentos de Allan Kardec através de formas de comunicação mais modernas e populares como: desenho, histórias em quadrinhos, análise de casos práticos.

d.) **Partir do interesse do frequentador do centro**, utilizando os seus conceitos para, **partindo deles**, através do **diálogo**, chegar aos conceitos kardequianos. Aproveitar a fixação do povo em Jesus Salvador para mostrar o evangelho, especialmente no enfoque contido em *A Gênese*, para depois introduzir *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

e.) **Partindo da vida de cada um através de trabalhos de grupo**, estudar as **Leis Morais**, iniciando com a lei de **justiça, amor e caridade**, enfatizando os direitos humanos e, consequentemente, uma nova forma de relacionamento humano baseada no respeito pelo irmão e não no autoritarismo (respeito à autoridade como tal).

É no estudo das **Leis Morais** que devemos empregar nossos maiores esforços e usando várias técnicas de **educação popular**, aproveitar os conhecimentos do adulto, auxiliando-o a chegar às conclusões libertadoras que o espiritismo oferece.

Nossa luta maior deveria ser **conscientizar o povo** mostrando-lhe as diretrizes gerais da vida e a vontade de Deus, expressa nas **Leis Morais**, sem nos importarmos se querem ou não ser espíritas.

A luta é no campo ideológico como mostrou Kardec em *A Gênese*. Vivências que identifiquem uma ideologia libertadora e não opressora, é isso o que o povo quer.

Não falo aqui em doutrinação popular, nem pregação das ideias espíritas. Proponho uma nova vivência nossa com o povo, um novo enfoque nos centros espíritas, a ser iniciado na própria convivência com os espíritos. Falo de novas formas de **relações humanas** e não simplesmente do ensino da reencarnação, da imortalidade da alma, da fé em Deus.

Essa vivência diferente deverá levar cada um a questionar, discutir e procurar alterar sua vivência familiar, por exemplo. Como está dividida a economia familiar? Quem faz as tarefas menos agradáveis como lavar, limpar, arrumar, cozinhar, fazer compras? O trabalho segue a aptidão de cada um? Há um clima de liberdade e respeito ou uns usam e sujam o que os "inferiores" limpam? Quem espera ser servido e por quem? Quem vai servir, como se sente? Como encarar o sacrifício de alguns em benefício da maioria?

A **família** é o campo mais difícil da convivência democrática. É aí que os valores da igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade devem ser testados.

V - VIVÊNCIA PESSOAL DOS POSTULADOS ESPÍRITAS - A REFORMA ÍNTIMA

Kardec ao estabelecer que o orgulho e o egoísmo são os verdadeiros causadores dos desajustes humanos, colocou claramente que a **questão principal do homem se refere às próprias relações humanas**.

Para entender porque fez essa colocação, é preciso entender o que significa egoísmo e orgulho, definir suas causas e estudar como a organização social excita e entretém esses dois sentimentos.

Segundo Kardec, o egoísmo e o orgulho resultam do **exagero do instinto de conservação**. O instinto em si é bom e necessário, desde que contido em limites naturais (portanto, justos). Numa comparação simples: eu quero coisas necessárias à minha sobrevivência como bens pessoais, roupas, comida, abrigo etc.

Esse querer faz parte do meu **direito de viver, de sobreviver**. Eu defendo meus direitos, meu lugar, meu eu (emprego, liberdade, participação, segurança, lazer, justiça). Com isso, estou usando meu direito ao progresso: direito bom e natural.

No entanto, se eu quero bens para mim, sem atender ao direito dos outros ou até impedindo os outros de conseguir esses bens, o que há é **egoísmo**. O **egoísmo não consiste assim em querer o bem para si, mas em querer o bem somente para si ou até em detrimento do bem dos outros**.

Já o orgulho consiste em julgar que eu sou **melhor ou superior aos outros, mais capaz, mais humilde, mais merecedor**, de raça melhor. Mais **trabalhador, mais inteligente**, ou seja, o orgulho consiste em nos julgar melhores do que os outros e, conseqüentemente, com direito de ser melhor atendidos, com direitos superiores aos demais. **Formamos assim uma autoimagem superior à real**, baseada em uma superioridade falsa e mentirosa, que não resiste a uma análise mais profunda. Sou branco, sou superior; sou espírita, sou superior, não encarnarei como selvagem porque não vou regredir; sou culto porque meu espírito faz

juz a esse benefício; sou mais perfeito porque não tenho "pecados" de outra encarnação. Todos esses pensamentos são de orgulho. "A importância que por orgulho atribui a sua pessoa, o torna egoísta" (Ideias e citação de Allan Kardec em *Obras Póstumas - Egoísmo e Orgulho - suas causas e meios de combatê-los*).

Na questão 917 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec analisa as causas que produzem e entretêm o egoísmo nos homens e nas organizações sociais.

n **1ª causa** - A influência da matéria da qual o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pode libertar-se. Matéria está significando, no contexto, a influência dos instintos animais ligados à conservação da vida, ou seja, ao **instinto de conservação animal**.

n **2ª causa** - As próprias leis, organização social (entendidas como a estrutura sócio-econômico-política) e a educação (no lar, na escola e na sociedade), mantêm e conservam o homem sob a influência desse instinto primitivo exagerando-o e fazendo nascer o egoísmo e o orgulho.

n **3ª causa** - A experiência que o homem tem do egoísmo do seu semelhante, também o torna egoísta porque sente a necessidade de se defender agindo do mesmo modo.

n **4ª causa** - O não reconhecimento da virtude pela sociedade em que vivemos. Aqueles que são capazes de se sacrificar pelos outros, não somente não são reconhecidos mas podem ser explorados e usados para os fins dos outros. Além disso, nada conseguem em termos de ensinar algo de bom ao semelhante através da renúncia...

É claro que para destruir o egoísmo e o orgulho no homem e nas instituições sociais, precisamos alterar tanto o indiví-

duo como a sociedade. Alterar apenas um deles não nos levará aos resultados desejados.

Por isso a propalada reforma íntima tem que ser em tendi-da de modo mais abrangente e total. Reformar é aproveitar uma estrutura básica, alterando disposições, acrescentando novas faces, diferenciando, recriando espaços e formas. Reforma é sempre transformação...

O termo reforma vem sendo "desmoralizado" por uma moderna implicância por parte de algumas pessoas, que pretendem substituir palavras ao invés de definir situações. **O que está errado não é a palavra reforma e o tipo de reforma íntima que se ensina como sendo a desejada para um espírita.**

Há dezenas, centenas de reformas possíveis em uma casa, mas o resultado dependerá do que eu espero atingir. Da mesma forma posso me transformar em um ser sem espontaneidade, sem criatividade, altamente reprimido, sem alegria saudável, cheio de padrões estruturados em conceitos ultrapassados de pureza, moralidade e bondade. Posso também me transformar **respeitando minha estrutura pessoal** (orgânica, psíquica, evolutiva), **reformando minha conduta**, no sentido de ser mais espontâneo, mais natural, mais gracioso, mais humilde, mais belo, mais alegre, mais ativo, menos culpado, menos fechado, mais amoroso. **O resultado depende do que eu entendo como sendo** humildade, bondade, graça, espontaneidade etc.

Para esclarecer de modo mais prático, alinhamos alguns conceitos de reforma íntima dirigida por padrões autoritários, repressivos e opressores, em flagrante desacordo com o estabelecido pelo espiritismo e aqueles conceitos que entendo ser os ensinados nas obras básicas.

A REFORMA ÍNTIMA

COMO NOS É IMPOSTA (Autoritária, repressiva e repressora)	SEGUNDO A VISÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA
<p>1. Colocar as necessidades espirituais acima das do corpo (orações, auxílio, tolerância sem limites, trabalho sem cansaço, fuga dos divertimentos).</p>	<p>1. Colocar as necessidades espirituais no mesmo plano da do corpo que deve ser cuidado, alimentado convenientemente; descansar de acordo com cada constituição. (Lei do Trabalho)</p>
<p>2. Participar com dedicação e persistência de preces, sessões, reuniões de estudo. Ouvir os espíritos em nossas necessidades para que indiquem soluções e nos deem cobertura. Dar passes. Auxiliar a pobreza.</p>	<p>2. Ter sempre presente que a verdadeira adoração é a do coração, que consiste em fazer o bem e evitar o mal. Saber que os homens se entenderão quando praticarem a Lei da Justiça. Não confundir caridade com esmola. Caridade é uma atitude diante de todos (benevolência), uma forma de sentir diante da maldade humana (indulgência) e uma forma de agir com os que nos prejudicam ou odeiam (perdão). (questão 886) - Dialogar com os espíritos, comparar orientações, concluir, se possível.</p>
<p>3. Renunciar aos nossos direitos para favorecer filhos, mães, pais, irmãos. Ser sempre um doador amoroso que tudo faz pelo semelhante poupando-o e trabalhando por ele. Fazer sem queixumes a parte do outro se necessário, para dar o exemplo de desprendimento e elevação moral. Amar os outros e renunciar a si mesmo. É ser pedestal para a glória do outro.</p>	<p>3. Não usar nenhum ser humano para nossos fins pessoais (mesmo com carinho somos capazes de enredar o nosso próximo e levá-lo a fazer o que é bom para nós e não para ele). Considerar o direito do semelhante igual ao nosso — não superior. “Ama o teu próximo como a ti mesmo” não significa “ama o teu próximo e despreza a ti mesmo”. Amar os outros como Jesus nos amou (“Amai-vos uns aos outros como EU vos amei”), ou seja, lutando para que haja justiça, esclarecimento, amor e caridade para todos. Não nos sacrificar por indivíduos egoístas e exploradores que nada lucram com isso e nem melhoram, pois aprendem apenas a nos escravizar.</p>
<p>4. Atender em casa e no trabalho todas as solicitações de esforço extra, suportando, sem murmurar, humilhações e injustiças. Só a Deus compete julgar.</p>	<p>4. Definir suas responsabilidades no trabalho a ser feito dentro dos limites de suas forças (sem acarretar exaustão). Expor suas necessidades e procurar seus direitos; reconhecer as injustiças, só as suportando quando inevitáveis. (<i>O Evangelho Segundo o Espiritismo</i> - Causas anteriores das aflições)</p>
<p>5. Não contrariar os mais velhos e as autoridades que de alguma forma Deus destinou ao comando. Atendê-los sempre com amor e respeito trabalhando sem cessar para que reconheçam nosso esforço e nos aceitem. .</p>	<p>5. Respeitar todo ser humano e, dentro do possível, todos os seres vivos. Crianças, doentes, moços, velhos, adultos, todos merecem nosso respeito. Aceitar a autoridade daqueles pelos quais sentimos deferência natural diante de seu saber e virtude. (questão nº 878-a)</p>
<p>6. Não criticar, não responder argumentos polêmicos. A verdade se impõe por si só.</p>	<p>6. A crítica deve ser feita, especialmente quando envolve interesses de grupo a que indivíduos ou outros grupos exploram (<i>O Evangelho Segundo o Espiritismo</i> - itens 19 a 21). A verdade não se impõe por si só. Reprimir o mal é louvável e constitui em certas ocasiões um dever. (idem - item 13)</p>

7. Ser humilde, não mostrar o que faz, esperar que os outros reconheçam seu mérito; atribuir aos amigos e aos grupos os trabalhos que faz. Ser modesto, nós nada somos.

7. Ser humilde, isso é, saber onde somos capazes e onde não somos conhecendo nossos erros e reconhecendo nossas qualidades. Estar aberto à crítica. Assumir o que faz e não o que o outro faz. Saber e sentir que podemos aprender com todos, principalmente com os que consideramos ignorantes e inferiores. Ser capaz de entender o irmão e respeitar seu nível evolutivo.

8. Não se envolver em movimentos sociais tipo greve, passeatas. Não reivindicar. O cristão dá o exemplo. Não exige nada e muito menos lidera reivindicações. Os maus devem ser despertados para o bem, pela nossa submissão, o nosso exemplo. Então, nos darão nossos direitos. Toda forma de pressioná-los é uma violência. Devemos nos tornar indispensáveis para os maus. Eles são os que mais necessitam de caridade.

8. Os maus precisam da caridade mas não da submissão dos bons. Não confundir fraqueza com virtude. Impedir a maldade é simples defesa e obrigação. A luta entre as forças do progresso e as da estagnação é natural mas nem por isso deixa de ser luta. (A *Gênese* - cap. XVII). Analisar as causas que entretêm e desenvolvem o egoísmo e o orgulho e atacá-las conforme nossas forças (aos poucos, uma a uma, ou em estratégias totais). Ninguém nos dá direitos. Eles são direitos justamente por não serem caridade nem concessões.

9. Perdoar é esquecer. Esquecer significa dar nova oportunidade mantendo o trapaceiro, o explorador, o ladrão, o egoísta na mesma posição de antes. De que adiantaria perdoar e tirar seus privilégios?

9. Esquecer a maldade é estar aberto e indefeso diante dela. É preciso ser “prudente como a serpente” (Jesus). Apoiar os que erraram e se mostram desejosos de reparar os erros auxiliando-os sem fazer as coisas por eles. Não podemos fazer o outro crescer, se não o deixarmos agir por si mesmo. (Ver *O Céu e o Inferno* - Allan Kardec).

10. Ser bom é servir o outro, sem medir sacrifícios.

10. Ser bom é não usar o outro para meus fins pessoais (posição, dinheiro, prazer sexual, abrigo, segurança etc.) Ser usado pelo outro, não é servir. Servir significa trabalhar pelo bem de todos com amor.

11. Vencer a tentação sexual representada pelo desejo sexual e necessidade de ter prazer com parceiros.

11. Usar o sexo com dignidade, respeitando o outro e sabendo-se responsável pelos sentimentos que despertar nele.

VI - COMUNICAÇÃO

Ha muito preconceito acadêmico ou no moderno jargão, preconceitos de “elite burguesa” no espiritismo, quanto à sua forma de comunicação com o público.

Linguagem simples e desataviada é logo considerada imprópria e feia. Tentativas de popularizar conceitos kardequianos são referidas como formas “deseducadas” com linguagem agressiva e anticristã.

Expressão de sentimentos ou emoções como indignação, irritação, revolta, são consideradas como "campo aberto às trevas", quando não linguagem própria de obsediados. Expressar emoções, mesmo dentro de argumentação racional, é sumamente "mal-educado", refletindo nosso secular preconceito contra uma parte de nossa realidade psíquica: a emocional. Devemos apenas discutir argumentos racionais sem expressar o que sentimos a não ser que se trate de sentimentos de exaltação amorosa ou "piegas", diante da grandeza da vida e da Justiça Divina.

Segundo percebemos parece ser consenso que a imprensa espírita reflita serenamente as mais diferentes tendências dentro de uma linguagem fria, eficiente, "pedagógica". Há tentativas de imitar a linguagem jornalística da United Press na brevidade vazia de interpretações. A expressão de frases comuns que não explicam os conceitos repetem que é preciso preservar a pureza doutrinária, sem mostrar onde está sendo prejudicada, que é preciso ser humilde, sem dizer ou tentar definir o que é humildade, que o espiritismo pode manter a esperança, sem explicar esperança em quê. Enfim, permanecemos nas formas comuns do século passado, acrescido de nosso academicismo e do gangorismo próprio de nossa cultura latina.

Esse orgulho de que padecemos, a pretensão de ser o que não somos, de poder "friamente" analisar os fatos ou fingir hipocritamente que sabemos do que falamos... Daí nossa imprensa ser inacessível aos ignorantes, o nosso trabalho é difícil de ter penetração junto à massa (o que de alguma forma é bastante bom para essa massa, tendo em vista o tipo de colocações que fazemos).

É preciso corrigir isso? Penso que sim. Queremos corrigir? Penso que não. Nada é mais impossível do que querer mudar o que não quer ser mudado. Mas, enfim... Não sou especialista em comunicação. Eles que se pronunciem...

FILOSOFIA DE VIDA RENOVADA: A EDUCAÇÃO ESPÍRITA É UM NOVO PARADIGMA

Octávio Melchíades Ulysséa

1. INTRODUÇÃO

O advento de uma nova mentalidade para toda a humanidade ocorrerá como consequência natural do cumprimento de duas leis: a lei do progresso e a lei da igualdade. Nesta ocasião, surgirá certamente uma nova Idade Espiritual, resultante de uma nova filosofia de vida que se expressará obrigatoriamente no social e no espiritual.

Kardec, a este respeito, assim se referiu: "Agora não são as entranhas do globo que se agitam, senão as da humanidade" (*A Gênese* - cap. XVIII - Sinais dos tempos).

O progresso trará à Terra o reino da igualdade, da justiça e da fraternidade. Para tanto, será necessária a existência de um novo homem, um novo biotipo, um ser psíquico portador de uma estrutura capaz de permitir a vivência destes sublimes ideais.

A existência humana deste novo biotipo refletirá a transcendência que se fará em dois campos: o horizontal – que se expressará em fenômeno social e o vertical – que se expressará em fenômeno espiritual. No primeiro, abrangerá toda a sociedade com todas as suas implicações; no segundo, abrangerá a moralidade com sua atualização palingenésica.

Qual será o papel da doutrina dos espíritos nesta transformação?

O espiritismo mais do que ser uma religião cósmica, precisa fundamentar os rumos de sua ideologia no histórico-social.

O próprio cristianismo primitivo, no qual a doutrina dos espíritos se fundamenta, considera a existência compreendida por dois aspectos: o caráter privado, concernente ao íntimo do indivíduo e o caráter coletivo, concernente ao social, conectado inclusive aos problemas, crises, desajustes e desorganização social.

Isto quer dizer que o espiritismo deverá participar do espiritual e do social ou a sua ideologia espiritual deverá participar do histórico-social. Esta é a condição necessária para que a evolução social possa avançar integradamente com a espiritual, expressando-se em harmonia e fraternidade.

A teoria filosófica espírita deverá assumir uma postura prática no espiritual e no social. Deverá ser exequível. Deverá ordenar-se para transformar a ordem imperfeita vigente da sociedade atual.

O método a ser adotado, com fundamento na doutrina dos espíritos, deverá fundamentar-se na dialética palingenésica do progresso e da evolução. Método que precisa melhor preparar os homens para melhor compreender a problemática da existência.

Esta riquíssima ideologia, contida na doutrina dos espíritos, deverá mobilizar melhores recursos destinados a induzir com clareza o espírito humano a compreender o processo palingênésico, que coloca e situa cada espírito encarnado no ambiente necessário à nova experiência que terá de ser vivenciada.

O coletivo também deverá ser visto como um fator espiritual. O contexto e os fenômenos sociais precisam ser vistos como decorrência do fenômeno metapsíquico. Se tal postura não vier a ser assumida pelos espíritas, os valores doutrinários espíritas permanecerão à margem do social, retardando a conquista e a participação da Humanidade neste processo diferente de transformação.

2. FUNDAMENTAÇÃO

2.1 - Fundamentação Filosófica

A teoria do conhecimento humano ocupa-se com a interpretação filosófica a respeito da vida, do mundo, do homem e do destino.

As doutrinas, as escolas e as correntes de pensamento divergem exatamente porque aceitam e admitem interpretações diferentes a respeito do mesmo fenômeno. A descrição fenomenológica, portanto, pôde e deve encarar os problemas que se apresentam no fenômeno do conhecimento, dando interpretação própria conforme os fundamentos filosóficos adotados.

O conjunto de problemas e soluções a respeito de uma determinada área do conhecimento humano constitui-se no que se denomina de **paradigma**. O paradigma é sustentado por teorias que se constituem em verdadeiras molduras do próprio pensamento.

A doutrina fixada, base do paradigma, constitui-se no dogmatismo. Por esta razão se afirma que o paradigma ortodoxo sustenta-se em dogmas.

Tais considerações valem-nos para melhor identificar e compreender a importância da fundamentação filosófica do pensamento aceita por uma linha ou diretriz filosófica, como é o caso da doutrina espírita.

A epistemologia ou a fundamentação filosófica vale para traçarmos a fundamentação pedagógica e a fundamentação educativa. A fundamentação pedagógica sustenta o ideal da educação e a práxis sustenta-se na educação, que se constitui em instrumento de transformação.

A sistematização de uma filosofia de educação espírita, precisa de bases epistemológicas.

As bases epistemológicas responderão pela interpretação dada pelas doutrinas, escolas e correntes de pensamento humano, constituindo diferente visão da vida, visão de mundo, visão do homem e visão de destino.

Os fenômenos ou fatos são sempre fenômenos ou fatos, entretanto, o que divergem são as interpretações dadas pelas diferentes doutrinas, escolas ou correntes de pensamento.

O espiritismo, como doutrina, sustenta-se em teorias. A interpretação dos fatos obedece aos princípios doutrinários. Fatos de natureza econômica, política e social recebem interpretações coerentes com o pensamento doutrinário espírita.

A cosmovisão espírita da vida, de mundo, do homem e futuro assegura uma interpretação diferenciada, tendo em vista que leva em consideração a existência em níveis ou planos integrados. O convívio humano é interexistencial. Os planos interagem. Vivemos, ao mesmo tempo, o mundo material e o mundo espiritual.

A psicosfera é o estado de espírito.

2.2 - Fundamentação Axiológica e a Educação Espírita

A axiologia ou a teoria de valores permite, ao estudioso, compreender melhor a importância dada por um indivíduo ou por uma coletividade, em determinadas circunstâncias, a um determinado valor. A consideração dada a um determinado valor representa distingui-lo dos demais valores.

A doutrina espírita, ao estabelecer critérios de valores entre a realidade espiritual e a realidade material, chama a atenção do espírito encarnado à respeito dos interesses predominantes.

Os valores podem contribuir para uma compreensão melhor da posição submetida ou objetiva, face à doutrina dos espíritos. Muita correlação existe entre o fenômeno do conhecimento

humano e os problemas nele contidos. O estudo dos valores, área da filosofia, tem contribuído para uma melhor compreensão da vida, do mundo, do homem e do destino.

A axiologia é, portanto, a teoria crítica dos valores. Ela estabelece critérios de valores. Critérios que determinam ou fazem surgir alguma coisa.

O homem, pela sua configuração atual, biológica, mental e espiritual, não vive exclusivamente mergulhado num mundo tão só de coisas materiais, como os animais, mas vive também num mundo de símbolos, sinais e valores.

Os seus valores nascem, portanto, das relações significativas do sujeito necessitado com algo que o satisfaz. Existem, por conseguinte, tantos valores quanto forem as necessidades humanas, podendo ser de natureza econômica, vital, estética, lógica, moral e religiosa. Há, evidentemente, uma hierarquia entre estes valores, que se expande do útil ao religioso. Entre salvar a própria vida biológica (valor vital) e perder a honra (valor ético) ou abjurar uma verdade religiosa; muitos prefeririam valores subjetivos em detrimento de valores econômicos e vitais; em certas circunstâncias, outros preferiram a morte, como foi o caso dos primeiros cristãos.

Podemos afirmar, em matéria de hierarquia ou classificação, que a opção ou a decisão por um dado valor não se acha no confronto de classificação, mas no confronto de metafísicas ou ontologias que condicionam as classificações e hierarquias. A conclusão que se chega é de que a axiologia é subalterna à concepção da vida, do mundo, de homem e de destino.

Scheler organizou uma tabela de valores, tendo considerado os valores como agradável, desagradável, vital, espiritual, santo e profano. Outros filósofos, como Hessen, Siles Joseph de Finance elaboraram sua tabelas.

Por valor devemos entender ideias, normas, conhecimentos, técnicas e objetivos materiais, em torno dos quais se vão condensando, pela interação social, opiniões e atitudes favoráveis baseadas, sobretudo, em experiências positivas. Um valor se revela através de uma convivência de algo para algo. Ora, a convivência deve ser vista como uma ação. É necessário, portanto, saber captar o valor. Valorizar é dar um "valor a algo"; algo portador de um valor ou algo que receba a contribuição de um valor.

Desta maneira, em qualquer circunstância da vida, individual e coletiva, é necessário estar situado pelo princípio da realidade ou pela determinação de viver no mundo como ele é e não como desejaríamos que fosse.

Não devemos jamais perder de vista que os valores entram na ciência como fundamento para a identidade de problemas. Eles determinam a ordem em que devem ser tratados e os recursos que cabem para a determinação da ordem que caberá determinar a sua solução.

Isto quer dizer que a análise fenomenológica não nos dará jamais toda a realidade, mesmo porque, começa por colocar a existência e a tradição entre parêntesis. Ora, nossa vida é uma realidade primária que não podemos abstrair. Nem sequer podemos abstrair a nossa inserção numa cultura, se quisermos lidar com o real. O valor também não deve ser confundido com o agradável ou com o prazer. Nem deve ser reduzido ao desejado ou ao desejável. O valor não é uma livre criação do eu. O valor não é um elemento das coisas, nem a perda de valor por um bem não tira o ser da coisa. Por exemplo, a beleza não é a mulher bela ou o quadro, mas é possuída pela mulher ou pelo quadro. O valor liga-se à coisa por uma determinação qualitativa. Isto é, aquilo que se atribui de modo accidental a algo, é qualidade desse algo.

As coisas depositárias do valor chamamos de bens. Não se pode confundir fenômeno com a natureza ou a essência.

O valor deve ser também visto como uma propriedade do ser. Isto quer dizer que o conceito abstrato de bem é o próprio valor e o ente deve ser visto como sujeito dos valores. A doutrina dos espíritos é profundamente axiológica. Mesmo que considere a existência de duas realidades: a espiritual e a material, e estabeleça o interrelacionamento da vida nestes dois níveis, não poderá perder de vista as ideias, normas, conhecimentos, técnicas e objetivos materiais existentes, em torno dos quais se vão condensando, pela interação social, os ideais comportamentais dos espíritos encarnados, quando conscientes da importância e necessidade de se viver a realidade material, esforçando-se por transcender para níveis de aspirações mais elevados.

2.3 - Fundamentos para uma Práxis Espírita

Não pode haver práxis sem suporte filosófico. Isto significa que a filosofia deve ser vista como doutrina de concepção e transformação como educação, que deverá ser permanentemente ativada.

O processo deve se desenvolver do biológico para o social, desse para o moral e desse para penetrar no plano do espiritual. A base filosófica dessa transformação deve se fundamentar no contínuo.

Desta maneira, o existir deve ser visto como função do ser. Existir, neste processo contínuo, dará ao projeto existencial a feição do transcender.

Toda transformação precisa adquirir novos padrões éticos, ocasião em que a Humanidade elabora nova síntese do pensamento, promovendo revisões de valores que se incorporam à intimidade da realidade histórico-social.

Neste quadro de referência, a dialética espírita precisa levar em consideração que o movimento da vida não se reduz à mera agitação inconsequente do sensível.

A doutrina espírita precisa conviver com uma dialética de dimensões portadora de maior densidade ontológica, capaz de passar do plano da fenomenologia metafísica para o plano prático da vivência humana e social.

A prática filosófica, vista à luz do espiritismo, precisa ser um ato volitivo dinâmico com base na dialética palingenésica, capaz de inspirar a práxis para a transformação do individual e do social.

A concepção existencial aceita pela filosofia espírita não exclui o social. Muito pelo contrário, está profundamente sustentada no processo transformativo do social.

Neste fundamento é que se sustenta a conversão do individual em social, do social em moral, do moral em espiritual, através do ontológico.

Por isso, toda teoria dimensional espírita deve estimular, por processos educativos permanentes, a conversão do ego-centrismo em sociocentrismo, esforçando-se em desmaterializar valores contingentes através da própria moralização. Deve levar em conta que as injustiças geradas permanentemente pela brutalidade de egocêntrica, não poderão jamais ser corrigidas pela brutalidade sociocêntrica.

Desta maneira, o social somente se resolverá em moral quando a existência não se fechar no círculo vicioso do egoísmo.

Por tal razão, os interesses egocêntricos vigentes no mundo atual buscam ainda a concentração da riqueza nas mãos de poucos, não permitindo a redistribuição dos bens necessários a todos os homens.

O espiritismo precisa penetrar cada vez mais na alma da sociedade para realizar, na vida íntima e externa dos homens, uma profunda transformação, conduzindo o comportamento humano do egoísmo para o altruísmo.

Desta forma, a sociedade precisa avançar em busca de planos de vida mais elevados, quando compreender o fenômeno da reencarnação.

Nesta iluminação social, a mediunidade social se tornará instrumento de elucidação das massas que saberão então, discernir melhor a ação dos fenômenos econômicos, políticos e sociais. Ela elucidará o povo a respeito da justiça social, levando-o a compreender a lei de causa e efeito.

Nesta ocasião, a justiça será vista como inspiração dos espíritos, que chega à alma humana pela mediunidade social, ocasião esta que será capaz de traçar um programa para toda uma ordem social". (*Obras Póstumas* - Allan Kardec).

As forças coletivas, inspiradas pela mediunidade social, têm inspirado revoluções históricas identificadas com as transformações de culturas e civilizações.

Não foi em vão a afirmação sábia do codificador: "A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tenha chegado. O espiritismo, que aspira ao mesmo fim e realiza as suas metas, encontrar-se-á com ela no mesmo tempo".

Este momento coincidirá certamente com o surgimento de uma nova civilização, fundada na realidade espiritual e social da humanidade em evolução.

Assim, identificar o momento histórico-social é obrigação de todo espírita. Ele precisa levar em consideração a mediunidade coletiva na ação social. O espiritismo não é uma ideia contemplativa, separada da realidade social, dis-

tante dos confrontos sociais e das soluções centradas na justiça.

O conceito estático de movimentos sociais espíritas não poderá continuar. O espiritismo é uma revolução espiritual vigorosa e profunda, que avança com o progresso dos espíritos encarnados e desencarnados.

3. - RELAÇÕES SOCIAIS

3.1- As Relações de Produção na Visão da Economia Espírita

Quando na Terra os homens incorporarem a compreensão de que a estrada neste plano depende mais da relação com os valores éticos e espirituais do que com as coisas físicas, então a sociedade, a ordem e os sistemas econômicos passarão a ser vistos através de uma nova ética.

Esta ética precisa considerar que "todos os bens da natureza, todos os tesouros da graça, pertencem em comum e indistintamente a todo o gênero humano". (Leão XIII, encíclica *Rerum Novarum*)

Assim, a economia passará a ser encarada como um fator coletivo que deve beneficiar a todos por igual.

O que se percebe é que o progresso, ao invadir as doutrinas filosóficas e religiosas, convoca os seus membros a coparticiparem das soluções econômicas que visam corrigir as desigualdades de tratamento humano. Nos dias atuais, nítido está cada vez mais que todos deverão participar da justiça social, participando dos modos de produção. O proprietário dos meios de produção não mais deverá comprar o processo de trabalho dos homens que, pressionados por forças reencarnatórias, têm limitado suas possibilidades na estrutura econômica. A produção de bens novos que o processo de trabalho produz não poderá continuar a ser propriedade privativa do capital. O contrato de trabalho

precisa deixar de ser efetivado na base do que o trabalhador produz e será com base no valor real dos bens que ele produz.

É verdade que as relações técnicas de produção são forças do egoísmo humano das quais persistem o capital privado em concentrar-se em algumas poucas mãos possessivas. Isto quer dizer que, "a situação que prevalece na economia baseada na propriedade privada do capital caracteriza-se por um princípio essencial, os meios de produção estão submetidos à propriedade da produção tendo sido o lucro e não a utilização dos bens". Isto quer dizer que todos os homens capazes e desejosos de trabalhar não têm possibilidades permanentes de encontrar emprego.

A propósito, afirmou Albert Einstein: "O capitalismo estropeia os homens. Neste se enraíza, em minha opinião, o maior dos males que ele comporta. Todo o nosso sistema educativo sofre com isto. Inculca-se no estudante uma atitude exageradamente competitiva, levando-o ao culto de êxitos adquiridos, com vistas a sua futura carreira". (Da revista *Gauha Européenne*, Paris, janeiro de 1957)

Esta não é uma posição cristã. É uma posição bem centrada no capitalismo. É aspiração de sistemas orientados para fins econômicos.

O fundamento da filosofia espírita, entretanto, também se preocupa com a economia? Preocupasse com o reconhecimento de um sistema justo. Preocupa-se com a "concentração", com o "capital", com a "propriedade", com o "trabalho".

A doutrina espírita, nos seus fundamentos, considera a riqueza econômica quando de caráter privado, vinculada ao egoísmo e ao exclusivismo individualista. O espiritismo, como doutrina social, admite que a vida humana tem evoluído progressivamente do privado para o coletivo. Ele tem induzido os seus adeptos a perceberem que toda propriedade, por pequena que seja, tem sua origem na pequenez moral do indivíduo. Na prática, entretanto, cada

adepto tem se justificado como lhe é possível. Um dia, todos compreenderemos que a propriedade privada se relaciona realmente com o pequeno e se circunscreve ao mundo, enquanto a propriedade coletiva se vincula com o grande e extenso, a concepção livre de todos. Esta é a posição espírita. Legitimamente espírita. Não é preciso ser marxista para assim interpretar.

Basta que se considere o conceito pangenésico de evolução, sustentado pelo espiritismo, para se perceber que sua doutrina não justifica o sistema de propriedade privada. Além do que, na lei do bom senso, homens espiritualmente adiantados renunciam a qualquer posse privada e são incapazes de se apoderarem de qualquer coisa material, de cuja posse pertença a harmonia da evolução coletiva. Da mesma forma, com relação à herança. Ambas são chagas morais que a humanidade vem carregando.

A comunhão de bens ou propriedade coletiva, mais do que concepção de qualquer tipo de socialismo, pertence ao cristianismo primitivo e, portanto, pertence também ao espiritismo.

O espiritismo não é doutrina dos ricos ou dos pobres, é doutrina de coparticipação. Uma nova sociedade, no futuro, segundo a doutrina espírita, se emancipará do regime social baseado na propriedade individual, porque o estado de evolução espiritual alcançado pelo homem o levará a aperfeiçoar-se, segundo o princípio da lei de igualdade. Ela então, identificará os bens econômicos como sendo instrumento de evolução individual e coletiva, não mais como "concentração" e "posse" nas mãos de poucos.

Os meios de produção, nesse novo sistema econômico, deverão pertencer à sociedade e serão utilizados de modo planejado. Economia planificada que ajustará a produção e as necessidades da comunidade, distribuindo o trabalho entre todos os indivíduos aptos e garantindo os meios de uma existência decente a cada um: homem, mulher e criança.

Nesse nível de evolução, então, "a educação estará vinculada realmente à economia; ocasião em que, além da sua função de promover as capacidades individuais inatas, promoverá o sentimento de responsabilidade, com respeito ao semelhante, em lugar de glorificar, como faz atualmente, o poder e o êxito". (Humberto Mariotti - *Parapsicologia e Materialismo Histórico*).

3.2 - "Sistema Social" na Visão da Sociologia Espírita

A sociedade, na visão do espiritismo sociológico, é o ambiente imprescindível no qual há de se apoiar o desenvolvimento moral dos espíritos encarnados.

Nesta concepção, o processo geral da história não decorre absolutamente dos modos de produção.

A sociologia espírita deve considerar os modos de produção relacionados com os modos de evolução. Isto quer dizer que, tanto os fatos históricos quanto os sociológicos têm suas raízes na substância viva do espírito, na dinâmica palingenésica, onde as encarnações vão burilando caminhos rumo à perfeição moral e social.

Por outro lado, se a sociedade é imperfeita e deficiente, do ponto de vista de sua organização. Será, portanto, inadequada para oferecer ambiente de justiça e de beleza, sem possibilidades mínimas para oferecer condições à evolução integral: material e espiritual.

Da mesma forma, se a estrutura social está baseada na injustiça e na desordem, a sociedade automaticamente cumprirá um papel improdutivo. A desigualdade de posições sociais existentes na estrutura social engendra, por sua vez, a desigualdade de afetos e sentimentos. Isto significa que a igualdade de afetos e sentimentos nasce da igualdade de situação econômica e de uma mesma forma de acomodação social.

Da mesma maneira, os homens separados de seus semelhantes não poderão jamais harmonizar suas mentes. Não podendo harmonizar suas mentes, frente à desigualdade econômica e social, armam-se para enfrentar o próximo, a fim de haver para si o que lhes falta.

Assim, toda injustiça social choca-se com a sensibilidade moral dos homens justos e espiritualizados. Da mesma forma, a igualdade social deve ser consequência do reconhecimento da igualdade espiritual.

Não podemos perder de vista que o homem, na visão espírita, é um ser que relaciona, mediante o perispírito, instrumento psíquico, o mundo corporal com o mundo espiritual. Isto significa que o perispírito é o elo que relaciona subseqüentemente os modos de produção com os modos de evolução.

Para Kardec, os sistemas sociais variam de acordo com a evolução dos espíritos. Por isso afirmou que "A aspiração do homem para uma ordem de coisas melhor do que a atual é um indício certo da possibilidade de que chegará a ela. Cabe, pois, aos amantes do progresso ativar este movimento pelo estudo e a prática dos meios que julguem mais eficazes". (Allan Kardec - *Obras Póstumas*).

Desta maneira, uma nova sociedade, segundo a doutrina espírita, seria determinada pelo modo de vida espiritual alcançado pelos homens. Corpo e espírito, isto é, sociedade e alma, devem ser capazes de se desenvolver em harmonia.

Toda transformação social deve ser global: material e espiritual.

Uma sociologia espírita, na verdade, deve ser uma sociologia palingenésica do espírito, vinculada aos mundos invisíveis. Isto porque, as palingenésias individuais e coletivas são, para os homens, na visão espírita, o resultado dos fatos

sociológicos determinados pelo espírito, através de sua incessante evolução.

“Com a reencarnação destróem-se os preconceitos de raças e de castas, desde que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grão-senhor ou proletário, amo ou servo, livre ou escravo, homem ou mulher. Se, pois, a reencarnação se funda sobre uma lei natural ou princípio da fraternidade universal, funda também na mesma lei o da igualdade de direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, Allan Kardec).

Assim, nesta visão da sociologia espírita, o progresso deve ser visto como sucessão de fatos morais e sociais, determinados pelas relações entre os componentes material e espiritual. Logo, o fenômeno social tem, portanto, suas bases no fenômeno espiritual, não existindo separação entre essas duas realidades.

Desta maneira, as desigualdades, os conflitos da luta de classes se desdobram, penetrando nas realidades do mundo invisível.

Isto também quer dizer que a evolução do espírito, para ser equilibrada e harmônica, tem necessidade de meios e formas econômicas justas e equitativas, já que sua palingenesia fará com que o instrumento social seja empregado novamente pelo próprio ser, através de seu incessante avançar espiritual.

Assim, a sociologia espírita pode indentificar um homem que reencontra a história. Homem que pode construir um mundo melhor para se reencontrar a si mesmo, segundo os seus atos.

A propósito, disse Kardec: “Risquem-se das leis e das instituições, das religiões e da educação, os últimos restos de barbárie e os privilégios; destruam-se por completo todas as causas que dão vida e desenvolvimento a estes eternos obstáculos do verdadeiro progresso e que, por assim dizer, aspi-

ramos por todos os poros na atmosfera social, e então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, e a liberdade e a igualdade se estabelecerão por si mesmas de qualquer forma". (*Obras Póstumas* - cap. Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e em *O Livro dos Espíritos* - capítulo sobre o mesmo assunto).

Conclui-se que a **doutrina social espírita** deve se assentar sobre a lei da igualdade, reconhecendo que o seu cumprimento deve anular a ação destruidora do egoísmo, causa da desigualdade econômica por excelência, e as questões sociais que agitam o mundo contemporâneo precisam urgentemente receber o trato e a contribuição da escola de pensamento kardecista. Assim, a doutrina social espírita ultrapassará a visão social comum das demais correntes de pensamento, cujos sistemas circunscrevem-se a um único centro: a Terra, esquecendo-se da vida espiritual.

Toda ação sociológica espírita traz luzes às grandes concepções sociais e econômicas vigentes.

Kardec, ao dizer: "vão agitar-se as entranhas da Humanidade", predizia uma maturidade e previa que as instituições conservadoras desapareceriam. As transformações que se estão operando na ordem humana levarão os homens a novas estruturas sociais e outras formas de consciência social.

Isto sugere que as forças do espírito estariam silenciosamente elaborando um novo sistema de vida social, que obrigatoriamente irá desembocar nos ideais do cristianismo primitivo, com os quais a doutrina social espírita muito se identifica.

Isto também sugere que uma revolução geral ampla se vem efetivando. Ela abalará os alicerces da atual ordem. O espiritismo terá que participar desta revolução dinâmica, tanto na ordem espiritual quanto na social, e a sua ação social precisa penetrar mais fundo na interpretação dos fenômenos sociais.

O espiritismo não poderá permanecer à margem da interpretação da questão social, assumindo postura evasiva perante as grandes coletividades humanas que sofrem por desconhecerem a dinâmica da redenção. Isto quer dizer que não existe na militância espírita, circunscrita muitas vezes ao assistencialismo caritativo, uma postura ideológico-social, quando a doutrina espírita é portadora de uma poderosa teoria sociológica.

Os espíritas precisam repensar a respeito da observação feita pelo próprio Kardec quando se referiu aos trabalhos e funções sociais: "É aos deserdados, mais do que aos felizes, que o espiritismo se dirige". Kardec não se referiu certamente ao assistencialismo piegas, mas se referiu à dialética espírita não acomodada e sim mobilizadora do senso de justiça capaz de gerar condições melhores de vida aos "deserdados".

Enquanto se fizer do espiritismo uma questão de médiuns, provas e experiências, não sairemos do estreito círculo em que o tem encerrado psiquistas de toda espécie.

O espiritismo é a restauração do cristianismo primitivo, o instrumento filosófico e religioso destinado a dar forma a um novo tipo de sociedade. A doutrina espírita, como afirma Kardec, abrange as questões mais graves da filosofia que estão ligadas a todos os reinos da ordem social, e se vincula à silenciosa revolução que se opera, indo abalar os alicerces da atual ordem constituída, desde o material até o moral. A força desta revolução humana está na própria evolução dos espíritos.

3.3 - Organização e Atuação de Grupos Sociais na Visão Espírita

Conta-nos o livro dos Atos:

"E todos os que criam estavam unidos, e tudo que cada um possuía era partilhado por todos em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e distribuía tudo por todos, servindo a necessidade de cada um. Preservavam na doutrina comum. E o

Senhor aumentava a cada dia o número dos que se salvavam, encaminhando-se à unidade da corporação."

Mas, o Reino não é apenas a comunidade de bens, não é apenas partilhar o pão. Pelo contrário, essas coisas decorrem de outra, mais profunda e mais viva que é a comunidade das almas, a união dos corações, o desenvolvimento do Amor e da Justiça entre os homens.

E esse crescimento produz a flor da caridade, que espalha suave perfume e se transforma em frutos de paz e entendimento.

Assim, os apóstolos davam também de si mesmos em favor dos doentes e dos sofredores.

A propósito, Allan Kardec elaborou um projeto de comunidade espírita.

Se remontarmos a 1862, em fragmento de escrito póstumo, identificaremos um aspecto doutrinário que poucos espíritas conhecem a respeito da proposta educativa de uma comunidade espírita, pensada pelo codificador.

Esta proposta foi encontrada entre os papéis do codificador após a sua desencarnação em 1869. A sua disposição de doar-se por inteiro "à obra de sua vida", transferindo até os seus bens terrenos, de modo irrestrito, a fim de dotar o movimento dos meios mínimos indispensáveis à difusão incessante e universal da doutrina dos espíritos, através da criação de uma comunidade espírita.

Kardec, o responsável pela sistematização do espiritismo, idealizou a reunião de pessoas, por ele identificada como "uma grande família, unida pelos laços da verdadeira fraternidade e pela comunhão de crenças e princípios", imaginando a formação de uma comunidade, uma organização que realizaria o seu sonho de espírito iluminado e zelaria pela pureza doutrinária e pela observância dos princípios da doutrina dos espíritos.

Seria o bastante para que servidores corajosos, levando em consideração os interesses da causa, se entregassem, a expensas próprias, intensivamente às árduas tarefas de impulsionar os empreendimentos do espiritismo. Era a reunião de homens capazes, laboriosos e animados pelo zelo de uma fé viva, trabalhando em comum, cada qual em sua especialidade, submetendo seus trabalhos à sanção de todos e os discutindo em conjunto, até chegar assim, incontestavelmente, à cumeeira do edifício que se estaria elevando e cujos alicerces estariam fundamentados.

Este projeto de comunidade preocupava-se com a independência e libertação das preocupações com a vida material, visando proporcionar a cada um dos membros os lazes indispensáveis a permitir ocupação proveitosa nos trabalhos essenciais. Tratar-se-ia de uma grande família, unida pelos laços da verdadeira fraternidade e pela comunhão de crenças e princípios, calcados sobre a prática rigorosa da abnegação, da caridade e da moral espírita. Todos nela residiriam gratuitamente. Aí se encontrariam reunidos todos os elementos necessários aos estudos: biblioteca, documentos de toda a sorte, sala de conferências etc. Cada qual teria aí as suas atribuições e o trabalho seria repartido segundo a especialidade. Alguns teriam por missão levar socorros aos enfermos e infelizes.

Ora, se relembremos os Evangelhos:

“Busca primeiro o Reino de Deus e a sua justiça”

Somos nós, os homens, que temos que trabalhar para que o Reino venha a nós.

O Reino foi implantado na Terra e está crescendo entre os homens. Seu crescimento é lento como o das plantações.

Muita gente se engana, pensando que o Reino pode ser atingido pelos atalhos humanos.

O Reino é o da escolaridade. O Reino exige preparação dos candidatos. Os candidatos do Reino estão tendo oportunidade, estão todos na escola da vida participando da educação permanente; mas é evidente que a maioria pertence às classes primárias”.

O Reino é da escolaridade. Quando realmente queremos atingir o Reino temos que considerar que o caminho do Reino parte do coração de cada um e se estende aos outros e ao mundo exterior. O Reino como semente: começa na germinação oculta e solidária, dentro de cada um.

Façamos dos frutos da terra o tesouro da nossa caridade permanente. Não entesouremos os bens em prejuízo dos outros. Nem roubemos. Devemos ser capazes de imitar as árvores: de ramos abertos no céu e sombras estendidas na terra.

A moral espírita precede um mundo transcendente. Sua mensagem deve servir para informar, mas sem impor. Deve sugerir sem suggestionar. Deve ser liberal e não dogmática. Aberta ao exame e jamais sintonizada com o farisaísmo.

3.4 - “Sistema de Poder” na Visão de uma Política Espírita

As estruturas que configuram a vida do Estado expressam-se através de múltiplas leis que regem o desenvolvimento social. São as leis os alicerces da sociedade, elas conferem direitos às aspirações individuais e sociais das comunidades.

O Estado, na visão liberal, em suas funções gerais, é uma instituição que responde a interesses particulares, e não aos do espírito. A filosofia espírita, com relação à lei, atem-se à realidade do homem como entidade espiritual evolutiva. A lei como expressão de um pensamento baseado em estruturas sociais imperfeitas e imutáveis, aparece como inoperante e inútil. A lei prejudica o Estado, isto é, o ser coletivo, quando este está composto por grupos de espíritos avançados no processo evo-

lutivo. O Estado sofre e ressen-te-se por sua vez quando a lei que o rege ignora que a sociedade evolui através de seus componentes de modo constante.

O movimento espírita, como entidade social e espiritual que é, possui um tipo de mentalidade filosófica que muitas vezes não se ajusta aos cânones clássicos dos códigos. Como exemplo, a mediunidade curadora.

Os espíritas confiam em que a mediunidade curadora um dia será reconhecida pelo Estado moderno em virtude de sua validade científica universal. É necessário nascer uma filosofia espírita do direito que possa revolucionar fundamentalmente a concepção jurídica dos atos humanos.

O espiritismo diante do Estado terá que representar uma força moral que se afirmará com o tempo. O Estado e a religião oficiais, porém, têm negado sistematicamente o espiritismo, apesar de que a democracia moderna outorga às comunidades humanas o direito de praticar livremente suas convicções.

Na comunidade social espírita existe um veículo capaz de expressar toda a influência do evangelho. São os centros espíritas, veículos dinâmicos de sua presença social.

O contato com o mundo espiritual tem facultado aos centros espíritas o exercício de um novo realismo cristão. Assim, o espiritismo tem se tornado uma força popular. Elo de uma cadeia espiritual, cujo destino permitirá o surgimento de uma nova época histórica do cristianismo.

O espiritismo deve envolver-se no mundo material para melhor desenvolver sua missão histórica. São três as realidades revolucionárias: espírito, evolução e evangelho. A essência do espiritismo necessita de "corpo e de lei" como força capaz de impulsionar a formação do novo direito espiritual.

A lei da sociedade é a manifestação inteligente da lei natural e o espiritismo, como doutrina que mobiliza multidões, conta com a mediunidade social.

O homem encarnado no mundo atende a duas realidades: a civil e a espiritual. É preciso considerar a sociedade como instrumento cultural através do qual os espíritos desenvolvem suas faculdades superiores.

Outro aspecto é o poder nas relações entre os espíritas. O poder é uma energia natural e, por isso, suscetível de ser utilizada.

A revelação mediúcnica tem sido usada como instrumento para avaliar ou determinar um tipo de mandato divino.

É muito comum, entre nós, a alegação da posse de um certo poder divino, que lhes teria sido dado pela espiritualidade superior. O fator místico e o fascínio que a mediunidade exerce, o sentido de medianeiro, permitem ao médium um certo poder. É um tipo de manipulação do poder. Poder instalado que perpetua diretorias em casas espíritas.

Outro tipo de poder emana do médium principal, que aconselha e dita ordens como verdades irrecorríveis.

Outro tipo de poder é marcado pela presença do guia espiritual que domina grupos, não permitindo iniciativas dos encarnados que vai se refletir nos presidentes perpétuos, ou "donos do centro".

E o que dizer das "Aristocracias", o processo da socialização do poder? Kardec sugere a relação do poder pela inteligência e pela moralidade, que denominou de aristocracia intelecto-moral.

O que quiz dizer Kardec no 1º capítulo de A Gênese: "infelizmente as religiões não são sempre instrumento de dominação"? (Edição FEB, pág. 17).

Não é interessante que a doutrina espírita tenha surgido através de vários espíritos e em várias partes? Não seria a intenção de diluir a autoridade? (A *Gênese* - Edição FEB - pág. 43).

O poder é realmente uma energia do indivíduo. Ou atua como um fluxo construtivo ou como um instrumento de dominação.

O poder tende a opor-se à ideia da igualdade entre as pessoas. A religião de hierarquia parece inevitável na convivência humana.

A questão 878-a, n'*O Livro dos Espíritos*: Mas se cada um se atribui a si mesmo os direitos do semelhante, em que se transforma a subordinação aos superiores? Não será isso a anarquia de todos os poderes?

Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro que outros e são todos iguais perante ele. Esses direitos são eternos; os estabelecidos pelos homens parecem com as suas instituições. De resto cada qual sente bem a sua força ou a sua fraqueza e saberá ter sempre uma certa deferência para aquele que o merecer por sua virtude e seu saber. É importante assinalar isto, para que os que se julgam superiores conheçam seus deveres e possam merecer essas deferências. A subordinação não está comprometida quando a autoridade for conferida à sabedoria". (*O Livro dos Espíritos* - Edição Edicel - pág. 336).

Este item 3.0 - "Sistema de Poder", fundamentou-se no estudo denominado *O Poder e o Movimento Espírita*, de autoria das edições DICESP, publicado no jornal "Espiritismo e Unificação", de abril de 1981.

4. - DIVULGAÇÃO - NA VISÃO DA COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

A mensagem espírita no seu conteúdo essencial objetiva conduzir o homem à realização do seu progresso moral pela vi-

vência do evangelho de Jesus à luz dos espíritos reveladores. No entanto, a mensagem espírita pode revestir-se de diferentes aspectos, conforme as necessidades próprias dos diferentes níveis de público.

O público em geral se interessa pelo espiritismo dispendo de expectativas diversas como: esclarecimento para as suas dúvidas relativas à natureza, origem e destinação de si mesmos, libertação de seus males, necessidade de ânimo e consolo para suportar seus sofrimentos, satisfação simples da curiosidade.

A mensagem espírita objetiva conduzir-nos à realizar progressivamente a nossa própria transformação.

De modo que a fundamentação científica seja o alicerce das nossas cogitações filosóficas; as decorrências filosófico-morais visem contribuir para as aplicações individuais; o conhecimento de nossa natureza essencial, a certeza da nossa destinação eterna; a realização da nossa contribuição fraterna na caridade desinteressada; a execução do nosso esforço constante de autoaprimoramento em todos os sentidos.

Este item 5.0 foi mais um comentário em cima de trabalho elaborado por Ney Prieto Peres, apresentado ao VIII Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas.

5. - A EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Pórtico de uma Realidade: os Primeiros Ensaios Dados pela Escola Espírita

As primeiras experiências vivenciadas por educadores espíritas coincidem con o chamamento do momento histórico, para que o espiritismo viesse a implantar suas primeiras escolas espíritas de caráter sistemático.

Este impulso dos idealistas e educadores espíritas pode ter recorrido em razão das solicitações formuladas por pais es-

píritas preocupados com os rumos tomados pela escola oficial e mesmo pela escola particular leiga, enormemente comprometida com uma mentalidade materialista e utilitarista, que vinha se chocar com o esforço dos lares e casas espíritas de evangelização e de educação moral religiosa, ministrada aos jovens espíritas.

Parece-nos que essas primeiras escolas espíritas nasceram com o propósito de oferecer ensino aos filhos de famílias espíritas. Essas primeiras escolas ou educandários espíritas, na verdade, não foram capazes de promover uma real educação diferenciada e inspirada na doutrina dos espíritos. Muito pelo contrário, em nada se diferenciavam dos educandários que anotavam educação leiga.

É verdade que esses idealizadores e educadores espíritas, que vivenciaram as primeiras experiências educacionais espíritas, tinham plena consciência de que sem uma pedagogia espírita sistematizada e aplicada, "só haveria escola comum com rótulo formal de espírita".

Muitos problemas ocorrem. Um deles, de consequências notáveis, foi o alheamento por parte de professores que eram espíritas, mas achavam que o espiritismo não precisava de uma filosofia da educação espírita, nem de uma pedagogia espírita e mesmo de uma educação espírita sistematizada.

Esse descuido doutrinário e pedagógico desses professores espíritas chegou ao cúmulo de haver contestação por vários deles à necessidade de existir um sistema pedagógico espírita.

Desta maneira, as primeiras escolas espíritas estavam distantes de uma filosofia da educação espírita, de uma pedagogia espírita e de uma legítima educação espírita.

O tempo passou. As coisas amadureceram. Uma nova mentalidade vem raiando. Ideais mais definidos surgiram na intimidade da própria comunidade de educadores espíritas. Surgiu uma rede

de educandários espíritas, desde pré-primários até universitários; entretanto, a problemática continua aberta: adotar uma pedagogia espírita e adotar uma educação espírita nos educandários espíritas.

O problema fundamental se expressa no seguinte questionário:

Na práxis espírita, quais os reais instrumentos de transformação que a educação espírita deverá empregar para promover mudanças humanas e sociais?

A teoria da educação espírita tem por finalidade transformar a ordem imperfeita existente na sociedade contemporânea?

A preocupação centrada na sistematização de uma filosofia de educação espírita e de uma pedagogia espírita precisa de bases epistemológicas que permitam a formulação de uma nova cosmovisão ou de uma nova mundividência capaz de fornecer uma visão de vida, de mundo, de homem e de destino, totalmente diferenciada das interpretações esgotadas das atuais doutrinas e escolas do pensamento materialista vigentes.

Toda práxis pede a identificação definida do instrumento real de transformação a ser empregado. A educação é o instrumento para a transformação da natureza humana e social.

Pórtico de Outra Realidade: A Educação Permanente

O planeta como mundo ainda de expiação é, portanto, um amplo educandário no qual se ministra a educação permanente.

A educação espírita, no seu caráter permanente e assistemático, tem muita identidade com a cultura espírita.

A cultura espírita, por sua vez, segundo Humberto Mariotti, identifica-se com a realidade bibliográfica espírita.

A bibliografia espírita brasileira, por sua vez, também tem se expandido à chegada ao nível de massa, facultando ao po-

vo sofrido que tenha acesso aos livros e a uma nova interpretação da vida, do mundo, do homem e do destino.

O centro espírita, por outro aspecto, realiza também educação permanente, atuando como instrumento de transformação dos que tomam contato com os ensinamentos espirituais.

Não podemos esquecer ainda que o progresso cultural da Humanidade, tendo por base o avanço das ciências e o desenvolvimento das técnicas, tem revolucionando as estruturas sociais, provocando profundas transformações na ordem social e moral de toda a sociedade humana.

Novas interpretações a respeito da vida, do mundo, do homem e do destino veem ocorrendo. Novas dimensões que vão ao encontro dos paradigmas ortodoxos e acadêmicos vigentes, pressionando a sociedade a repensar sobre novas soluções.

O advento da parapsicologia e da astronáutica tem contribuindo para a renovação pedagógica, abrindo espaço para o espiritismo. A percepção extrassensorial está correlacionada com as viagens siderais.

Um movimento de renovação pedagógica de tipo espírita aproxima-se e muito das conquistas parapsicológicas e vice-versa.

Fundamentos Para uma Filosofia da Educação Espírita

A filosofia tem que ser vista como doutrina de concepção de vida, de mundo, de homem e de destino e a pedagogia como doutrina de ideal da educação.

O valor que possa ter uma doutrina da educação de pendente do valor da concepção que essa doutrina possa ter.

Esta base filosófico-pedagógica fundamenta-se no contínuo, num processo que deverá se desenvolver do ser biológico para o social, desse ao ser moral e desse ao ser espiritual.

A filosofia da educação espírita transcende o biológico, o social e o cultural, penetrando no domínio pleno do espírito, através da moral.

A doutrina espírita apresenta uma síntese da evolução cultural da Humanidade, estabelecendo a fusão entre o saber humano e o saber espiritual.

Kardec chama-nos a atenção que não é possível ultrapassar certos limites do conhecimento sem purificação moral. E complementa noutra afirmação: "A Ciência e a Religião são as duas alcanças da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral...".

A fundamentação filosófica sustenta uma epistemologia espírita responsável pela elaboração de uma nova concepção geral da vida, do mundo, do homem e do destino.

Tornamos a considerar que as consequências morais ou religiosas do espiritismo não podem sobrepor-se aos seus objetivos filosóficos, que consistem numa renovação fundamental do pensamento, desde o campo das ciências até o da religião, da ética, da estética, da economia, da política, da pedagogia, de todo o conhecimento.

Humberto Mariotti, em *Necessidade Espiritual das Ciências da Educação* (Educação Espírita nº 4) diz: "Não se deve esquecer que a filosofia espírita da educação chegou à conclusão de que os valores essenciais do espírito, existindo em forma latente segundo a concepção palingenésica, requerem por isso mesmo uma orientação educacional da criança e do adulto para que se manifestem de maneira inteligente".

Fundamentos para uma Pedagogia Espírita

"A pedagogia espírita já existe. Está, por assim dizer, entranhada nos princípios doutrinários. Por isso mesmo, não es-

tá sistematizada. Assim também aconteceu com a pedagogia cristã. Entranhada nos evangelhos, inspirou a criação das primeiras escolas cristãs e os manuais educativos do cristianismo”.

O que é preciso que se compreenda, antes de encarar o problema em si da pedagogia espírita, é o processo histórico da renovação da cultura através de ciclos culturais que caracterizam as fases sucessivas da evolução humana.

Existe, portanto, a pedagogia espírita na própria estrutura da doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos será uma pedagogia espírita sujeita a revisões futuras. Uma pedagogia só será espírita se estiver fundada nos princípios espíritas.” (José Carlos Pereira - *A Educação na Era do Espírito*).

A elaboração da pedagogia espírita é uma necessidade urgente para a orientação do processo pedagógico nas escolas espíritas, que já são uma realidade social e cultural concreta. Nelas, os pedagogos espíritas, devidamente aparelhados com os instrumentos da cultura atual e com as sugestões doutrinárias, deverão se transformar em novos instrumentos culturais no campo do ensino e da educação.

Não podemos crer que professores espíritas continuem ignorantes das distinções entre educação e pedagogia, e mais ainda, que continuem a confundir pedagogia com métodos pedagógicos.

“As atividades pedagógicas do presente e do futuro terão de se caracterizar pela sua feição evangélica e espiritualista, se quiserem colaborar no glorioso edifício do progresso humano.” (Emmanuel, pág. 177 - 7ª edição da FEB).

Fundamentação Para uma Educação Espírita

O que podemos entender por educação espírita?

Essa expressão pode ser entendida como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o espiritismo está contribuindo para fazer surgir na Terra.

A educação espírita surge como um fato social produzido pelas transformações que se operam na consciência contemporânea.

A pedagogia é o acabamento de toda filosofia. A pedagogia orienta o desenvolvimento eficiente de toda a educação. A mundividência ou cosmovisão, essa visão do homem e do mundo que é a essência de toda filosofia, só pode transmitir-se de geração a geração através da educação. A educação espírita é a forja da cultura e, portanto, da civilização espírita que vem complementar na Terra a insipiente e contraditória civilização ocidental de fundamentos cristãos dos nossos dias.

Por outro lado, devemos considerar as observações oportunas formuladas por J. Herculano Pires em *Compêndio de Pedagogia Espírita* (Educação Espírita nº 2), "Uma Educação que não leve em consideração as realidades históricas e culturais está condenada a esgotar o seu conteúdo e morrer. A educação não age apenas no plano individual, mas também no plano coletivo. A soma dos processos educacionais de cada civilização resulta sempre numa síntese que tende a aplicar-se na civilização vindoura."

Estamos todos convencidos de que a educação é o problema básico da transformação do homem e, conseqüentemente, do mundo dos homens.

A práxis pede instrumentos eficientes de transformação destinados a promover mudanças humanas e sociais. A educação assim convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral, individual e coletivo.

A chave dessa transformação vincula-se à educação do **caráter**. Esta educação do caráter fará surgir um homem renovado. Ela está associada a uma ética intelecto-moral, que no social promoverá a transformação do egocentrismo em sociocentrismo. Ocasão em que as injustiças geradas pela brutalidade egocêntrica serão sanadas por outros recursos que não sejam pela pretensão da brutalidade sociocêntrica. O social, então, se resolverá em moral.

Formação do Novo Homem

A tarefa da educação espírita é a formação de um homem novo. A educação clássica greco-romana formou o cidadão, o homem vinculado à cidade à suas leis, servidor do Império. A educação feudal formou o homem monge, submisso a Cristo e sujeito à Igreja; a educação contemporânea universitária, acadêmica, forma o burguês, acumulador de bens, materialista. Eis o processo do desenvolvimento educacional. Cabe, portanto, à educação espírita coparticipar da formação do homem psíquico, do homem generoso, homem espírita, homem consciente, homem cósmico, a síntese de toda evolução anterior, conjugação de todos os componentes que se integrarão numa dimensão espiritual e cósmica.

Encerra-se a era da interpretação mecanicista (mecânica newtoniana). O próprio homem não pode mais ser visto como um grande computador, como um pacote mecânico de estímulo e resposta. Máquina de músculo, nervos e cérebro.

O velho paradigma vigente acadêmico resultou em um otimismo trágico. O mundo está em uma tumultuada agonia de parto. O atual caos pode ser as dores de um mundo em trabalho de parto – como assim viu Carl Rogers.

O paradigma está mudando. Está mudando a visão de mundo e a visão de homem. Nasce uma concepção completamente nova de **potencialidade humana**. Como viveremos com os conceitos novos?

O mundo da matéria, do tempo e do espaço, não existe mais de nenhuma forma fundamental.

Nossa visão do mundo sob a ótica da ciência linear de causa e efeito está enormemente superada.

Neste novo paradigma emergente, matéria, tempo e espaço desaparecem como conceitos absolutos ou como conceitos significantes (lei da entropia, da deterioração).

Existem apenas oscilações. A solidez de nosso mundo desapareceu. O velho paradigma não mais atende, não mais serve. "A ordem e a complexidade se desenvolvem a partir do processo de deteriorização ou entropia" (*Novo Sistema Teórico* - Ilaya Prigogine, 1980. Químico).

"Quanto mais complexa a estrutura – seja ela uma estrutura química ou humana – mais energia ela depende para manter esta complexidade". "O cérebro humano, com apenas 2% do peso do corpo, utiliza 20% do oxigênio disponível".(Sistema de Prigogine).

"Se estas flutuações são pequenas, o sistema as dissipa. Mas se são grandes, elas são aumentadas e ampliadas pelas conexões do sistema. Por fim, a perturbação atinge um ponto tal que o sistema, seja um composto químico, um indivíduo humano ou o social – é conduzido a um estado alterado, novo, mais coerente, mais ordenado e complexo. É uma nova forma de ser. Esta mudança não é uma mudança gradual, é súbita, com vários fatores operando ao mesmo tempo para forçar a alteração."

Como viveremos com estes conceitos novos?

Está nascendo uma concepção completamente nova de potencialidade humana. Ela está ameaçando qualquer complacência que possamos ainda sentir. O mundo biológico passa a ser visto como sendo compreensível apenas no contexto em que causa e efeito são reciprocamente interatuantes.

Com o advento da parapsicologia e da astronáutica, a renovação pedagógica de tipo espírita se impõe como necessidade mundial. Na própria URSS e nos países da sua órbita política já se iniciou, como informam Scheila Ostrander e Lyan Schoroeder, um movimento de renovação pedagógica com base nas conquistas parapsicológicas. A percepção extrassensorial é de importância básica para as viagens siderais e o problema da reencarnação modifica profundamente a concepção do educando. Nenhuma forma de educação pode ser eficaz e válida se não levar em conta as alterações científicas no conceito do educando.

Para a pedagogia espírita, o educando é um reencarnado que necessita de ensino adequado a sua condição de portador de experiências vividas em encarnação anterior. As novas gerações de educandos devem preparar-se para um novo mundo, onde só fenômenos mediúnicos serão indispensáveis à própria vida prática. A telepatia, a precognição e a retrocognição, a clarividência são faculdades novas que o homem de amanhã terá de usar nas viagens espaciais e aqui mesmo na Terra. O problema do paranormal tem de entrar forçosamente num sistema educacional e numa orientação pedagógica do futuro próximo. A educação espírita parece ser a única que poderia compreender as exigências da Era Cósmica, da Civilização do Espírito que está surgindo nesta fase de transição.

Os ritmos da Natureza são perfeitamente sintonizados. No momento em que as ciências rompem o seu arcabouço material e o homem se lança na conquista do espaço sideral, a mediunidade explode na Terra. A mente humana se abre para novas dimensões da realidade cósmica.

O intelecto não consciente tem sido capaz de incríveis proezas. A mente tem sido considerada uma entidade maior do que o cérebro. Surgem outras potencialidades humanas. Energias curadoras passam a fazer parte de uma medicina nova, a holística. A inteligência não consciente pode estimular novas funções corporais, pode curar doenças pode criar realidades novas, pode penetrar no futuro, ver coisas à distância, transmitir pensamentos diretamente.

O homem, para Kardec, é um espírito encarnado que reconhecerá o seu passado histórico, à medida que ilumine sua visão e intuição espirituais.

O homem espírita penetra na imperfeição e se instala conscientemente no inconsciente histórico, orientado-se para a evolução e o progresso.

O tema aborda o **problema do ser**. Pede novas interpretações ontológicas. Penetra na filosofia existencial à luz do espiritismo.

Pressupostos Conceituais

"O espiritismo é obra por excelência de educação."
(Leopoldo Machado)

"A educação é a chave do progresso moral".
(*O Livro dos Espíritos*)

"A tarefa da educação espírita é a da formação de um novo homem." (J. Herculano Pires)

"A educação deve atender às necessidades materiais do meio, às leis da Natureza, às repercussões da cultura mas, além de tudo isso, interessar-se pelo lado espiritual da vida".

"Só a educação poderá reformar os homens que, então, não precisarão de leis tão rigorosas". (*O Livro dos Espíritos* - questão 796).

"A educação espírita é a transformação do homem dando-lhe uma concepção de vida fundamentada na supremacia do espírito e dos valores morais. Ela se propõe a educar o caráter, como arte de manejar os caracteres". (*O Livro dos Espíritos* - mensagem do espírito Fénelon)

"O centro de uma nova educação deve ser o espírito, fundamentada na Lei da Espiritogenética".

"O espiritismo não pode ser encarado como doutrina divina desligada do contexto cultural terreno."
(J. Herculano Pires)

"A escola espírita deverá conduzir o educando à compreensão dos valores mais altos do espírito, através de uma nova concepção de si mesmo, da vida e do universo".
(Arnaldo Regis).

Conclusões

- O fato pedagógico e educativo é próprio da natureza humana em virtude do nível evolutivo do espírito encarnado na Terra.
- A Terra é um Planeta da Educação. O puro espírito é totalmente educado.
- Para a pedagogia espírita, o educando é um reencarnado que necessita de ensino adequado à sua condição de espírito em evolução.
- Quem é, portanto, educando? Todos os seres humanos, desde o nascimento até a desencarnação física na Terra.
- Quem é o educador? O educador é todo cidadão de dois mundos: o material e o espiritual.
- A filosofia da educação espírita modificará o valor semântico do termo empregado nas escolas – “formação”, substituindo o vocábulo “formação” por “maturação”.
- A educação espírita deverá ser vista como a transformação do homem, dando-lhe uma concepção de “vida” fundamentada na supremacia do espírito.
- A teoria filosófica espírita precisa se transformar em ação e prática da existência espiritual, única maneira de evidenciar a convicção ideológica que emana da realidade espírita.
- O método da doutrina dos espíritos baseia-se na dialética palingenésica do progresso e da evolução.
- No contexto social, o fenômeno social deverá ser visto como a transformação do fenômeno metapsíquico.
- O coletivo tem que ser visto como um fator espiritual.
- O espiritismo, mais do que religião cósmica, deve fundamentar os rumos da ideologia no histórico-social.

- O social se resolve em moral quando a existência não se fecha no círculo vicioso do egoísmo.
- Não pode haver práxis sem suporte filosófico.
- A sociedade avançará para planos mais elevados quando a compreensão do fenômeno da reencarnação for alcançada pelas demais doutrinas sociais vigentes.
- Identificar o momento histórico-social é obrigação de todo espírita.
- Todos os bens da natureza pertencem a todo o gênero humano.
- O capitalismo estrofia os homens.
- A doutrina social espírita não justifica a propriedade privada nem a herança.
- O espiritismo não é doutrina dos pobres, é doutrina de coparticipação. Condena a "concentração" da riqueza nas mãos de poucos em detrimento da maioria.
- A sociologia espírita vê os modos de produção correlacionados com os modos de evolução.
- As desigualdades, os conflitos da luta de classes se desdobram, penetrando nas realidades do mundo invisível.
- A doutrina social espírita assenta-se na lei de progresso e na lei da igualdade.
- As forças do espírito estão silenciosamente elaborando um novo sistema de vida social.
- É aos deserdados mais do que aos felizes que o espiritismo se dirige.
- Não entesouremos os bens em prejuízo dos outros. Nem roubemos.

BIBLIOGRAFIA CITADA (recomendada)

1. GUSDORF (Georges) - **Traité de l'Existence Morale**, Paris, 1949 - A Collin.
2. BOCHENSKI - **El Materialismo Dialético**, Madrid, 1962 - Rialp.
3. SCHELER. **Ética**, Buenos Ayres, 1948 - Revista de Occidente Argentina.
4. MACEDO (Ubiratan). **Introdução à Teoria dos Valores**, Curitiba-PR, 1971 - Editora dos professores.
5. AMORIM (Deolindo). **O Espiritismo e os Problemas Humanos**, Rio de Janeiro, 1948 - Gráfica Mundo Espírita.
6. RIZZINI (Carlos Toledo). **Evolução para o Terceiro Milênio**. 4ª Edição, 1982. São Paulo - Edicel.
7. MARIOTTI (Humberto). **Dialéctica e Metapsíquica**. Trad. Júlio Abreu Filho, 1980, São Paulo - Édipo.
8. PIRES (Herculano J.). **O Espírito e o Tempo**, 4ª Edição, 1979, São Paulo - Edicel.
9. KARDEC (Allan). **O Livro dos Espíritos**, Paris, 1947, Editions Du Griffon d'Or - Traduções Brasileiras - edições Pensamento, FEB e LAKE.
10. DICESP. **O Poder e o Movimento Espírita**, 1981, Santos-SP - Dicesp.
11. MARIOTTI (Humberto). **Os Ideais Espíritas na Sociedade Moderna**, Trad. de Elzio Ferreira de Souza, 1970, Salvador-BA - União Espírita Bahiana.
12. EDUCAÇÃO ESPÍRITA. Coleção de revistas, 1972, São Paulo - Edicel.
13. DENIS (Léon). **O Problema do Ser, do Destino e da Dor**, 8ª Edição, 1908 - FEB.
14. MARIOTTI (Humberto). **El Espiritu, La Ley y La Historia**, Buenos Ayres, Argentina - Editorial Ediciones Prédica.
15. MARIOTTI (Humberto). **Parapsicologia e Materialismo Histórico**, 2ª Edição, 1963, São Paulo - Edicel.
16. REVISTA "LA IDEA". Buenos Ayres, nº 275, abril de 1974.
17. RICHET (Charles). **Tratado de Metapsíquica**, 1925, Edição Espanhola

Octávio Melchíades Ulysséa é historiador e professor universitário.

Digitalização:

PENSE – Pensamento Social Espírita.

<http://www.viasantos.com/pense>

Março de 2010.